

**Universidade Anhembi Morumbi**  
**Sergio Sipereck Elias**

**Hospitalidade e imigrações internacionais contemporâneas:  
nigerianos em São Paulo**

São Paulo  
2011

**Sergio Sipereck Elias**

**Hospitalidade e imigrações internacionais contemporâneas:  
nigerianos em São Paulo**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Rosário Rolfsen Salles.

São Paulo  
2011

**Sergio Sipereck Elias**

**Hospitalidade e imigrações internacionais contemporâneas:  
nigerianos em São Paulo**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Rosario Rolfsen Salles.

Aprovado em

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA DO ROSÁRIO ROLFSEN SALLES

Universidade Anhembi Morumbi

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> ZEILA DE BRITO FABRI DEMARTINI

Universidade de São Paulo

---

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma obra conjunta onde várias pessoas depositaram um pouco de si para a sua concretização, assim não tenho como não agradecê-los de todo o meu coração.

À minha esposa Carolina, o seu amor é o sustentáculo da minha vida, sempre confiante no meu sucesso, em alguns momentos até mais do que eu mesmo.

Aos meus filhos, ah os meus filhos! Dias e dias de minha ausência que sempre foram retribuídos com um sorriso, aquele de criança, puro e esplendoroso, mesmo nos momentos mais difíceis eles tiveram uma paciência de monge para ter um pouquinho da minha atenção.

Aos meus pais, Beth que provoca a minha mente desde que nasci e Sergio que mostrou como enfrentar a vida com honradez, ambos entusiastas, torcedores, corujas mesmo, que foram responsáveis por toda a base ideológica sobre a vida, seus valores e seus amores, o que me fez capaz de tomar as minhas decisões, sem tantos dissabores.

Aos meus sogros, Lourdes, incentivadora constante e incansável e Hermínio, que além do incentivo forneceu subsídios de vida e de intelectualidade.

A Renata pelo seu incentivo e apoio intelectual que foram fundamentais para o meu desenvolvimento como pesquisador.

A Dirce por me apresentar aos Nigerianos desta terra.

A todos os entrevistados, que de uma forma corajosa escancararam as suas vidas para contribuir para este trabalho.

Aos meus colegas do mestrado pela força e incentivo nos momentos mais difíceis, somos cúmplices nesta empreitada.

À Alessandra Carvalho e à Alessandra Marota pela prontidão em me ajudar nas questões mais técnicas e burocráticas do curso, dando um ótimo exemplo de hospitalidade.

Ao professor Gilberto Back, que de forma pronta e entusiasmada foi o responsável pela elaboração de todos os mapas que ilustram esta dissertação.

À professora Silvia Dota, amiga e incentivadora, de uma paciência e competência exemplar na revisão deste texto.

À professora Sênia Bastos pelo incentivo, por compartilhar tão admirável experiência e conhecimento, pela paciência, pelo exemplo de profissional. Ao professor Luiz Octávio Camargo pelas contribuições à minha pesquisa e vida acadêmica, assim como por instigar-nos a refletir. À professora Marielys Bueno pela habilidade em compartilhar tanto conhecimento de forma tão descontraída e prazerosa, por sua simpatia encantadora. Ao professor Airton

Cavenaghi pelos seus momentos de incentivo incondicional. À Professora Zeila Demartini pela sua prontidão em colaborar com este trabalho. Em especial à professora e orientadora Maria do Rosário Salles por toda sua dedicação, sua competência admirável, companheirismo sem fim e por acreditar sem restrições neste trabalho, a sua presença foi fundamental.

A todos aqueles que não nomeiei, por esquecimento no momento de escrever, mas que nunca deixaram de ter valor na minha vida.

À Carolina, Gabriel e Rafaela,  
sem os quais nada valeria a pena!

## RESUMO

O presente trabalho trata do tema das migrações contemporâneas para o Brasil, tendo como foco de estudo, os nigerianos, que chegaram a partir de 1980. O objetivo do trabalho é focar a experiência imigratória de um grupo pouco estudado, à luz da teoria da hospitalidade, que poderá permitir entender, ao mesmo tempo, a trajetória do grupo e as formas de receptividade e acolhimento que caracterizam as relações entre os imigrantes e a sociedade receptora. Tem como embasamento teórico a idéia de que as migrações ocorrem por razões políticas, econômicas e sociais, cuja raiz encontra-se nas sociedades de origem dos imigrantes e, dessa forma, condicionam as relações e a forma de inserção dos imigrantes na sociedade receptora. Caracteriza-se como um estudo qualitativo que busca, por meio de entrevistas individuais, entender a trajetória e a inserção de parte deste grupo de imigrantes na sociedade paulistana. O grupo selecionado para a pesquisa é formado por nigerianos com curso superior formados no Brasil e em outros países. O método da história oral, na forma de histórias de vida resumida, fundamenta a coleta de dados. A pesquisa demonstrou que a inserção dos imigrantes nigerianos na cidade de São Paulo se diferencia dois grandes grupos, o que migraram para estudos e o que migraram para trabalho, ainda foi possível aferir que existem dois momentos importantes antes e depois das notícias de tráfico de drogas por nigerianos.

**Palavras-chave:** Nigerianos. Imigração. Hospitalidade. São Paulo.

## ABSTRACT

This work deals with the contemporary issue of migration to Brazil, focusing on the study, the Nigerian, who arrived in 1980. The purpose of this paper is to focus the immigration experience of a group little studied in the light of the theory of hospitality, which could allow understanding at the same time, the trajectory of the group and forms of openness and acceptance that characterizes relations between immigrants and the receiving society. Its theoretical basis of the idea that migration can occur for reasons political, economic and social, is rooted in the societies of origin of immigrants and thus constrain the form of relations and integration of immigrants in the receiving society. It is characterized as a qualitative study that seeks, through individual interviews, to understand the trajectory and the inclusion of part of this group of immigrants in Sao Paulo society. The group selected for the survey is made up of Nigerian university graduates trained in Brazil and elsewhere. The method of oral history in the form of short stories of life, based data collection. The research demonstrated that the inclusion of Nigerian immigrants in the city of São Paulo distinguishes between two major groups, who migrated to studies that have migrated to work and it has continued to assess that there are two moments before and after the news for drug trafficking Nigerian.

**Key-words:** Nigerian. Immigration. Hospitality. Sao Paulo.

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Origem dos estudantes imigrantes .....	39
Figura 2 - Continente Africano.....	42
Figura 3 - Delta do Niger e região florestal .....	42
Figura 4 – Grupos lingüísticos na Nigéria .....	43
Figura 5- Mapa migrações nigerianas.....	44
Figura 6- Divisão colonial da África .....	45
Figura 7 – Movimentos migratórios .....	46
Figura 8 – Orgiem dos entrevistados .....	62

### LISTA DE QUADROS

Quadro 1: População Emigrante na Nigéria .....	53
Quadro 2: Emigrantes nigerianos por país de residência.....	54

### LISTA DE TABELAS

Tabela1 - Nigerianos por unidade da Federação de residência em 01/08/2000 .....	56
Tabela 2 - Perfil dos entrevistados.....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE E IMIGRAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1 Hospitalidade .....	18
1.2 Imigração .....	23
<b>CAPÍTULO 2 - IMIGRAÇÃO AFRICANA NO BRASIL.....</b>	<b>38</b>
2.1 Imigração nigeriana recente no Brasil e o contexto do país de emigração.....	41
<b>CAPITULO 3 - RESULTADOS DE PESQUISA: ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>58</b>
3.1 – Amostra (coleta de dados) .....	60
3.2 – Análise dos dados coletados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE 1- INSTRUMENTO DE PESQUISA .....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICE 2- SÍNTESE DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a analisar o movimento migratório recente de nigerianos para a cidade de São Paulo, tendo como referencial a teoria da Hospitalidade, que nos fornece subsídios para tratar este movimento migratório, especialmente as suas motivações para deixar o país de emigração e as relações de alteridade no país de destino.

A questão que motivou a pesquisa foi perceber como se dão as relações sociais desse grupo específico de estrangeiros com os nativos do país escolhido para migrar, o acolhimento, o sentimento de pertencimento, enfim, os aspectos de hospitalidade no trato dessa recepção. O interesse pelo tema nasce da experiência profissional do pesquisador, que é advogado e milita na área de regularização de imigrantes na cidade de São Paulo. Mantendo contato profissional com nigerianos surgiram indagações sobre a alteridade desse grupo ao chegar e se instalar na cidade de São Paulo.

Existe grande dificuldade na obtenção de dados oficiais sobre a imigração nigeriana para São Paulo, em primeiro lugar, porque os dados existentes sobre imigração de pessoas provenientes do continente africano são tratados de forma única e não de forma diferenciada por cada país de origem, assim todas as fontes oficiais que tratam de imigração no Brasil mantêm um controle sobre imigrantes africanos sem distinção. Em segundo lugar, a representação diplomática da Nigéria no Brasil se negou a fornecer qualquer informação sobre a população nigeriana no Brasil alegando problemas de segurança nacional, deixando de contribuir para este trabalho.

Os dados aqui indicados foram obtidos por meio de contato com a rede de imigrantes instalados em São Paulo e nos faltaram dados oficiais para o confronto desses dados com as informações obtidas em entrevistas realizadas.

A história oral foi utilizada como método de coleta de dados, apreendendo trajetórias pessoais na forma de história resumida de vida (DEMARTINI, 1999), entrevistando oito nigerianos chegados na cidade de São Paulo entre os anos 1990 e 2000, quatro com curso superior concluído antes da emigração e quatro que procuraram formação em curso superior no Brasil.

Os deslocamentos que caracterizam os movimentos migratórios de longa distância se intensificaram a partir da década de 80 do século XX, em razão do processo conhecido como globalização. Tratam-se de movimentos que não são simples atos de viajar, mas que foram motivados, em geral, por razões políticas, econômicas e outras, fazendo com que se

diferenciem do simples ato de viajar, comum em todas as sociedades humanas desde os primórdios, considerados todos os tipos de deslocamentos na história. Podemos lembrar, por exemplo, que desde o período do Paleolítico em que “o ser humano era eminentemente nômade, deslocava-se de um lugar ao outro, seja em busca de alimentos para sobrevivência, seja para sua proteção em abrigos seguros” (BARBOSA, 2002, p. 12). Posteriormente, já como agricultor, o homem, embora mais fixado ao território, se desloca constantemente. Durante o período Medieval, conhecemos as viagens por motivos de comércio, estudos, religiosas, para tratamentos de saúde, bem como por outros motivos que estimulam o deslocamento e, provocando, por vezes, a fixação do indivíduo em um ambiente diferente daquele em que residia anteriormente.

Esses movimentos humanos geram, sem dúvida, a necessidade de uma estrutura para receber as pessoas que estão em trânsito, bem como um código de relações sociais que permita acolher, ou não, o estrangeiro.

O tema da imigração reveste-se de um caráter abrangente, devido aos grandes deslocamentos provocados pela imposição de um grupo dominante sobre outro, conhecido como escravidão e os deslocamentos livres, ou seja, de pessoas que escolhem emigrar por diversos motivos, que é o foco do nosso trabalho.

O fenômeno é particularmente interessante quando focamos o estudo na cidade de São Paulo, pois, segundo o IBGE, há um crescimento de imigrantes diferentes das correntes tradicionais para esta urbe, já que em 1980 representavam 18.402 imigrantes e em 2000 45.454 (IBGE, 1991-2000), imigrantes vivendo na cidade de São Paulo.

A própria dinâmica da globalização e as facilidades trazidas pelos meios de comunicação aceleraram o processo de migração livre, já que as pessoas têm mais acesso às informações, aos deslocamentos entre regiões, países e fronteiras. Além disso, as migrações constituem objeto privilegiado de estudo, na medida em que envolvem diversas disciplinas e áreas do conhecimento, constituindo-se, como afirma Sayad (1998), em um “fato social total”, apresentando-se o itinerário do imigrante, como um itinerário epistemológico, que se dá no cruzamento das Ciências Sociais, “como um ponto de encontro entre as disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas, (social, cultural, política, econômica, jurídica etc.), linguística, ciência política etc.”. (SAYAD, 1998, p. 15).

Assim, ao deslocamento no espaço físico, acrescenta-se todo o significado social, econômico, político, cultural etc. envolvidos no processo migratório. Dessa forma, o presente trabalho propõe-se a focar, dentro do vasto campo de estudo constituído pelas migrações - não

as correntes tradicionais dirigidas ao Brasil, bastante estudadas, de imigrantes que compõem o período da “grande imigração” (décadas finais do século XIX e primeiras do século XX) -, mas, sim, dentro dos movimentos migratórios mais recentes, aqueles provenientes do continente africano, em especial os da Nigéria, uma vez que além de ser um caso pouco estudado, constitui, como já foi dito, objeto de atividade profissional do pesquisador.

Os movimentos migratórios da Nigéria têm início na época da escravatura no século XVI, a facilidade de obter escravos nigerianos se deu pelas guerras tribais ali ocorridas, onde as etnias mais fortes e poderosas subjogavam os derrotados e os vendiam como escravos aos capitães de navios negreiros, que eram levados para a Europa e América Colonial.

No início do século XIX, com a chegada e domínio dos ingleses a migração foi controlada, mas não cessou, pois a Inglaterra necessitava de muita gente para as minas, agricultura e administração pública.

Mberu (2010) indica que entre 1901 e 1902 começa outro movimento migratório importante, milhares de nigerianos deixaram o país em busca de riqueza na Costa do Ouro (atual Gana) e Cotonou-Parakou no Daomé (atual Benin) para trabalhar em linhas de trem e em minas de ouro. Finalizados os trabalhos na estrada de ferro diversos nigerianos mantiveram-se onde atualmente fica o Estado de Gana.

According to Ghana's 1948 census, there were about 46,800 Nigerians, a number that later rose to 100,000 in 1959 following Ghana's economic development and the country's vigorous Pan-African movement after its independence.<sup>1</sup> (MBERU, 2010, p.2)

Do início do século XIX até a sua independência em 1961 estendendo-se até 1970, não houve movimentos migratórios importantes, em virtude do aumento do nível de vida da população pelo crescimento das exportações de petróleo que teve como consequência, um aumento da renda per capita do país. Durante esse período o movimento relevante que se verifica é apenas o dos filhos da elite que emigra para estudar fora do país, principalmente para a Inglaterra devido ao vínculo criado pela colonização.

Com as tensões políticas dos anos 1970 e 1980 diversos graduados nigerianos no exterior, não retornaram ao seu país, mantendo-se nos locais onde se encontravam que lhes oferecia melhores condições de vida como indica Toyin Falola, professor da Universidade de Austin no Texas, (*apud* BITTENCOURT e FERREIRA, 2006). Até os anos 1960 o país

---

<sup>1</sup> Segundo o censo de Gana de 1948, havia cerca de 46.800 nigerianos, um número que depois subiu para 100.000, em 1959, na sequência do desenvolvimento econômico de Gana e do movimento vigoroso do país Pan-africano após a sua independência.

possuía escolas de ótimo nível que foram sendo corroídas pela corrupção crescente do país e a desvalorização dos “cérebros” nigerianos, pois as Universidades passaram a sofrer influências políticas e como a consequência a perda de autonomia acadêmica, aliado ao fato da concorrência de universidades internacionais que oferecem melhores salários e condições de vida.

Como fator importante das migrações recentes da Nigéria, é preciso considerar o ajustamento econômico exigido pelo FMI nos anos 1980, aceito pelo governo nigeriano, e que acarretou uma brutal desvalorização da moeda local, que fez com que os salários baixassem muito.

Esse fato teve duas consequências correlatas e fundamentais para o movimento migratório recente. Em primeiro lugar, a fuga de bons professores para países estrangeiros, em especial o Reino Unido e os Estados Unidos, acarretou uma baixa significativa da qualidade do ensino na Nigéria. Assim, a geração que deveria concluir seus estudos nesse período não tinha as mesmas qualificações e, pressionada pelo péssimo desempenho da economia, emigrou em busca de melhores condições de vida, porém com menos oportunidades que os emigrantes das décadas de 1970 e 1980.

Dessa forma, verificados os pressupostos de emigração na Nigéria, o passo seguinte será identificar a distribuição geográfica da população emigrante por regiões de maior ou menor mobilidade de pessoas.

Há uma grande dificuldade em diferenciar as regiões da Nigéria, pois sendo um país extremamente plural em termos étnicos e que sofreu com diversas e intensas mobilidades populacionais por motivos religiosos, étnicos e econômicos, o que podemos nos arriscar a fazer, é uma distinção grosseira e superficial entre o Norte, próximo ao deserto do Saara pouco povoado e mais pobre, e o Sul, que abriga a cidade de Lagos antiga capital do país, onde se concentra a maioria da população e que constitui a região que se apresenta com mais recursos, em virtude da presença do maior e mais importante porto do país e da região da África Subssariana (região africana localizada ao sul do deserto do Saara), além das reservas de petróleo e gás.

Os movimentos migratórios da Nigéria, tanto os internos quanto os internacionais tiveram e têm grande influência na atual conjuntura do país. Como se afirmou, as migrações de professores e graduados para outros países, desde a década de 1980, tiveram graves consequências sobre a mão-de-obra qualificada do país.

Os movimentos migratórios para as regiões próximas ao que hoje conhecemos como Nigéria eram um fenômeno comum, já que as fronteiras políticas estabelecidas após a

colonização europeia na África não respeitaram as fronteiras étnicas e culturais, as pessoas migravam com muita naturalidade procurando novas oportunidades trazidas pelos colonizadores, porém verifica-se que as gerações que já nasceram dentro desses limites políticos estabelecidos, vivenciam outro padrão migratório.

A partir dos anos 1980 verificam-se dois perfis bem distintos de migrantes internacionais oriundos da Nigéria: um formado por estudantes que têm uma qualificação básica em seu país, pior que as gerações anteriores como mencionamos, embora ainda de boa qualidade, e que procuram outros centros acadêmicos para terminar ou aperfeiçoar seus conhecimentos; e, outro formado pelo grupo dos jovens de classes sociais de menor renda que, sem qualquer perspectiva de vida, se arriscam, às vezes de forma extremada, para cruzar as fronteiras, principalmente da Europa e das Américas, pois vislumbram uma vida de mais oportunidades.

As duas formas de migração se caracterizam por uma migração exploratória em um primeiro momento, pois se verifica que a maioria dos emigrantes nigerianos sai sozinho do seu país, os mais jovens porque ainda não constituíram família e mesmo os que já constituíram família saem sozinhos, procuram se estabelecer em outros lugares e aí levam as suas famílias juntos de si.

Portanto, a migração nigeriana que nos interessa discutir aqui é a ocorrida a partir de 1980, em busca de formação universitária e os “aventureiros” em busca de uma saída para a absoluta falta de perspectiva de futuro no seu país.

Entendemos que a teoria da hospitalidade, no sentido da teoria dádiva, desenvolvida por Godbout (1992) e MAUSS (Mouvement Anti-Utilitariste des Sciences Sociales), dirigido por Alain Caillé, pode iluminar o estudo sobre esse grupo que nos propusemos a focar, uma vez que pode estabelecer os vínculos entre o “hóspede”, no caso o imigrante, e o “hospedeiro”, a sociedade de acolhimento. Tratando-se de um grupo de imigração recente, as relações entre imigrantes e sociedade receptora, revestem-se de particularidades. Em visita recente (Outubro/2010) à Pastoral do Migrante em São Paulo, pudemos observar que o maior grupo imigrante que é recebido pela Pastoral é justamente o de africanos. Além disso, fomos alertados para o fato de que os grupos que procuram a Pastoral são aqueles que ainda não possuem suas redes dentro de uma comunidade já estabelecida e com vínculos, instituições e estratégias.

Sendo o objetivo deste trabalho a análise dos imigrantes nigerianos, cumpre-nos entender a realidade social do país de emigração como pano de fundo para os motivos de emigração dos nossos sujeitos. Para atingir os objetivos, propõe-se a utilização de um roteiro

de entrevistas semi-estruturadas com imigrantes nigerianos residentes na cidade de São Paulo chegados desde a década de 1980, apoiados metodologicamente em Alberti (2005), Thompson (1992), Demartini (1999) e Pollack (1992), além dos estudos desenvolvidos no Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU.

Tratando-se de um Mestrado em Hospitalidade, este trabalho tem como objetivo, entender, a partir das trajetórias individuais e grupais, as relações de alteridade no momento do encontro entre o migrante e a sociedade receptora, bem como o relacionamento dos nigerianos com os seus conterrâneos que aqui já estavam instalados, no período estudado, na cidade de São Paulo entre 1980 e 2000. Assim, entende-se por hospitalidade, tanto o acolhimento aos recém-chegados, dentro da própria comunidade nigeriana previamente estabelecida e dentro de instituições voltadas para o acolhimento dentro da sociedade paulistana, como a formação de redes e associações que desempenham esse papel. Ou seja, objetiva-se entender de que maneira se dá o contato entre esses imigrantes nigerianos e a sociedade paulistana no momento da chegada e da busca por emprego e moradia, por exemplo, se os imigrantes nigerianos recorrem à Pastoral ou Casa do Migrante, se desenvolvem redes de solidariedade dentro da comunidade, etc.

No Brasil, a escravidão negra durou três séculos e imprimiu uma marca indelével nas relações raciais e sociais entre brancos e negros, seja pelo preconceito direto ou pelo estereótipo criado em relação aos negros; assim um dos objetivos da pesquisa é perceber se os imigrantes africanos encontram problemas ao chegar ao Brasil e durante seu processo de adaptação, seja pelo preconceito em razão da cor da pele, seja pelos estereótipos criados a partir da generalização da imagem de “traficantes” ou mesmo pela invisibilidade de sua nacionalidade, na medida em que são vistos genericamente como “africanos”.

Kaly (2001) faz uma relação entre o ser preto e o ser africano partindo da ideia de que no Brasil o estereótipo do negro está ligado àquele pobre, miserável, morador de favela e ignorante atribuindo essa condição à questão da escravidão, ou seja, o ser preto tem uma condição inferior ao ser branco no sentido de o negro ter sido incluído na sociedade brasileira como escravo.

O escravo não possuía direitos antes da abolição da escravatura, ele era tido apenas como objeto e não como pessoa. Mesmo após a abolição dos escravos o negro passou a ser discriminado e ter toda sorte de adversidades para sua inserção social criando o estigma acima referido. Sendo pessoa sem inserção social ele passou a ser considerado pessoa de menor valor, subclassificado dentro da sociedade.

Recentemente, quando se acentuaram as correntes imigratórias provenientes dos países africanos, as relações entre os imigrantes e o país receptor, apoiaram-se na história anterior dos africanos no Brasil, e, de certa forma, forjaram o “africano”, desprovido de nacionalidade ou identidade cultural. Essas generalizações criaram estigmas negativos em relação à população nigeriana, além da vinculação desses imigrantes com o tráfico de drogas. No Rio de Janeiro, por exemplo, onde há uma forte presença de imigrantes provenientes de Angola, todos os africanos imigrantes recentes são conhecidos como “angolanos”, não importando a sua origem, e são identificados como malandros, ladrões e perigosos. Já em São Paulo, onde são generalizados como nigerianos, são reconhecidos como traficantes (KALY, 2007, p. 122)

A proposta deste trabalho é tentar mostrar essas especificidades, uma vez que entendemos que a designação, “imigração africana, diáspora africana” é generalizante demais, pois o continente africano contempla múltiplas realidades sociais. A sua divisão político-territorial, implementada à força pelo colonizador europeu, não respeitou divisões tribais existentes que ainda persistem e influenciam o dia a dia dos africanos, e essa situação gera conseqüências, inclusive, sobre as designações políticas e jurídicas de outorga de cidadania, levando a conflitos étnicos e perda de identidades.

Entretanto, somos forçados a discorrer sobre a “imigração africana” para traçar o contexto que cerca a imigração nigeriana. Para procurar dar conta da complexidade dessa experiência, e considerando-se que ela é muito recente, estruturou-se a presente dissertação em três capítulos assim distribuídos: um primeiro capítulo, intitulado Hospitalidade e imigração, no qual se apresenta o referencial teórico cujo recorte procurou atender aos objetivos da pesquisa, entendendo o processo imigratório como tendo sua origem no país emigrante. Um segundo capítulo designado como Imigração africana no Brasil, onde se apresenta a realidade do continente como pano de fundo para entender a realidade nigeriana e, finalmente, um terceiro capítulo como o nome: resultados da pesquisa e análise dos dados, onde analisamos as histórias de vida resumida coletadas, de acordo com a metodologia utilizada.

## CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE E IMIGRAÇÃO

Na medida em que a presença do imigrante é uma presença estrangeira ou que é percebida como tal, as “ilusões” que a ela estão associadas e que até mesmo a constituem, podem ser enunciadas como segue: são, para começar, a ilusão de uma presença necessariamente provisória, e, correlativamente, se nos colocarmos do ponto de vista da emigração, ilusão de uma ausência igualmente provisória [...]. (SAYAD, 1998, p.18).

### 1.1 Hospitalidade

As sociedades humanas são estruturadas segundo classificações sociais de diferentes ordens. Quando se tratam das relações entre “os de dentro” e “os de fora”, como entre autóctones e estrangeiros, criam-se fronteiras de diversas ordens, geográficas, ou sociais e morais, que definem de certa forma o pertencimento ou não ao grupo, tanto no aspecto material, formal, pelas fronteiras geográficas dos países, muros das cidades e a porta das residências, como no aspecto imaterial, que envolve aspectos psicológicos como é o caso dos estereótipos criados em função das diferenças visíveis como língua, religião, sinais ou características físicas, maneiras de vestir etc. e que podem constituir segregações e agrupamentos fechados.

Da mesma forma que ocorre a segregação, desenvolvem-se relações de alteridade entre os diferentes. A cidade como espaço atual de criação e manutenção das relações sociais, é um espaço que contém as contradições e diferenças. Raffestin (1997) se utiliza da dicotomia contida na mitologia em torno das figuras gregas de Hestia e Hermes para simbolizar as funções que estão na base das diferenças entre os de dentro e os de fora: Hestia como o ser fixo, imutável, de dentro, pertencente ao lugar e Hermes como o mutante, de fora, desconhecido, o estranho.

A hospitalidade se apresenta no momento do encontro entre o de dentro e o de fora, o eu e o outro, o conhecido e o desconhecido. “A hospitalidade, enquanto ‘ponte’ entre estes dois mundos, é um elemento sintático na vida social, que exprime a articulação entre o conhecido e o desconhecido, entre o localizado e o errante, entre o amigo e o inimigo, segundo as circunstâncias” (RAFFESTIN, 1997, p. 167).

Na história antiga, este sentido de hospitalidade fazia parte do cotidiano das pessoas, sendo um elemento fundamental da manutenção das relações de paz entre os povos, encontrado nas obras de Homero, Heródoto, entre outros. Derrida (2003 *apud* JAMUR, 2008, p.15), apresenta uma visão da hospitalidade “incondicional”, em que está implicada a acolhida do outro enquanto outro, que deveria se pautar não só pela aceitação da diferença (social, cultural, moral) do outro, mas, sobretudo, pelo aprendizado que o contato com o desconhecido proporciona” .

No entanto, “no plano material e no plano simbólico, estamos muito longe do mundo antigo, quando a hospitalidade se colocava como um dever fundamental e sagrado [...]” (JAMUR, 2008, p. 16). Realmente, na contemporaneidade, “a hospitalidade, antes dever fundamental e sagrado... cede lugar à rivalidade, à desconfiança, quando não à hostilidade e à xenofobia” (JAMUR, 2008, p. 16), sobretudo se considerarmos as experiências contemporâneas da imigração tanto nos países desenvolvidos, como nos emergentes.

Montandon (2003) indica que esta interação humana com o desconhecido é essencialmente desestruturada e desestruturante, mas dizer que a hospitalidade se resume, hoje, a interesses puramente comerciais, seria um erro, pois existem outras necessidades nas pessoas que podem ser satisfeitas, dentro das regras da hospitalidade, ainda que nos moldes das relações impostas pela modernidade e globalização.

Para que seja possível a realização da hospitalidade é necessário que haja o encontro entre dois mundos diferentes, e isto encontramos nos processos migratórios, como coloca RAFFESTIN (1997), que indica que o estrangeiro deve permear por duas fronteiras distintas, um material consistente nas políticas de migração dos estados e outra imaterial, que ele define como semiosfera.

A semiosfera, segundo o autor, é o espaço onde não há comunicação por desconhecimento dos códigos do outro, do estrangeiro, assim, tornando-se necessária a tradução destes símbolos para que a comunicação e o contato sejam possíveis.

Quem está no interior se refere a esses valores e a esses códigos e interpreta o que vem do exterior em função desse sistema de valores e de códigos. Este é um mecanismo que mostra o sentido ou não sentido com relação ao que vem do exterior. Vamos chamá-lo de semiosfera. A semiosfera é esse espaço semiótico fora do qual a semiotização não é possível. Sua fronteira tem um caráter abstrato, já que o “fechamento da semiosfera é revelada pelo fato de que ela não pode ter relações com o que lhe é estrangeiro. Para que os elementos do exterior adquiram para ela uma realidade, é preciso “traduzi-los” na linguagem do espaço interno ou semiotizar os fatos não semióticos (RAFFESTIN, 1997, p. 168)

A tradução é a fronteira, é justamente o momento em que há o contato, o conhecimento do outro ou dos seus símbolos permitindo a comunicação.

A transposição da fronteira material não significa, necessariamente, a transposição da imaterial, pois esta depende de diversos fatores não mensuráveis, onde a sociedade receptora vai acolher ou não este estrangeiro.

O estrangeiro que pede hospitalidade pode ultrapassar o limite material que o separa de um lugar com que ele sonha, ou pôde sonhar, mas ele se confronta, em quase todos os casos, com o limite não visível da semiosfera do lugar de acolhimento: essa é muito mais perversa porque, mesmo sem ter de ultrapassar, é ela que lhe dará um sentido ou lhe recusará (RAFFESTIN, 1997, p. 169).

O limite material pode ser vencido, o estrangeiro pode ser admitido no território de outro Estado, porém, transpassar a fronteira imaterial é mais difícil, seja porque ela é invisível, seja porque não há regras claras, dependendo de cada sociedade, gerando situações onde o estrangeiro mesmo admitido no território não estabelece comunicação com o nacional, não penetra na semiosfera indicada por Raffestin (1997), portanto não existe alteridade.

Baptista (2008, p. 157) define a hospitalidade como “um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. E esta relação não é sempre de acolhimento, gerando por vezes a hostilidade, o que difere estas duas atitudes depende da disposição de o ser humano em arriscar o encontro, isso porque o outro representa sempre o desconhecido e a vontade humana é carregada de desejos de conhecer o outro como forma de preencher um vazio interior, de saber o que mais existe além da própria existência, ao mesmo tempo em que tem medo da desestruturação que este mesmo encontro pode criar.

A dicotomia que move o ser humano entre querer conhecer o outro e temer o outro pode ser vencida por meio da hospitalidade, pela aceitação de receber e manter contato com o outro, ou, segundo Raffestin (1997), permitir a tradução da linguagem do outro para o ingresso naquela semiosfera.

Esse fenômeno ocorre tanto por parte do nacional que estabelece contato com o estrangeiro e também do estrangeiro que mantém contato com o nacional, embora em menor intensidade, pois o deslocamento da sua terra natal para um país estrangeiro torna-o, *a priori*, disponível para o diferente.

Nessa perspectiva, é possível entender as relações entre a sociedade receptora e os imigrantes, de uma perspectiva das trocas de experiências entre dois mundos e culturas

diferentes, ampliando o campo de estudo do processo imigratório no sentido de entender as posições ocupadas pelos imigrantes face à sociedade que recebe.

Já que a hospitalidade se apresenta no encontro com o outro, o estrangeiro, o desconhecido, temos que a segurança do anfitrião é abalada nesse encontro e ao mesmo tempo gera a curiosidade sobre esse desconhecido. Para o estrangeiro implica apreender os códigos legais e de hospitalidade local. Para o anfitrião implica quebrar paradigmas, idéias e poder aceitar o estranho, ainda que nos limites impostos pelas restrições.

[...] considera-se o estudo da hospitalidade um caminho fértil para o entendimento da complexidade das relações sociais no mundo contemporâneo globalizado, em que as fronteiras não são rígidas e aparentemente se diluem, mas que de fato, aprofundam as diferenças e desigualdades que a teoria da hospitalidade pode ajudar a entender e desvendar (SALLES; BUENO; BASTOS, 2010, p. 12).

Ou seja, é possível o encontro entre diferentes na sociedade contemporânea, para além das relações de hostilidade, ou seja, é possível a emergência de “lugares de hospitalidade”, como denomina Baptista (2008), no seio da sociedade contemporânea?

Camargo entende a hospitalidade substantiva como sendo “o fato social que se concretiza no encontro de alguém que recebe (anfitrião) e alguém que é recebido (hóspede) e a ética implícita nessa relação. Este fato social se desenrola desde a casa até os países” (CAMARGO, 2008, p. 27-28).

Na linha de pensamento de Lashley e Morrison (2004), Camargo (2008) esmiúça o conceito de hospitalidade quando cria categorias enquanto instância social indicando cinco delas, doméstica, social, pública, comercial e virtual. Para nossa pesquisa a categoria pública é a que mais interessa e assim a define o autor:

Pública - é a hospitalidade que acontece em decorrência do direito de ir e vir e, em consequência, de ser atendido em suas expectativas de interação humana, podendo ser entendida tanto no cotidiano da vida urbana que privilegia os residentes como na dimensão turística e na dimensão política mais ampla – a problemática dos migrantes de países mais pobres em relação aos mais ricos (CAMARGO, 2003, p. 16).

Sendo o ambiente urbano o local de maior concentração de pessoas é privilegiadamente nesse cenário que esses encontros ocorrem.

Camargo (2008) explicita a hospitalidade urbana, sugerindo a reflexão sobre as leis escritas e não escritas da hospitalidade, mesmo que ambas abranjam aspectos diferentes da

hospitalidade, como o preconceito, por exemplo, ou as leis escritas, como determinados comandos, como a obtenção de vistos e apresentação de documentos, determinados pela lei local, como condição de acesso e ingresso aos limites territoriais da fronteira. Assim:

[...] a hospitalidade, como modelo ancestral de troca, é também um fato jurídico moldado por regras ancestrais ao direito positivo, aquilo que chamamos de ética... Estamos diante de um fato que também é um direito, razão pela qual Mauss (1974) chamou a dádiva (e, por extensão, a hospitalidade que sempre pressupõe a dádiva inicial) de fato social total (CAMARGO, 2008, p. 30).

Sobre a cidade, como recebe e acolhe o estrangeiro, Baptista (2002) descreve a necessidade da criação de lugares de hospitalidade. A prática da hospitalidade é favorecida pelos lugares onde os relacionamentos acontecem, pois os relacionamentos se realizam com sentimentos de entrega e afetividade, e o lugar tem uma importância simbólica relevante para esse fim, criando ambiente que favoreça essa ligação por se tornar lugar de memória e carregado de significados.

A impessoalidade dos lugares, principalmente dos grandes centros urbanos, bares, cafés, hotéis etc. desfavorece que as pessoas estejam em contato e possam criar relações afetivas duradouras. Esses espaços estão configurados para encontros fugazes e rápidos, bem concatenados com o individualismo pós-moderno, de forma que não se criem relações duradouras e responsáveis, o que Baptista (2002) chama de não-lugares, ou locais desprovidos de qualquer carga afetiva para as pessoas que ali estão ou passam.

As sociedades urbanas, à medida que se desenvolvem e complexificam, vão perdendo o sentido da vida em comunidade, requeridos por uma solidária convivência entre as pessoas. É certo que o anonimato próprio da vida urbana oferece a vantagem de garantir certa privacidade, necessária também à afirmação de uma liberdade pessoal. Mas ao inviabilizar os tradicionais espaços de encontro, a vida urbana põe, por outro lado, em risco a emergência e a consolidação dos espaços sociais. Não é por acaso que muitas vezes escolhemos a metáfora da selva para designar os modos de vida na cidade que, em muitos casos, tendem a reduzir-se à luta pela sobrevivência. Ora, as práticas de hospitalidade, ao mesmo tempo em que salvagam o direito à privacidade e à intimidade, potencializam a socialização dos indivíduos separados inevitavelmente pelo mistério das suas subjetividades (BAPTISTA, 2002, P. 162).

A cidade, portanto, deve favorecer esse tipo de relacionamento criando espaços que privilegiem o contato humano de forma não artificial, não forçada, mas criar oportunidades de relações sociais preocupadas com o outro e não perpetuar os não-lugares. É preciso criar responsabilidades com o outro, criar formas de troca, de dádivas.

Se a hospitalidade se refere à relação entre o eu e o outro, o conceito de alteridade é necessário para entender esta dinâmica. Para compreender a noção de alteridade na dinâmica migratória, temos de diferenciar o nacional do estrangeiro. Jodelet (1998) enfatiza que a ideia da alteridade esta intimamente ligada à noção de identidade coletiva, muito importante para a nossa pesquisa no sentido de entender o que é o outro, segundo ela, “se insinua no próprio coração da identidade coletiva pela evidência da pluralidade social e cultural das sociedades contemporâneas” (JODELET, 1998, *apud* JAMUR, 2008, p. 21).

A ideia de uma cidade hospitaleira defendida por Matheus (2002) está ligada à identidade que as pessoas criam com determinado lugar, onde elas investem afetivamente, materialmente e profissionalmente de forma a criar ali uma sensação de pertencimento, segurança e necessárias trocas para a sua satisfação pessoal.

Se as cidades são “selvas”, lugares para garantir a sobrevivência, em nada elas contribuem para que as pessoas possam se relacionar e criar vínculos.

SALLES e BASTOS, (2008), num artigo sobre São Paulo, ao identificar diferentes fases de desenvolvimento urbano da cidade, desde o início do processo de urbanização, relaciona essas fases às diferentes levas de imigrantes que, ao chegar, experimentaram momentos de maior ou menor hospitalidade, em função, em grande parte da presença anterior na cidade, de imigrantes provenientes do mesmo país ou região, o que permitiu em muitos casos, a criação de redes de imigrantes, espaços de hospitalidade dentro mesmo das comunidades imigrantes, para os que vieram depois.

O que se ressalta no caso dos nigerianos, contudo, é a vinculação às levas de escravos provenientes da Nigéria no século XIX, o que, de certa forma, configura a imagem e o preconceito, além da identificação dos nigerianos como “africanos”.

## **1.2 Imigração**

O papel dos imigrantes na construção da sociedade contemporânea, sua inserção na vida cotidiana, é fato que não se pode negar; principalmente nos grandes centros urbanos. Os novos rostos, sotaques e culturas demonstram claramente que as pessoas se deslocam por motivos dos mais diversos. Martine (1994) traz um recorte analítico da ocupação das terras brasileiras, indicando a forma que os migrantes foram inseridos neste contexto, qual a participação deles na expansão e manutenção das fronteiras nacionais, chegando a análise da formação urbana brasileira.

Sendo os movimentos migratórios um reflexo dos acontecimentos mundiais, Patarra (2005) analisa a questão das migrações internacionais, como uma consequência da globalização. A pesquisadora faz um resumo de reportagens da mídia sobre movimentos urbanos, colocando como ponto fundamental para que este fenômeno fosse tratado como uma nova realidade social, uma matéria jornalística onde se estampa em primeira página que um milhão de brasileiros deixou o país. Essa saída de brasileiros ocorreu no mesmo momento de entrada de estrangeiros no Brasil, o que a conduz a analisar alguns pontos comuns para esta mobilidade: primeiro, a recessão econômica mundial dos anos 80 e 90, segundo o excesso de mão-de-obra e a falta de perspectivas para os jovens, portanto, estes mesmos motivos geraram uma saída de brasileiros em busca de melhores perspectivas e uma entrada de estrangeiros também em busca de melhores condições de vida.

Estes movimentos migratórios não obedeciam mais o padrão anterior das grandes migrações que o Brasil sofreu no início do século XIX, pois o fluxo de saída de pessoas do Brasil não era mais feito pelas camadas menos favorecidas da população e sim por uma classe social ansiosa por mudanças, como a busca dos padrões de vida do primeiro mundo, Já os estrangeiros que aqui chegavam também procuravam melhores condições de vida, sendo o seu padrão muito inferior ao brasileiro, as expectativas ao emigrarem para o Brasil era de melhora de vida, porém, muitas aqui encontravam também a miséria, desemprego e a escravidão feita pelos seus próprios conterrâneos, como nos casos conhecidos de bolivianos na cidade de São Paulo (SILVA, 2006).

Por fim, Patarra (2005) indica que estes dados estão ligados ao que foi discutido na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994 no Cairo, onde a ONU discutiu as migrações internacionais e indicou que a pobreza, instabilidade política e financeira, além da violência são os principais motivos das migrações contemporâneas.

A globalização representou, a partir dos anos 80, aproximadamente, a abertura das fronteiras ao capital e aos produtos internacionais e mercadorias, sem, contudo, representar uma abertura nos mesmos moldes, às pessoas e trabalhadores, impondo restrições à livre movimentação de pessoas entre os países.

Bauman (1999), discorrendo sobre a reorganização das sociedades pós- globalização indica que as pessoas se colocaram diante de uma difícil situação em seus países de origem, ainda mais aqueles provenientes de países em que o Estado não possuía forças suficientes para se sobrepôr à lógica mercantilista e consumista que se impôs no mundo. As pessoas passam a ter de consumir cada vez mais para alimentar a roda econômica imaginada nos

Estados Unidos da América Pós Segunda Guerra Mundial, e a lógica não é da satisfação buscada, mas da insatisfação permanente pelo que não se tem. Veja-se como exemplo a frenética e vertiginosa indústria de eletrônicos, que a cada dia lança uma novidade diferente, na maioria das vezes com funções que as pessoas não utilizam, mas que têm de consumir sob pena de estarem desatualizados. Bauman (1999) propõe que a sociedade atual é uma sociedade de consumo. Não que as sociedades anteriores não adquirissem bens de consumo, mas que apenas neste momento, “a maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor” (BAUMAN, 1999, p. 88).

A consequência dessa lógica de distribuição da produção ao redor do mundo se mostrou contraditória, pois em vez de fixar o trabalhador em seu local de origem forçou que os menos favorecidos deixassem sua terra natal em busca de formas de sobrevivência ou mesmo em busca de melhores condições de vida, pautados pelas necessidades impostas por esta nova sociedade.

O imaginário do imigrante, indicado nas obras de Sayad (1998) e Kaly (2007), é parte fundamental do processo migratório, o sonho da “terra prometida” é plantado de forma consciente e inconsciente naqueles que são alvos necessários à perpetuação do sistema.

Partindo dessa ideia, que a globalização é motor de novas ondas migratórias, seja pela facilidade de locomoção e acesso a informações, entre outros fatores, a nossa análise parte do impacto desses fenômenos no ambiente natural da pessoa que se desloca. Para Sayad (1998), “o imigrante é antes de tudo um EMIGRANTE, mas é necessário entender os motivos da emigração”, sendo necessária a análise das condições que existiam no local de origem do imigrante, que motivos o fizeram emigrar, porque o local de destino escolhido, dentre demais fatores.

A estruturação da sociedade por meio da ideia do contrato social proposto por Rousseau, em que as pessoas por meio de um pacto social ligam-se e emprestam poder ao que chamamos de Estado, recebendo em troca, do Estado, a proteção de seus direitos.

Os Estados modernos se criaram a partir de um tripé necessário para a sua existência e validade, são eles: território, povo e soberania, dentro do que nos interessa a soberania pode se apresentar sob duas formas, interna, que significa que este Estado tem o poder de fazer valer as suas decisões e externa, quando o Estado impede a influência de outros Estados nos seus assuntos internos.

Como forma de demonstrar o seu poder, os Estados de direito, aqueles submetidos às Leis, adotaram o sistema positivista para a criação de todo o arcabouço jurídico, baseado no

binômio fato – consequência jurídica, de forma a criar o máximo de segurança e previsibilidade na aplicação das normas legais.

Neste sistema, o controle das fronteiras do Estado é de fundamental importância, inclusive como forma de manter muito claro quem são os seus nacionais e os que são os estrangeiros, inclusive como forma de saber a quem ele deve ofertar proteção, como acima dito.

Para definir quem é o nacional que merece proteção e o diferenciar o estrangeiro que deve reclamar esta proteção de outro Estado, a Lei define os critérios de concessão da nacionalidade.

A nacionalidade de uma pessoa é dada pelo vínculo político-jurídico que esta pessoa possui com algum Estado reconhecido na ordem internacional. Assim presume-se que qualquer ser humano possua este vínculo com algum Estado. Esse *status*, segundo a doutrina jurídico-positivista presta-se a proteger as pessoas nos seus direitos fundamentais sendo que essa proteção deve, na sistemática do direito internacional moderno, ser garantida por algum Estado.

Quando o Estado passa da estrutura liberal para o Estado social as suas funções aumentam de tamanho e quantidade, pois agora o Estado interfere nas relações privadas para gerar o bem estar social, fornecendo educação, saúde, segurança, etc.

O estado, portanto deve fornecer aos seus nacionais condições de desenvolvimento digno, garantindo educação, criação de postos de trabalho, perspectivas de futuro, enfim todo o ambiente para que os indivíduos possam ter uma vida digna de trabalho e renda suficiente para viver, porém o fenômeno que designamos como globalização, gera uma situação que abala essa organização, pois os Estados perdem força para o capital privado e deixam de ter ferramentas para garantir o mínimo para os seus nacionais.

Faria (2010) analisa o quanto a estrutura jurídico-positivista faz frente ao fenômeno da globalização, indicando dois pontos que, no seu entender, abalam essas estruturas: primeiro a questão da hiperespecialização dos processos produtivos, entendendo que os Estados não mais atuam diretamente, com suas leis genéricas e abstratas, na regulação da economia e de diferentes setores da vida social. O segundo fator apresentado pelo autor é o poder econômico dos grandes conglomerados industriais que ao distribuírem as suas unidades fabris por todos os recantos do globo, ganham um poder de barganha extraordinário, sendo disputados por Estados que lhes oferecem terrenos, subsídios fiscais, modificam legislações, entre outros benefícios.

Essa falta de presença e força do Estado gera um sentimento de insegurança nas pessoas que buscam outros lugares e formas de vida para projetar ali o seu futuro gerando os movimentos migratórios.

Essa análise ajuda-nos a questionar o poder dos Estados para, efetivamente, controlar e regular os movimentos populacionais, já que, como coloca Sayad (1998) a migração é um sistema próprio que gira pela sua própria força. “Para começar, teremos, em primeiro lugar e necessariamente, o estudo da emigração propriamente dita ou, pelo menos, o estudo das condições sociais que a engendraram” (SAYAD 1998, p. 14).

O Estado se organiza de forma a manter uma estabilidade dentro das suas fronteiras, o surgimento de um elemento estranho, de fora, estrangeiro abala esta estabilidade, materializando esta organização na forma de norma jurídica, impedindo o acesso destes estrangeiros ao nosso território, porém existe a questão humanitária, que obriga o Estado e os seus nacionais por questões religiosas, morais e éticas em acolher o forasteiro.

Dentro deste panorama de movimentos migratórios, que sempre existiram, obriga os Estados a criar regras para a transposição de suas fronteiras, e estas regras são absolutamente temporais, obedecendo à necessidade e interesse de cada Estado em ter mais ou menos estrangeiros dentro do seu território.

Na elaboração destas regras o Estado não pode se fechar totalmente, pois a circulação de pessoas é uma necessidade humana desde sempre, e isto pensado em termos das necessidades do crescimento urbano são ainda mais urgentes, pois este crescimento gera a necessidade de mão de obra que freqüentemente é trazida de fora, e ainda o turismo que é uma fonte importante de renda para os Estados (GOTMAN, 1997)

Ocorre que a permanência de estrangeiros gera também custos para este mesmo Estado, já que esta estrutura, de bem estar social, implica no fornecimento de bens e serviços a estas pessoas.

Desta maneira a maior ou menor abertura das fronteiras do Estado deve ser regulada com o equilíbrio necessário para deixar penetrar no território aquele que interessa e ao mesmo tempo criar medidas jurídicas que impeçam a entrada dos não desejados.

Gotman (1997) descreve este fenômeno sob a luz da teoria da hospitalidade.

Se o turista adquire seu direito de visita, os deslocamentos de trabalho implicam na elaboração de dispositivos legais de filtragem e de controle para aquisição do direito de ingresso, de permanência e de instalação que se contradizem com o direito de livre circulação que esses estados proclamam. Enfim, as sociedades urbanas confrontadas com os limites dos dispositivos de solidariedade, apresentam cada vez mais dificuldades em integrar seus

próprios membros e vêm a renovação, à margem dos sistemas de redistribuição, de estruturas engendradas pelo fechamento progressivo das instituições de proteção social (GOTMAN, 1997, p.1).

No momento do desenvolvimento deste trabalho vigora a Lei 6815/80 que materializa a vontade do estado brasileiro para o ingresso, permanência e retirada dos que não tem a nacionalidade brasileira, que é definida pelo artigo 12 da Constituição Federal do Brasil (1988).

A lei de imigração brasileira (6815/80) determina critérios rígidos para a entrada, permanência e retirada de estrangeiros no Brasil. No momento da criação dessa Lei o mundo estava em plena crise econômica e não interessava a nenhum Estado receber mais e mais pessoas, o que o traria um ônus significativo.

Sendo a Lei a forma de expressão do Estado, considerando que o instrumento normativo é a manifestação de vontade do Estado em relação à sociedade, podemos afirmar que no momento da promulgação da Lei 6815/80, o Estado brasileiro não desejava a entrada de qualquer estrangeiro, apenas os qualificados, ou seja, aqueles que poderiam aportar recursos ao Estado e rejeitava aqueles que poderiam consumir recursos do Estado.

Esta situação permanece até os dias de hoje, o estrangeiro que queira permanecer no Brasil só o pode fazer por algumas situações bem específicas, ter um filho brasileiro, ser casado com brasileiro ou brasileira, ser contratado por empresa nacional, e isto só ocorre quando a mão de obra é tão especializada que não exista profissional com as mesmas qualificações no Brasil ou com investimento de R\$ 150.000,00, e gere empregos no território nacional, de acordo com a resolução normativo nº 84 de 10/02/2009 do Ministério do Trabalho.

Portanto o interesse econômico é parte considerável da política de imigração do Estado, como analisa Gotman (1997, p.5).

E, se ao lado dos fluxos crescentes de pessoas nomadizadas pelo trabalho, os conflitos políticos ou um modo de vida móvel, o turismo e o «movimento autônomo de viagens» que transformam os fluxos massivos de convidados pagantes e de populações inteiras em hóspedes profissionais, encontram junto ao Estado apoios e garantias, é que aqui o aporte monetário compensa significativamente a provação gerada pela hospitalidade.

Portanto vemos que a globalização, com a imposição da sua lógica mercantilista, gera a necessidade dos Estados criarem cada vez mais e mais elaboradas normas jurídicas para tentar controlar os movimentos migratórios, sendo que, o aumento dos fluxos migratórios é gerado exatamente pelo movimento globalizante, ou seja, estamos diante de um ciclo vicioso.

Como colocado anteriormente a globalização deseja a livre circulação de bens e não a livre circulação de pessoas o que concordamos com Gotman (1997) “Então o que distingue a imigração contemporânea das migrações anteriores é a importância dos novos meios jurídicos e administrativos do Estado na vida cotidiana” (GOTMAN, 1997, p. 6).

A lei, por ser comando abstrato e genérico não pode, por si, atuar na realidade do confronto existente no momento em que o estrangeiro chega à fronteira, pois isto se dá pelos funcionários administrativos do Estado que tem a função de aplicar este comando geral e abstrato ao caso concreto.

Este momento do encontro na fronteira nacional é justamente onde podemos verificar a existência de uma hospitalidade do Estado, a linguagem, a atenção que o imigrante recebe, tanto no sentido de bem servir como de verificar as suas atitudes como forma de encontrar ali algo que possa ser contrário aos critérios pré estabelecidos pelo Estado para o ingresso no país, ou seja, tudo depende da interpretação que o agente administrativo da norma colocada pelo Estado.

Então, mesmo que o Estado promulgue leis que procurem atender a necessidade humana de migração, de entrada e permanência, ou seja, leis hospitaleiras em termos de imigração, a aplicação concreta desta norma jurídica depende da habilidade e sensibilidade do agente administrativo e esta situação pode ser fatal para o momento hospitaleiro que se encerra.

Então admitir que as regras do serviço público – neutralidade, anonimato, regulação por terceiros – não podem funcionar sem um mínimo de relações interpessoais e de hospitalidade, é retornar à constatação de René Schérer, segundo a qual <<tudo o que o termo hospitalidade denota de afetivo, só vale universalmente pela sua transformação em direito. Uma preservação e uma promoção que é também um tipo de negação e de supressão>> (GOTMAN, 1997, p. 8).

Até aqui colocamos o problema partindo do pressuposto que as pessoas mantêm uma relação de nacionalidade com o Estado e aqui emprestamos ao termo nacionalidade não só o aspecto jurídico, mas também o social, a nacionalidade como sentimento de pertencimento a um grupo que é representado por tal e qual Estado, ocorre que a criação dos Estados, via de regra, não obedeceu à lógica dos grupos já instalados em determinada região, ou seja, levando em conta as suas similitudes, etnias, religião, identidades. A divisão do mundo em Estados como territórios firmes e fixados em termos geográficos e políticos seguiu a lógica da conveniência ou da conformação da equação de interesses políticos e econômicos dos dominantes.

Com essa lógica, Estados concedem a mesma titularidade de direitos e deveres, o mesmo *status* social, jurídico e político, ou seja, a mesma nacionalidade a pessoas que não têm a mínima identidade comum, nenhum traço que os identifique como parte de um mesmo grupo. Isto é corrente e gera tensões entre estas pessoas, chegando a conseqüências extremadas como assistimos a reação de alguns grupos como o ETA na Espanha, Zapatistas no México e assim por diante, que lutam por uma independência ou, como entendemos, lutam pelo reconhecimento das suas diferenças em relação ao país a que pertencem.

Essa reação de alguns grupos pode ser explicada pela ótica de Leite (2002), que discorrendo sobre o caráter nacional, inicia por uma discussão sobre a relação entre o estranho e o conhecido, indicando que o ser humano tem, em relação ao estranho, admiração e repulsa. Admiração pelo novo, pelo desconhecido, pelos novos padrões e ares que este traz já a repulsa pela falta de identidade de língua, gestos ou padrões de comportamento.

O autor aponta que em alguns indivíduos essas características podem ser extremadas e indica que esse comportamento pode ser conhecido como xenofilia, que seria a negação do indivíduo às características que o identificam a um grupo, ou a xenofobia, que se insere no campo da negação, ou não aceitação das características do grupo estrangeiro.

Partimos então da idéia de que esses movimentos separatistas se originam justamente da dificuldade, ou até a impossibilidade de aceitar as características de determinado grupo a que são forçosamente obrigados a conviver, e mais, que passam a ter a mesma identidade formal de nacionalidade, embora negando a igualdade de características, como um catalão não aceita ser classificado como espanhol.

Esse sentimento não é unânime, dentro de determinado grupo existem indivíduos que se incomodam com esta classificação mais que outros, porém se analisados em grupo, essa característica é revelada de forma destacada, o que leva a questionar a divisão mundial em termos puramente geográficos, sem levar em consideração as características de cada grupo que já habitavam aqueles espaços.

A África, quando colonizada, sofreu uma divisão territorial que não respeitou as etnias já instaladas, impondo uma divisão geográfica e política que criou problemas identitários. A história da unificação formal de etnias diferentes foi uma realidade, pois pessoas que não possuíam qualquer traço de identidade, língua, costumes e religião passaram a ser designados pela mesma nacionalidade. Os africanos sofrem duplamente esses conflitos identitários, internamente pela divisão territorial, que os obriga a viver sob um mesmo Estado sem que haja identidades comuns. Fora da África são vistos como africanos e não como senegaleses, nigerianos ou marroquinos. Assim, aquela identidade que precariamente vem sendo

construída pelas novas gerações, que nascem já sob a organização política geográfica imposta, são vistos de fora do continente como nacionais de um continente e não pela sua nacionalidade jurídico-formal.

Dessa forma, no nosso entendimento, tratar de imigração africana é impróprio, ou na melhor das hipóteses trata-se de um desrespeito pelos cidadãos provenientes de um mesmo território, porém de países, etnias, culturas e identidades diferentes. Não se pode analisar a África como um lugar único, uníssono, quando tratamos de imigração. O que existe é uma imigração nigeriana, congoleza, guineense etc., e não uma imigração continental.

Assim, como coloca Kaly (2007, p. 121):

Os estudantes que aqui chegam saíram de suas respectivas famílias, vilarejos, cidades como Ibo, Haussa, Fula, Bambara, Diola [...] pegam o avião para o Brasil como nigerianos, senegaleses, guineenses [...] mas desembarcam aqui como africanos. Enquanto os estrangeiros de origem européia, do resto da América-Latina, asiáticos e norte-americanos são referidos, tanto na imprensa como na vida cotidiana, a partir de sua própria nacionalidade

Como afirma Bourdieu (2000), as diferenças culturais são produto de um processo histórico dialético, em que as fronteiras, como produtos resultantes de um ato jurídico de delimitação, acabam produzindo a força cultural, do mesmo modo que são produto desta.

Grupos étnicos podem reagir à falta de reconhecimento da sua identidade reforçando movimentos religiosos, apelando a mitos de origem como uma forma de lidar com a fragmentação do presente. As identidades vão se reconfigurando em função de condições sócio-históricas, apelando a um “passado perdido”. No Brasil, um movimento de afirmação de identidade afro-brasileira foi a formação do candomblé, no qual as mulheres negras (re) criando a África imaginada têm grande importância na figura das mães-de-santo, como observa Opipari (2004, p.14 apud CAVAS e D’ÁVILA NETO 2010): em seu trabalho sobre o candomblé, citado por

Esta desterritorialização radical-geográfica, sociocultural existencial das aldeias da África deu lugar a reterritorializações muito criativas “[...] Esta recomposição dos territórios existenciais subjetivos trouxe processos de fabricação cultural de uma grande diversidade, um verdadeiro trabalho de produção de subjetividades criativas de formas heterogêneas de existir.

Tomando o candomblé como uma forte reestruturação das identidades dos africanos, como defende Santana (2009):

A partir desses estudos compreende-se que as dificuldades, sofrimentos e adversidades levaram os escravos a buscar nos parceiros de cativeiro a formação de relações internas de cooperação. Esse movimento foi

gradativamente se fortalecendo, dando-lhes um sentimento e uma identificação de coletividade. Na dispersão das nações africanas, os escravos levaram fragmentos da sua cultura que estavam, no entanto, dissociados das suas instituições (SANTANA, 2009, p. 20).

Assim, se considerarmos o candomblé como uma das formas importantes de reagrupamento dos escravos trazidos ao Brasil para a criação ou recriação de identidades perdidas, temos uma parte importante do povo nigeriano responsável por esta reconstrução, pois a língua utilizada nos rituais é de origem Yourubá, uma importante nação do que hoje conhecemos como Nigéria.

No caso brasileiro, produziu-se, no contato com os africanos escravizados, a miscigenação, o que contribuiu para a hibridação cultural como nos ensina Canclini (1997). O autor propõe uma análise das miscigenações culturais, tratando das questões da desterritorialização. Os contatos culturais, que vêm crescendo em quantidade e qualidade pós-globalização, impõem uma adequação ou miscigenação, nas palavras do autor que torna difícil dimensionar de forma precisa o antigo e o novo, pois os seus delineamentos estão turvados.

A presença anterior de nigerianos no Brasil reforça de certa forma a imagem estereotipada que se construiu na atualidade. É notória, entretanto, a falta de estudos sobre os nigerianos e sua experiência imigratória recente.

Além do mencionado trabalho de Kaly (2007), a imigração internacional recente de africanos tem sido estudada pela ótica da Demografia, (BAENINGER, 2000, PATARRA, 2005), ou ainda os estudos de luso-africanos em São Paulo (DEMARTINI, 2006), estudos recentes desenvolvidos pela Casa das Áfricas<sup>2</sup>, sobre assuntos diversos entre os quais a questão prisional entre os africanos no Brasil.

No processo de “desenraizamento”, o imigrante perde as suas raízes e referências simbólicas tendo de se adequar à nova dinâmica social. Assim, estamos nos referindo a processos de desterritorialização e reterritorialização:

Nos intercâmbios da simbologia tradicional com os circuitos internacionais de comunicação, com as indústrias culturais e as migrações, não desaparecem as perguntas pela identidade e pelo nacional, pela defesa da soberania, pela desigual apropriação do saber

---

<sup>2</sup> A Casa das Áfricas é um centro de pesquisa e de promoção de atividades culturais relacionadas ao continente africano instalada na cidade de São Paulo. O seu objetivo é contribuir para o processo de produção e ampliação de conhecimentos sobre as sociedades africanas e para o diálogo entre instituições e pesquisadores que tenham como foco de trabalho a África.

e da arte. Não se apagam os conflitos, como pretende o pós-modernismo neoconservador. Colocam-se em outro registro, multifocal e mais tolerante, repensa-se a autonomia de cada cultura - às vezes com menores riscos fundamentalistas. Não obstante, as críticas chauvinistas aos "do centro" geram às vezes conflitos violentos: agressões aos migrantes recém-chegados, discriminação nas escolas e nos trabalhos. Os cruzamentos intensos e a instabilidade das tradições, bases da abertura valorativa, podem ser também - em condições de competição profissional - fonte de preconceitos e confrontos. Por isso, a análise das vantagens ou inconvenientes da desterritorialização não deve ser reduzida aos movimentos de idéias ou códigos culturais, como é freqüente na bibliografia sobre pós-modernidade. Seu sentido se constrói também em conexão com as práticas sociais e econômicas, nas disputas pelo poder local, na competição para aproveitar as alianças com poderes externos (CANCLINI, 1997, p. 301-302).

Podemos inferir que esse movimento "pós-moderno", traz essa incerteza ao próprio migrante sobre sua identidade, e, também, aos nacionais dos países receptores que ignoram, às vezes por metodologias educacionais sistemáticas, a história e origem de outros povos.

Hall (2001) corrobora essa tese sobre a identidade pós-moderna. Na sua análise, a identidade pode ser dividida em três fases distintas, a do sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Nestas três concepções, indica um processo de mudança significativo, onde o primeiro é centrado no próprio eu, individualista, enquanto o segundo enxerga o "eu", como parte de uma sociedade fruto das suas experiências históricas e o terceiro tem uma identidade mutante, variável.

A nacionalidade dos indivíduos representa uma forma de identificação ao seu grupo. Designar-se como pertencente a uma nação, traz ao indivíduo a segurança jurídica, política e cultural de pertencer a um grupo, porém, o conflito de identidade se instala no momento em que os imigrantes de diferentes nacionalidades procuram reconstruir suas identidades em contextos de nações que não respeitam as etnias e peculiaridades de cada povo.

Essas reconstruções ganham força quando feitas ou refeitas em termos coletivos, ou seja, o grupo se "identifica" com uma nação, o que cria o pertencimento ao grupo.

Hall (2001), ao analisar o impacto da globalização sobre as identidades, indica que essa análise deve, necessariamente, percorrer a discussão de espaço e tempo, pois se as identidades são fortemente influenciadas pelas culturas nacionais, pelas representações que se fazem dos mitos e tradições inventadas que ligam o antigo e o atual de forma a criar uma cultura que se preste a abarcar a todos daquela nacionalidade, a globalização mexe inexoravelmente com esse espaço e tempo, tanto pelo encurtamento das distâncias como pela proximidade de diferentes culturas que cria.

A globalização nos inspira três questões: 1) as identidades estão se perdendo em prol de outras? 2) as identidades estão se reforçando como caminho de resistência à globalização? ou 3) estamos diante da morte das identidades antigas e criando identidades híbridas?

O autor conclui que as identidades não desaparecem, há um fascínio pelo novo, pelo diferente e isso faz com que as novas culturas sejam em parte absorvidas, mas esse escancaramento do diferente traz um movimento contraditório e interessante, a valorização do local, do regional, como parte de manutenção de uma segurança social e a necessária e inevitável absorção das novas culturas, somem-se a isso, as resistências, principalmente daqueles grupos dominantes que enxergam no outro a ameaça ao seu estado de poder e privilégios

Pollack (1992) trabalha com a idéia de memória e identidade, inferindo que a memória influi diretamente na identidade do ser humano. Começa diferenciando a memória individual e a coletiva, sendo que estas podem se dar tanto por fatos diretamente vividos pelas pessoas, quanto vividas indiretamente.

Essas experiências sensoriais e simbólicas refletem na constituição do que a pessoa entende por sua identidade, que sofre influências tanto das suas experiências passadas como nas experiências presentes.

Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p.5).

Uma determinada pessoa seleciona os fatos da sua vida, os vividos pessoalmente e os vividos por reflexo e então retira o que lhe é mais conveniente, passando a criar a sua identidade por meio destes símbolos apreendidos.

Por esse motivo é que vamos encontrar nigerianos que se identificam como africanos e outros, em oposição, que se referem à suas origens tribais, passando por todo espectro possível de identificação com um grupo. O fato é que no contato com a sociedade receptora, as identidades se reconstroem em novos formatos.

Esse fenômeno pode ser analisado historicamente, pois como verificamos na segunda leva de imigrantes daquele continente tratada por Kaly (2007) os escravos eram retirados das suas terras e eram apresentados aqui apenas como negros, o que se tornou sinônimo de africano. Não é raro, ao no depararmos com imigrantes do continente africano que são

brancos pela sua ascendência portuguesa, inglesa ou francesa, e a enorme surpresa por saber que são oriundos de países africanos.

Demartini (2006) relatando uma entrevista feita com uma jovem advogada africana, mas originária de uma família portuguesa, quando lhe pergunta sobre a sua identidade portuguesa, observa a perda da identidade de seu país, povoado ou tribo, que acaba sendo incorporada pelos imigrantes, pois já não se referem à sua origem tribal ou regional, mas apresentam-se como africanos.

[...] ao comentar seu nome, indagando se a mesma era de origem portuguesa, a resposta, emocionada, foi: Sou africana. Em seguida, esta imigrante, vinda durante o período conturbado de 1975, contou sobre suas experiências nesse processo, resumindo em uma frase: Vocês não sabem como é difícil ser africano! (DEMARTINI, 2006, p.137-153)

Outro problema que se coloca a todos os imigrantes no processo de saída de seus locais e países de origem é o que Sayad (1998; 2007), chama de “ilusão do retorno”, ilusão esta compartilhada entre imigrantes e a sociedade receptora, sendo que aqueles veem a permanência em outro país, como provisória. A questão do retorno, como se coloca para o imigrante aparece como um objeto de desejo do que emigra, sonho distante e possível, mas apenas motivador de forças para o cotidiano. O retorno de alguns apenas se dá quando é possível retornar apresentando sinais de sucesso. De certa forma, o país receptor se aproveita dessa situação, utilizando a mão-de-obra imigrante como barata e cooptada pelo medo e a vergonha do retorno.

Kaly (2007) analisa o retorno, ao abordar o caso principalmente de senegaleses que embarcam em navios, sem saber o destino ao chegar ao Brasil, se envolvem com qualquer tipo de trabalho. “ninguém aceita voltar, pois a volta é sinônimo de fracasso” (KALY, 2007, p. 133). Dessa forma, os movimentos migratórios, reforçados pela globalização, apresentam-se como movimentos provisórios, envoltos na ilusão do retorno, como diz Sayad (1998).

Questão que merece ser analisada quando tratamos do fenômeno migratório diz respeito às fronteiras, pois são exatamente elas que delimitam o ser nacional e estrangeiro, pertencer ao grupo ou ser alienígena, assim por diante. Paiva e Meihy (2007) discutem a questão da fronteira, como ela se enfraquece para os deslocamentos financeiros e recrudescem para os deslocamentos das pessoas, assunto que afeta diretamente a nossa análise, seja na entrada do imigrante como na sua permanência no país de destino, no nosso caso o Brasil, especificamente em São Paulo.

Gusmão (2008) trata desse tema, sua inserção, sua mobilidade interna, seus medos e aflições. A pesquisadora focou sua pesquisa em estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP, em duas universidades distintas, uma em Campinas, estado de São Paulo, e outra em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, entre os estudantes foram identificados dois grupos distintos, um de refugiados que se fazem estudantes e outro de imigrantes para fins de estudo.

Esses dois grupos mantêm entre si um traço comum, a necessidade do fortalecimento dos seus Estados-Nação que há pouco se estabeleceram na África, sendo que os do primeiro grupo, acreditam que a formação intelectual é uma possibilidade de libertação da situação precária em que se encontravam no seu país de origem. Já os do segundo grupo, imigrantes com finalidade de estudo, veem na formação internacional um instrumento de manutenção do *status quo*, de dominação política e econômica que suas famílias já gozam na África, ou seja, existe a necessidade de transpor a fronteira material e imaterial, anteriormente discutida, para atingir os seus objetivos, sendo que a transposição da fronteira imaterial, por vezes, fortalece o sonho do retorno.

A motivação que a pesquisadora indica para a escolha do Brasil para o estudo pode ser vista sob dois aspectos, o primeiro é a identidade que os países da PALOP possuem com o Brasil pela sua origem colonial comum e a grande miscigenação presente no país receptor, o que em tese traria uma facilidade em transpor a fronteira imaterial, além de instrumentos formais governamentais para o fomento do intercâmbio Brasil-África no campo da educação, o que sem dúvida é uma forma de facilidade para a transposição da fronteira material.

O fenômeno da imigração pela sua duração, repetição, generalização e por conter elementos estruturais para os estados, tanto de emigrantes como de imigrantes, pode ser considerado um sistema, “[...] é sistema porque é igualmente dotada de uma lógica própria, porque tem seus efeitos e causas próprias, bem como condições quase autônomas de funcionamento e perpetuação.” (S, 1998, p. 105).

O fenômeno da globalização gerou facilidades de locomoção e também escancarou diversidades, antes guardadas no interior das sociedades, e isso gera inquietações às pessoas, que se aventuram num mundo desconhecido, sempre motivadas por uma melhoria de vida, seja econômica ou social. A situação no país de origem é de extremo relevo para entender os motivos do descontentamento com o *status quo*, o que incomoda o emigrante e que o faz imaginar que em outras terras essas aflições serão remediadas, ou pelo menos serão substituídas por outras mais suportáveis.

O estudo passa, portanto, por um momento de entender o estado das coisas no país de origem do imigrante, como condição necessária para aí, sim, entender como se dá a sua entrada e inserção na sociedade que eleger para se instalar.

## CAPÍTULO 2 - IMIGRAÇÃO AFRICANA NO BRASIL

Não se habita impunemente em outro país, não se vive no seio de outra sociedade, de uma economia, em outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos... (SAYAD, 2000, p.14).

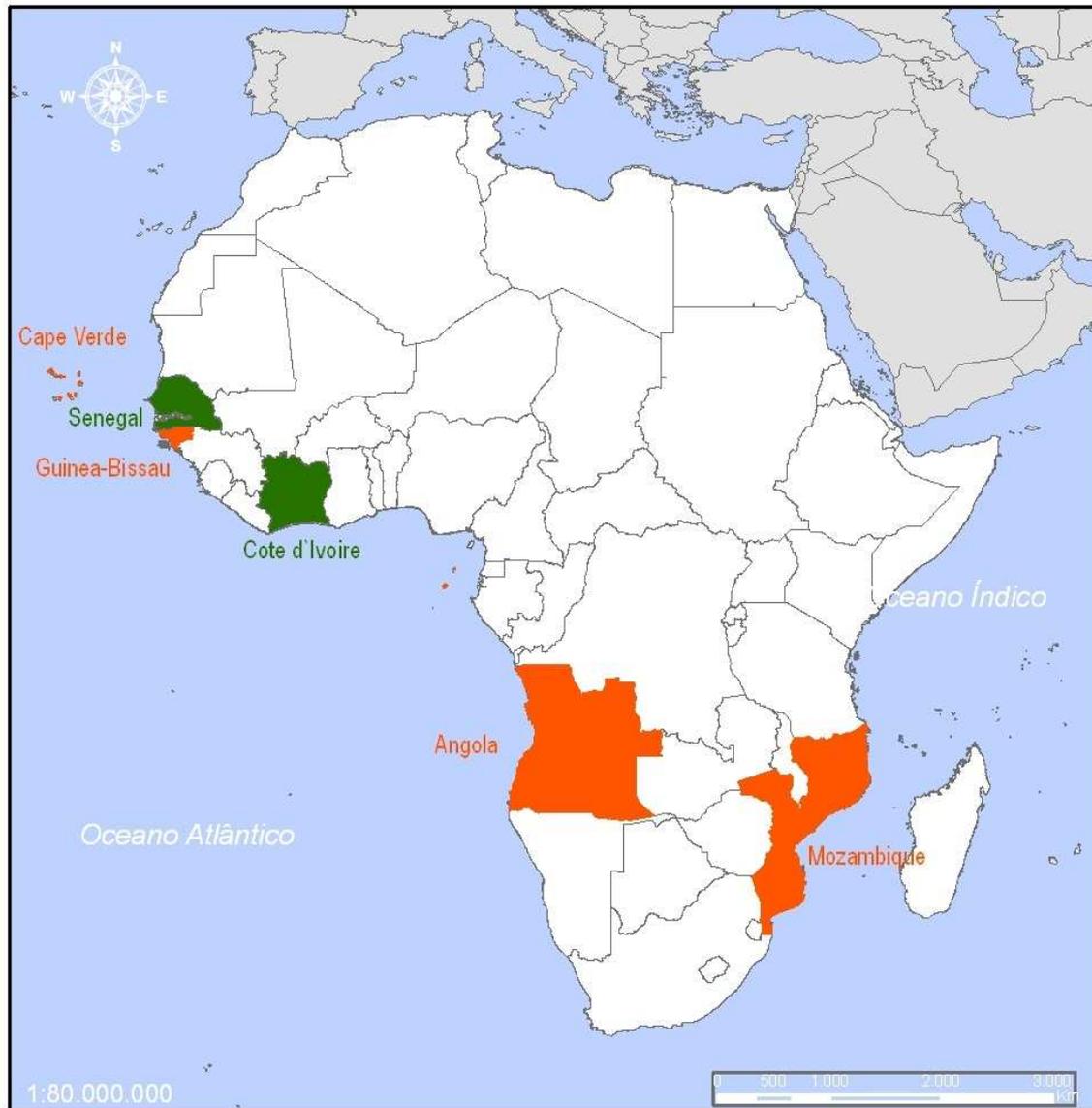
A dificuldade maior em se estudar a imigração nigeriana no Brasil é a sua identificação com a imigração africana de uma maneira geral, e em particular, dessa imigração com a questão da escravidão, primeira experiência africana no Brasil, cuja memória encontra-se ainda presente na vida brasileira, determinando as relações entre brancos e negros indiscriminadamente, e entre imigrantes africanos recentes e a sociedade receptora, sem que haja diferenciação de origem nacional destes imigrantes. Tratando-se de imigrantes provenientes do continente africano, há imediatamente a identificação como africanos e não como angolanos, nigerianos, congolezes etc., ficando essa identificação, para um segundo momento, a partir do qual também se adiantam algumas pré-noções, preconceitos, em função das atividades que praticam no país receptor.

Dessa maneira, nosso estudo passa necessariamente pelo estudo da imigração africana como caminho a identificar e individualizar a imigração nigeriana.

Segundo os dados disponíveis e os estudos sobre a imigração africana no Brasil, há pelo menos três grandes grupos em que eles podem ser classificados: 1) os estudantes universitários, 2) os que procuram melhores condições de vida e 3) os refugiados políticos. Esses últimos vieram, sobretudo, de Angola depois do período da Guerra Civil de 1992-93.

Segundo o Consulado de Angola, existem atualmente cerca de 15.000 angolanos no Brasil. Os ilegais são em número muito elevado, mas não há dados precisos sobre eles. Uma das principais contribuições aos estudos sobre a imigração africana recente é de Kaly (2007), sobre os estudantes africanos no Brasil. Segundo o autor, o primeiro grupo de estudantes veio na década de 1960 e era constituído de 16 jovens provenientes do Senegal, Gana, Camarões e Cabo Verde. Hoje os estudantes são provenientes de países da Guiné Equatorial, cujas línguas oficiais são o francês, o português e o espanhol, com bolsas dos seus países ou de organismos internacionais.

No caso dos países de língua portuguesa, provêm de Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e têm bolsas do governo brasileiro ou vêm financiados pelas próprias famílias como os senegaleses, e da Costa do Marfim.



## ÁFRICA - PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (ESTUDOS NO BRASIL)

- Países com bolsa do governo brasileiro
- Financiados pelas próprias famílias
- Outros idiomas

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
Lab. de Planejamento e Marketing Turístico  
Base Cartográfica: ESRI, 2005

Organização: Gilberto Back e Sergio Sipereck Elias, 2011

Figura 1- Origem dos estudantes imigrantes

É interessante observar que a maior parte dos escravos africanos no Brasil era proveniente de países que hoje enviam imigrantes, como Angola, Guiné, Nigéria e Moçambique, o que como se viu, reforça os estereótipos e preconceitos em relação a eles. O tráfico negreiro durou séculos no Brasil de meados do século XVI até a sua proibição em 1850, o que não libertou imediatamente os escravos, mas diminuiu seu fluxo para o Brasil.

Entre os séculos XVI e XIX, foram trazidos da África cerca de quatro milhões de escravos africanos oriundos de diversas culturas que aqui foram dispersos por todo o território brasileiro (Portal São Francisco, in:< <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-populacao-brasileira/historia-da-populacao-brasileira.php>> acessado em 22/10/2011). Chegando ao Brasil, um dos critérios de venda dos negros era a separação de etnias para evitar que pudessem se reunir e se fortalecer; a ideia era separá-los para que não mantivessem os laços e assim enfraquecê-los. Esse movimento fez com que as culturas originárias fossem enfraquecidas ou até desaparecidas.

Passado o período colonial, a independência do Brasil não lhes melhorou a situação, como indica Vida (2001, p.458) “No plano do reordenamento jurídico-institucional, necessário para a efetivação da Independência, o Imperador outorgou a Constituição de 1824, que excluía os negros libertos da condição de cidadão, se mantinha intacta a estrutura escravista.”.

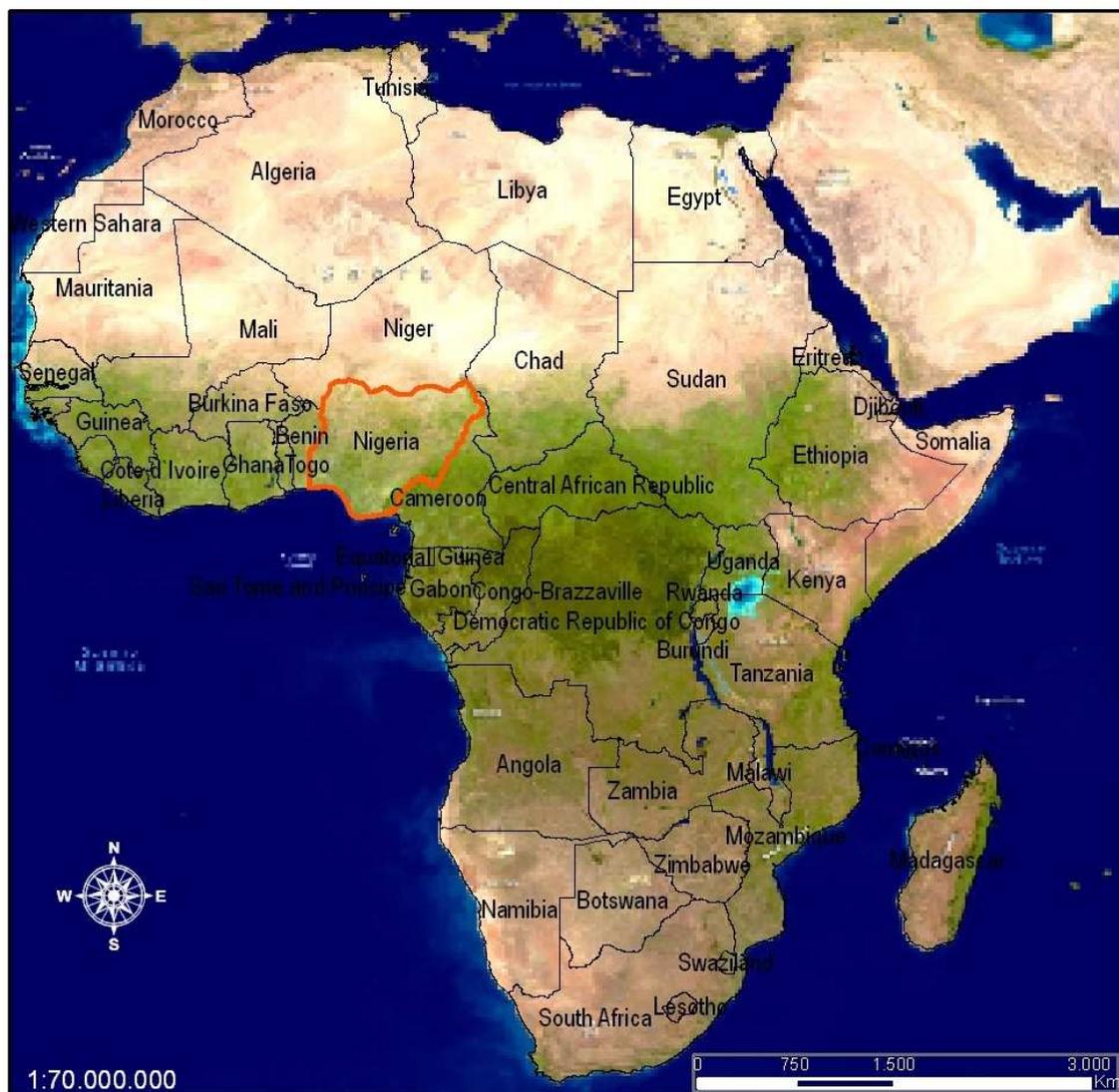
Dessa maneira, a identificação do escravo era sempre como africano, pois não interessava a qualquer senhor lembrar ao escravo a sua origem e a sua etnia. Essa homogeneização das identidades se transportou para o cotidiano dos séculos vindouros chegando aos nossos dias. Assistiu-se, então, a uma diáspora africana forçada, cujas identidades originárias foram desmembradas e destruídas ao chegarem ao Brasil.

Sendo o escravo africano tratado como simples mercadoria, este não possuía direitos como exemplifica o Alvará expedido em 23 de março de 1753, determinando como lícita a prática da tortura, que autorizava a tatuagem a ferro e fogo da letra “F” nas espáduas dos negros rebelados.

A libertação dos escravos piorou ainda mais a situação. Ao serem libertos, esses escravos eram considerados estrangeiros, pois, em parte, não eram nascidos no Brasil e mesmo os que aqui eram nascidos e gozavam de uma igualdade formal-jurídica, na prática eles sofriam toda a sorte de preconceitos, sendo tratados como cidadãos de segunda categoria, sobretudo porque passaram a ocupar as camadas mais baixas da estrutura social, com dificuldade de encontrar trabalho nas cidades ou mesmo no meio rural a que estavam mais habituados.

## 2.1 Imigração nigeriana recente no Brasil e o contexto do país de emigração

A Nigéria é um país localizado na região ao sul do Saara, chamada de subsaariana do continente africano, na chamada África ocidental, com uma população total de 155 milhões de pessoas em 2009, segundo o Banco Mundial, sendo o país mais populoso da África e conta com mais de 250 grupos étnicos diferentes (MBERU, 2010).



### CONTINENTE AFRICANO - NIGÉRIA

- Nigéria
- Demais países

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
 Lab. de Planejamento e Marketing Turístico  
 Base Cartográfica: ESRI, 2005  
 Imagem de Stéllite: NASA

Organização: Gilberto Back e Sergio Sipreck Elias, 2011

Figura 2 - Continente Africano

Praticamente todas as Etnias nativas da África são representadas na Nigéria, isso explica a grande diversidade do seu povo e da sua cultura. Foi na Nigéria que os povos bantu e semibantu, migrando do sul e do centro da África, misturaram-se com os sudaneses. Em seguida, migraram os demais grupos, tais como os shuwa-árabes, os tuaregues, e os fulanis que estão concentrados no extremo norte, dando seguimento às ondas migratórias que sacudiram o deserto do Saara.

Os primeiros ocupantes da Nigéria se instalaram na faixa florestal e na região do Delta do Níger.



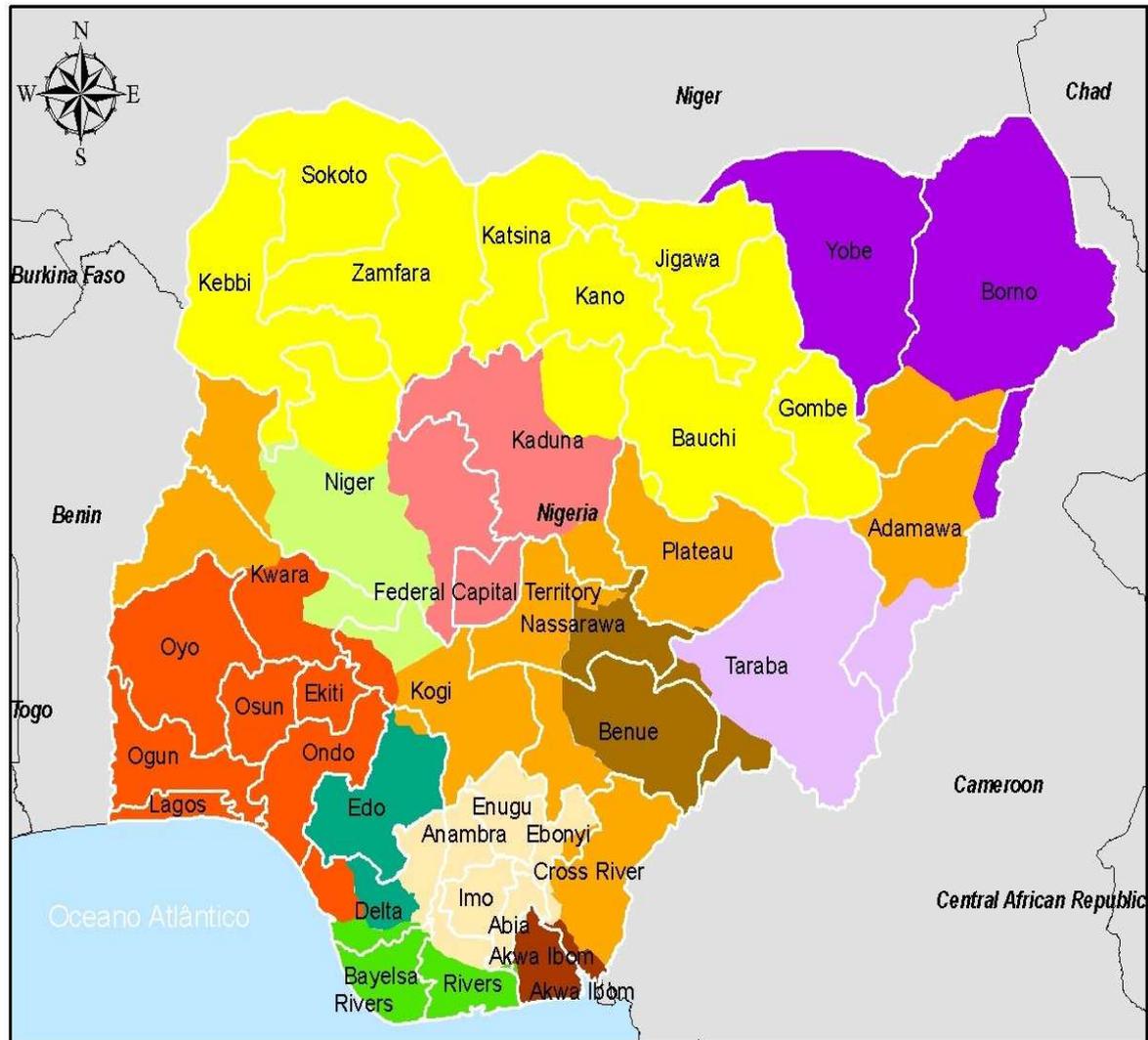
### NIGÉRIA - DIVISÃO POLÍTICA (Delta do Níger e Faixa Florestal)

 Divisão política da Nigéria

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
 Lab. de Planejamento e Marketing Turístico  
 Base Cartográfica: ESRI, 2005  
 Imagem de Stélie: Map Library, 2011  
 Organização: Gilberto Back e Sergio Sipreck Elias, 2011

Figura 3 - Delta do Níger e região florestal

Hoje, como já dito, estima-se que há mais de 250 grupos étnicos na Nigéria. Enquanto não há nenhum grupo com absoluta maioria numérica, três grupos principais detêm 60% da população: Hauçá no norte, Yorubá no oeste, e Igbo no leste. Os demais grupos incluem, segundo informações da Embaixada da Nigéria, os: Kanuri, Binis, Ibíbio, Ijaw, Itsekiri, Efik, Nupe, Tiv, Edo e Jukun.



### Grupos Linguísticos na Nigéria (1979)



Figura 4 – Grupos lingüísticos na Nigéria

Entre 1400 e 1900 mais de 12 milhões de africanos foram tomados como escravos e remetidos para o exterior, a maior remessa de escravos foi para as Américas no início do século XV, sendo que Nigéria, nesse período perdeu mais de 2 milhões de pessoas, “Estimativas do economista de Harvard, Nathan Dunn, indicam que a Nigéria perdeu cerca de 2 milhões de pessoas durante o período de 500 anos, dos quais cerca de 1,4 milhões de escravos foram enviados para as Américas” (MBERU, 2010)

A Nigéria tornou-se um protetorado britânico em 1901, sendo que a chegada dos britânicos organizou as migrações internacionais, pois os Ingleses necessitavam de mão-de-obra em larga escala, principalmente para as minas, agricultura e administração pública, com a colonização a Nigéria passa um importante movimento de migração rural-urbana, pessoas vindas de diversas partes do país movem-se em direção às cidades em busca de empregos e melhores condições e vida.

In addition, migrant laborers from different parts of the country, especially from rural areas, moved into Nigeria's regional headquarters and administrative and market centers in search of trade and gainful employment; destination cities included Lagos, Kano, Zaria, Enugu, Ibadan, Sokoto, and Kaduna, among many others. Of particular importance to rural-urban migration was the creation of mining towns and the linking of seaports in Lagos and Port Harcourt to rural areas via railways. (MBERU, 2010, p.1<sup>3</sup>).



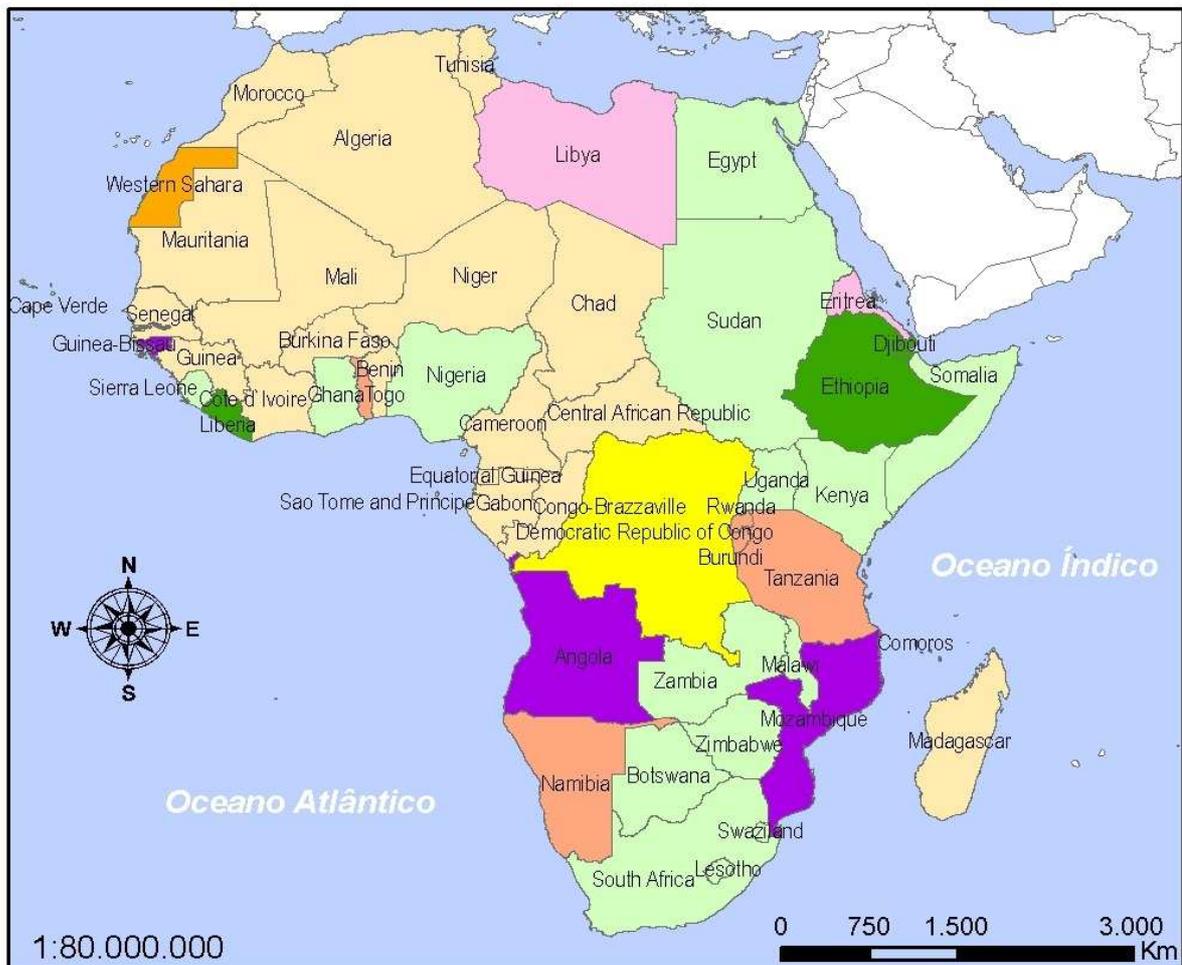
Figura 5- Mapa migrações nigerianas

Fonte: [http://www2.mre.gov.br/deaf/daf\\_1/nigeria1.htm](http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_1/nigeria1.htm)

<sup>3</sup> Além disso, os trabalhadores migrantes de diferentes partes do país, especialmente das áreas rurais, se mudou para a sede regional da Nigéria e centros administrativos e de mercado em busca de comércio e trabalho assalariado, as cidades de destino incluído Lagos, Kano, Zaria, Enugu, Ibadan, Sokoto, e Kaduna, entre muitos outros. De particular importância para a migração rural-urbana foi a criação de cidades mineiras e para a ligação dos portos de Lagos e Port Harcourt para as zonas rurais através de ferrovias. (tradução livre)

Ainda durante o período colonial a Nigéria era alvo de migrações regionais entre zonas rurais, tanto internas como internacionais, pois a cidade de Kano, no norte, por exemplo, fornecia boas instalações para o pasto, como poços, serviços veterinários e impostos mais baixos que as outras regiões.

Pelo fato de a administração colonial inglesa ser considerada menos opressiva que a francesa, a Nigéria atraía muitos estrangeiros. Mberu (2010) indica que entre 1931 e 1952 mais de 250.000 pessoas se mudaram para a região noroeste da Nigéria.



### Domínios colonias na África, (1880)

	Possessão francesa		Possessão Belga
	Possessão portuguesa		País independente
	Possessão inglesa		Possessão italiana
	Antigas colônias alemãs		Possessão espanhola

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI - Lab. de Planejamento e Marketing Turístico  
 Base Cartográfica: ESRI, 2005 - Fonte de dados:  
 Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Revista do Vestibular, 2010  
 Organização: Gilberto Back e Sergio Sipereck Elias, 2011

Figura 6- Divisão colonial da África

Nessa mesma época entre 1931 e 1952 os nigerianos também emigram como observa:

On emigration, an estimated 6,500 Nigerians moved to the then Gold Coast (now Ghana) and Cotonou-Parakou in Dahomey (now Benin) to work on rail lines and in gold mines between 1900 and 1902. After the railway was completed, some of the migrants became traders, and many left for Côte d'Ivoire after World War I. Côte d'Ivoire needed labor for cash-crop plantations established by the turn of the 20th century and the infrastructure improvements (ports, warehouses, railroads, and roads) designed to aid agricultural exports<sup>4</sup> (MBERU, 2010, p. 2).

Gana, por ser um país em franco crescimento, após sua independência, atraiu diversos nigerianos, sendo que os censos de Gana indicavam um crescimento de 46.800 nigerianos em 1948 e 100.000 em 1959, pressionado pelo número de migrantes. Gana, a partir de 1969, decide expulsar os estrangeiros, o que desloca o destino dos emigrantes nigerianos para outros destinos, principalmente a Costa do Marfim e Darfur (atual Sudão), por proximidade étnico-religiosa (MBERU, 2010).

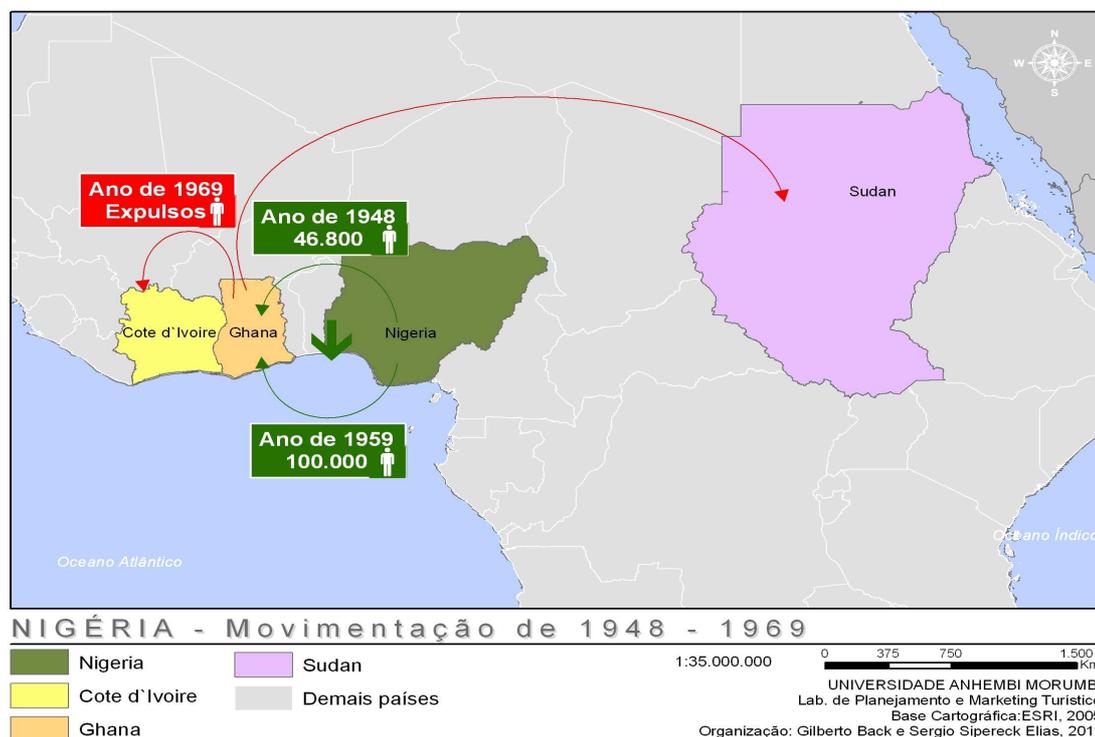


Figura 7 – movimentos migratórios

<sup>4</sup> Na emigração, um número estimado de 6.500 nigerianos mudou-se para a Costa do Ouro (atual Gana) e Cotonou-Parakou no Daomé (atual Benin) para trabalhar em linhas de trem e em minas de ouro entre 1900 e 1902. Depois que a estrada de ferro foi concluída, alguns dos imigrantes tornaram-se comerciantes, ficaram muitos na Costa do Marfim (Côte d'Ivoire) após a Primeira Guerra Mundial, para a colheita de caixas plantações estabelecidas pela virada do século 20 além das melhorias de infra-estrutura (portos, armazéns, ferrovias e estradas) projetados para facilitar as exportações agrícolas (tradução livre)

A partir de 1946, o governo britânico concede autonomia paulatina, até a independência da Nigéria, em 1960. A luta entre tribos leva o país à guerra civil, em 1966, quando um grupo de oficiais do exército, de etnia igbo, toma o poder e mata o primeiro-ministro Akubar Tafawa Balewa e outros dirigentes, todos da etnia Hauçá. O novo governo, sob a chefia do general Johnson Aguiyi-Ironsi, extingue a federação e centraliza o poder. Um contragolpe depõe Aguiyi-Ironsi, que é assassinado. Milhares de Igbos são massacrados. O governo do general Yakubu Gowon divide a Nigéria em 12 estados em 1967. Os Igbos do leste rejeitam a divisão e formam um país independente, a Biafra. O resultado é uma guerra civil que dura até 1970, quando Biafra é reincorporada à Nigéria. No conflito morrem entre 500 mil e 2 milhões de civis, quase todos Igbos (Portal São Francisco).

Essa instabilidade política e perseguição étnica fizeram com que os movimentos populacionais se intensificassem como demonstra o censo nigeriano de 1952-1953 que detectou que cerca de 257.000 pessoas do noroeste do país, em especial os Iorubas deixaram a Nigéria em direção ao sudoeste da costa do Marfim, Burkina Faso, Daomé e Togo, sendo que o autor associa esses fatos à reunião de grupos étnicos divididos por fronteiras artificiais. (MBERU, 2010).

O fluxo de nigerianos para países fora da região não foi importante entre 1946 até a independência do País em 1960, sendo dignas de apontamento apenas as saídas de estudantes das elites emergentes, entre a década de 1950 e 1970, para formação acadêmica, principalmente no Reino Unido e Estados Unidos, a fim de que o retorno desses jovens ajudasse a construir o novo país.

Esses estudantes, de fato, retornaram à Nigéria, como eram os seus propósitos. Ocorre que as instabilidades políticas constatadas a partir do meio da década de 1970 mudou esse panorama.

Em 1975, um golpe pacífico levou Murtala Ramat Mohammed ao poder, que prometeu um retorno ao estado civil. Entretanto, ele foi morto em seguida, tendo como sucessor Olusegun Obasanjo. Uma nova constituição foi promulgada em 1977, e eleições foram realizadas em 1979, sendo ganhas por Shehu Shagari. (Portal São Francisco)

Com a situação instável entre o final da década de 1970 até o final da década de 1980, somada à crise financeira mundial, o fluxo de emigrantes aumentou, porém ao contrário dos estudantes anteriores, muitos, senão a maioria, após se graduar no exterior nunca mais retornam a país.

Consequently, a well-developed culture of professional migration emerged. By 1978, an estimated 30,000 Nigerian graduates from UK higher institutions were living outside Africa, with 2,000 of them living in the United States. In 1984, the Nigerian population living in the United States had increased to 10,000 according to Afoloyan and colleagues; many were highly skilled.<sup>5</sup> (MBERU, 2010, p.5)

Além da fraca economia, os profissionais da Nigéria tiveram uma baixa significativa dos salários devido às medidas de austeridade do Programa de Ajustamento Estrutural, que o governo aceitou como condição para um empréstimo do Fundo Monetário Internacional, em meados da década de 1980.

Assim, as causas da emigração nigeriana recente advêm de várias vertentes, mas a instabilidade político-econômica e o declínio do ensino superior, que gerou muitos conflitos armados, são os fatores que elegemos como os mais relevantes para entender a emigração contemporânea de jovens daquele país.

Braide (2003 *apud* NWORAH, 2005) diz que na década de 1970, a descoberta de poços de petróleo gerou uma riqueza muito grande para o país, porém essa renda está extremamente concentrada nas mãos de uma pequena parte da população, o que também se torna um ponto de rebeliões de movimentos que esperam a divisão dos lucros advindos desta atividade.

Zago (2008) analisa a crise social da Nigéria a partir do recorte econômico da produção do petróleo, verificando que embora o sul do país, região do Delta do Rio Niger, seja a mais rica, também é a mais instável em decorrência das lutas pelo controle da produção de petróleo.

A instabilidade nigeriana concentra-se na região do delta do rio Níger, uma área de setenta mil quilômetros quadrados, que ocupa um território majoritariamente pantanoso. Possui, ademais, um total de vinte mil habitantes e reservas de petróleo que ultrapassam trinta bilhões de barris. O petróleo foi descoberto ainda na década de 1950 e, a partir de então, sua exploração ficou restrita a uma pequena parcela da população nacional em associação com empresas estrangeiras, com destaque para a anglo-holandesa Shell. Dessa forma, a riqueza advinda dos recursos naturais do país ficou centrada numa elite minoritária, enquanto a maioria da população enfrentou dificuldades na manutenção de seu bem-estar (ZAGO, 2009, p.19).

---

<sup>5</sup> Por conseguinte, uma cultura bem desenvolvida de migração profissional emergiu. Em 1978, cerca de 30.000 diplomados nigerianos do Reino Unido em instituições de ensino superior estavam vivendo fora da África, com 2.000 deles vivendo nos Estados Unidos. Em 1984, a população de nigerianos que vive nos Estados Unidos tinha aumentado para 10.000 e de acordo com Afoloyan e colegas, muitos eram altamente qualificados (tradução livre)

Essa riqueza gerou uma mobilidade dos nigerianos que passaram a viajar pelo mundo para poderem estudar fora de seu país; ocorre que essa euforia dos anos 1970, não sobreviveu à depressão mundial dos anos 1980 e 90. (NWORAH, 2005)

Ajibewa & Akinrinade (2003 *apud* Nworah 2005), descreve esse período como responsável por grandes massas de emigrantes, pois a decepção com os planos econômicos do Fundo Monetário Internacional - FMI. geraram descontentamento e uma falta de esperança de um futuro melhor.

Essa situação se agrava com a anulação das eleições de 1993 pelos militares, o que gerou revolta e desânimo nacional com as possibilidades de futuro. A desesperança aliada às novas possibilidades de crescimento profissional, intelectual e material que a globalização sinalizou às pessoas ao redor do mundo incentivou o êxodo de nigerianos para países que lhes poderiam proporcionar melhores condições de esperança no futuro.

O segundo ponto importante do êxodo foi a deterioração do ensino superior na Nigéria. O ensino superior na Nigéria em meados do século XX, chamado de época de ouro por Toyin Falola, historiador nigeriano, professor da Universidade de Austin no Texas, em entrevista à Bittencourt e Ferreira (2006), descreve o poder e influência que os professores universitários possuíam em razão da sua formação ocidental, eram poucos e o seu conhecimento lhes trazia uma notoriedade muito importante, exercendo grande influência política.

Na década de 1970, com a descoberta dos poços de petróleo, a Nigéria passou a gerar uma riqueza incalculável e todos aqueles que possuíam alguma influência com os militares, que estavam no poder, ficaram ricos e poderosos da noite para o dia.

Bittencourt e Ferreira (2006), baseados nas informações do entrevistado Falola, acreditam que essa riqueza corrompeu de forma violenta, os valores do povo, que passou a respeitar o dinheiro e o poder e não mais o conhecimento, gerando enfraquecimento das instituições de ensino, que passaram por um processo de fuga dos professores, que, por sua vez, passam a se dedicar aos negócios e à política para garantir a sua sobrevivência material. A pesquisa acadêmica nessa época foi impossibilitada pela falta de cérebros e recursos.

A sociedade passou a definir o *status* não em termos de conhecimento e educação nos moldes ocidentais, mas em termos de riqueza e materialismo. A influência da elite ocidentalizada que vinha desde meados do século XIX, entrou em rápido declínio na década de 1970. Os militares dominaram o poder e perdeu-se muito do respeito pelos professores universitários. A profissão começou a perder seu brilho. Professores universitários na Nigéria, e na maior parte da África, responderam da mesma maneira: "se você não pode vencê-los, junte-se a eles". Para participar do poder e do enriquecimento muitos

entraram para a política ou para o ramo dos negócios. Os professores universitários, a partir de então, precisavam prover a si mesmos, criando oportunidades para dispor de dinheiro e poder economizar para sua aposentadoria. A pesquisa se tornou gradualmente uma ocupação secundária e o compromisso com o ensino declinou (BITTENCOURT; FERREIRA, 2006, p.165).

O golpe fatal para a destruição da educação nigeriana veio em 1973, após o governo ditador retirar de forma brusca e profunda qualquer influência política dos professores universitários.

[...] no outono de 1973, o regime militar do General Yakubu Gowon afirmou, em um pronunciamento na rádio, que todos os professores universitários que desobedecessem às instruções do governo seriam obrigados a deixar suas residências oficiais. Parte das vantagens do trabalho era acomodação gratuita, uma herança dos tempos coloniais (BITTENCOURT; FERREIRA, 2006, p. 165).

Nesse cenário os jovens menos instruídos se tornaram parte significativa do fluxo de migrações, principalmente para o sul da Europa e Américas (MBERU, 2010)

A Nigéria retornou ao governo militar em 1983, através de um golpe que estabeleceu o Supremo Conselho Militar como o novo órgão regulamentador do país, assumindo o poder Ibrahim Babangida, que governou o país até 1993, sendo ele responsável pela redemocratização do país, em que pese o seu governo gerar muita polêmica entre os nigerianos.

Importante destacar o papel do chefe militar Ibrahim Babangida que governou o país entre 1985 e 1993, sendo o seu governo responsável pela tentativa de abertura e estabilização econômica da Nigéria. Esse governante é duramente criticado, pois, ao final do seu governo, gastaram-se bilhões de Nairas (moeda da Nigéria) sem resultados concretos para a população.

Depois das eleições de 1993, que foram canceladas pelo governo militar, o general Sani Abacha subiu ao poder, mas morreu subitamente em 1998, Abdulsalami Abubakar tornou-se o líder do Conselho Provisório de Regulamentação. Ele anulou a suspensão da constituição de 1979 e, em 1999, a Nigéria elegeu Olusegun Obasanjo como presidente nas suas primeiras eleições em 16 anos. Obasanjo e seu partido também ganharam as turbulentas eleições de 2003. (Portal São Francisco)

A República Federal da Nigéria é, atualmente, o país mais populoso da África, com cerca de 140 milhões de habitantes, segundo o site da embaixada da Nigéria no Brasil, com base em pesquisa realizada em 2005. Possui uma diversidade cultural muito grande na sua formação, pois ali se concentraram mais de 250 grupos étnicos migrados de várias partes do

continente africano e conta atualmente com 36 estados e 774 Municípios. (Portal São Francisco)

A capital do país até 1991 era Lagos, importante ilha que funcionou durante séculos como entreposto comercial entre os africanos e portugueses, mas também serviu de porta de entrada para os comerciantes ingleses renunciando a colonização. A partir de 1991 a capital passa a ser Abuja. A Nigéria tem como idioma oficial o inglês, porém foram identificadas mais de 374 línguas regionais, sendo as mais importantes, em termos de número de pessoas falando o hauçá, igbo, Ioruba, que representam as três principais etnias do país. Tem como principais religiões o Cristianismo, e religião tradicional. (Portal da Embaixada da Nigéria). Verificamos que grande parte da necessidade de emigrar dos nigerianos advém de um panorama sem qualquer perspectiva, de grande instabilidade política, principalmente para os jovens de um futuro razoável, entendendo-se como razoável um futuro que lhes acene com possibilidades mínimas de sobrevivência com dignidade, local para residir, o que comer e possibilidades de constituir uma família, mantê-la e educar seus filhos.

Esse cenário, acreditamos, passa a influenciar de forma decisiva a emigração, o que pode ser ilustrado pelos dados apresentados por Kaly (2007) quando descreve a origem da imigração africana contemporânea no Brasil. O autor indica que trajetória dos imigrantes africanos para o Brasil, é dividida em quatro grandes grupos: o primeiro grupo é composto pelos africanos que vieram como escravos junto com os Portugueses. A data de entrada dos primeiros escravos negros ainda é assunto a ser determinado. Segundo alguns autores, foi Pero Capico (1516-26) quem teria trazido diretamente de Portugal os primeiros escravos para trabalhar no início do cultivo da cana no Nordeste. Outros atribuem a Jorge Lopes Bixorda (1538). O tráfico negreiro ocorreu no primeiro século da colonização devido à falta de mão de obra e a que o índio não se adaptou ao trabalho agrícola, bem como a dificuldade de adaptação às condições climáticas por parte dos colonos portugueses (< <http://pt.shvoong.com/books/dictionary/2080146-etnias-brasileiras-introdu%C3%A7%C3%A3o-negro-brasil/#ixzz1bYYvPn4F?>, acessado em 21/10/2011>);

Os primeiros escravos negros chegaram ao Brasil com a expedição de Martim Afonso de Souza em 1530, vindos da Guiné. A partir da década de 1550, o comércio negreiro intensificou-se, sendo oficializado em 1568 pelo governador-geral Salvador Correa de Sá. Ocorreu que a expansão da cultura canavieira gerou uma crescente necessidade de mão-de-obra, a qual os portugueses tentaram solucionar, em um primeiro momento, apelando para a escravização da população indígena que aqui encontraram. A grande hostilidade e resistência dos indígenas aos portugueses e ao trabalho forçado levaram a substituição do escravo indígena pelo escravo africano. Este, além de solucionar a questão da mão-de-obra, representou o início de uma

atividade altamente rentável para os comerciantes portugueses e para a Coroa. Ao longo desse período, Portugal desfrutou amplamente do domínio que havia consolidado em diversas regiões da Costa africana (Guiné, Costa do Marfim, Angola, Moçambique, arquipélago de Cabo Verde e Congo), de onde vieram a grande maioria dos escravos trazidos para América portuguesa (DUARTE, 2008, in<  
<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=384&sid=60&tpl=printerview>, acessado em 21/10/2011)

A segunda leva é constituída pelos também escravos entre os séculos XVI e XIX; negros arrancados de sua terra, que se misturaram a tantos outros de etnias e localidades diferentes, sendo todos tratados como africanos, e mesmo após séculos de fixação em algum lugar e participação efetiva nessas comunidades, e, ainda, mesmo após os movimentos de independência das colônias continuaram a ser tratados como seres inferiores.

A terceira leva tratada pelo Autor é de estudantes africanos, chegados aqui na segunda metade do século XX. O primeiro grupo, chegado na década de 1960, era composto por 16 estudantes oriundos do Senegal, Gana, Camarões e Cabo Verde. Os primeiros estudantes chegaram cheios de estigmas, carregando o estereótipo de pessoas inferiores, sem cultura, pobres coitados que vêm buscar a luz para a sua ignorância, e essa estereotipização não parte apenas dos brancos, mas também dos negros brasileiros, que se acham superiores aos negros imigrantes recentes. A partir desses primeiros estudantes, ano após ano chegam novas levadas de imigrantes para estudar, provenientes de países africanos, principalmente a partir da independência dos países africanos.

A quarta leva de imigrantes oriundos do continente africano se deu entre a década de 1980 e a primeira década deste milênio, os quais estão divididos em dois grupos: 1) os fugidos das guerras civis em Angola, Moçambique, Congo, Libéria, Serra Leoa, e 2) o segundo grupo composto por imigrantes jovens sem qualquer perspectiva em seu país dispostos a correr todo tipo de risco em busca de melhores condições de vida.

Não há consenso sobre o número de emigrantes nigerianos espalhados pelo mundo, as fontes variam entre 1,13 milhão (PNUD, 2009) até 15 milhões para cerca de 20 milhões com base em Banco de Lagos da Indústria em 2009 (*Christian Science Monitor*, 2002, apud MBREU, 2010).

Mberu (2010) coloca esta dificuldade em seu trabalho, os dados estimados da PNUD (2009) apresentam cerca de 1,13 milhões de nigerianos que viviam fora da Nigéria em 2010, sendo que este número é crescente desde 1960 como demonstra o quadro abaixo.

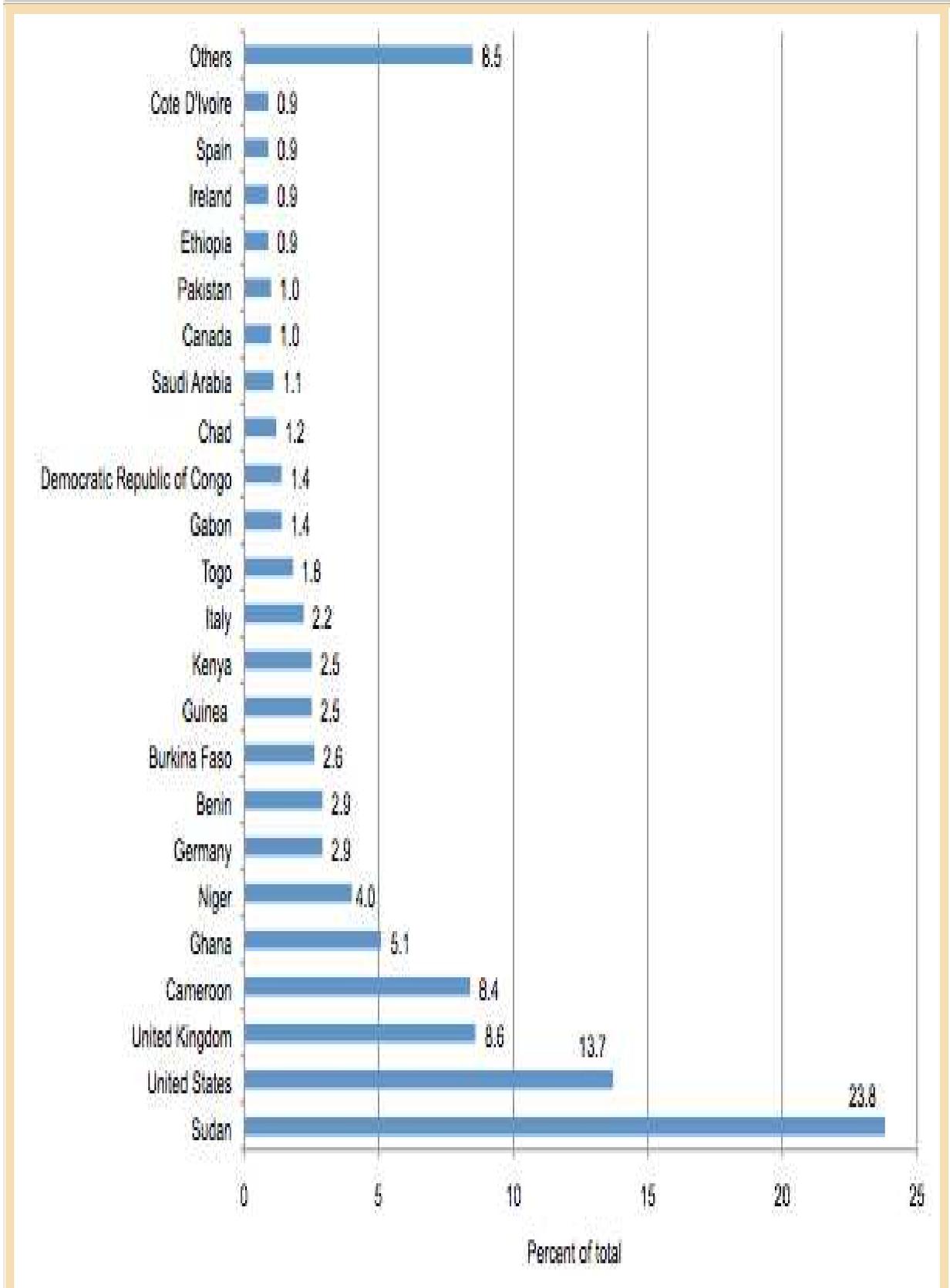
População Emigrante Nigéria, 1960-2010	
Ano	Número (em milhares)
1960	94.1
1990	447.4
2005	972.1
2010	1,127.70

*Fonte:* UNDP Human Development Report 2009.

Quadro 1: População Emigrante na Nigéria

Mberu (2010) utilizando os dados do Censo 2000-2001 apresentados pelo *Institute of development studies* da Universidade de Sussex, na Inglaterra, que demonstra como os nigerianos estão espalhados pelo mundo.

**Nigéria Emigrantes por País de Residência (por cento do total), 2000-2001**



Fonte: Development Research Centre (DRC), Global Migrant Origin Database, 2007.

Quadro 2: Emigrantes nigerianos por país de residência

Por estes dados verificamos que o maior grupo de nigerianos fora da Nigéria estão no Sudão. Entendemos que o movimento migratório para aquele país se deu por motivos religiosos já que o Sudão possuía uma maioria islâmica, boa parte dos Nigerianos do extremo leste do país se deslocavam para peregrinações religiosas e ali se instalam para melhores condições de vida, sendo que os com maior grau de educação formal preferem o Reino Unido e os Estados Unidos.

Para o Brasil não encontramos dados precisos sobre o número de imigrantes, e isso se deve a diversas razões. Em primeiro lugar a Embaixada da Nigéria no Brasil não dispõe de um banco de dados dos nigerianos registrados no Brasil sendo os seus controles rudimentares e sem qualquer sistematização que forneça dados confiáveis.

Em segundo lugar muitos nigerianos que emigram para o Brasil não chegam aqui demonstrando a sua identidade real, pois passam por guinéenses ou serra Leonenses para obter refúgio em decorrência dos conflitos destes países.

Muitos desses nigerianos, após se estabelecerem no Brasil acabam tendo filhos brasileiros, porém os registros de nascimento são feitos com o nome real e a nacionalidade nigeriana, sendo que esse é um motivo quantitativamente relevante de nigerianos que sofrem processos por falsidade ideológica.

Assim, o trabalho de pesquisa enfrentou esse problema, a falta de informações oficiais sobre a comunidade nigeriana instalada no Brasil e na cidade de São Paulo.

O único dado oficial coletado foi proveniente da embaixada e consulado do Brasil instalado na Nigéria que forneceu apenas o número de vistos emitidos naquelas representações diplomáticas, entre os anos de 2001 e 2009 e o censo demográfico do IBGE de 2000, sendo que até o término deste trabalho não haviam informações divulgadas pelo IBGE sobre estrangeiros residentes no Brasil no Censo de 2010.

<b>Código UF</b>	<b>Unidade da Federação</b>	<b>País de nascimento</b>	<b>Frequência</b>
29	Bahia	Nigéria	8
53	Distrito Federal	Nigéria	8
51	Mato Grosso	Nigéria	7
26	Pernambuco	Nigéria	17
33	Rio de Janeiro	Nigéria	111
24	Rio Grande do Norte	Nigéria	11
35	São Paulo	Nigéria	365
<b>TOTAL</b>		<b>Nigéria</b>	<b>527</b>

Tabela1 - Nigerianos por unidade da Federação de residência em 01/08/2000

Fonte: Censo Demográfico 2000, organização do autor.

Pelos dados fornecidos pela Embaixada Brasileira na Nigéria, sendo que, para estes dados existem registros apenas a partir de 2001, verificamos que existe um aumento no número de emissão de vistos para o Brasil, passando de 971 em 2002 para 3683 expedidos em 2009, confirmando que existe um aumento do tráfego de pessoas da Nigéria para o Brasil, sendo que o visto de turista é o mais solicitado, 3449, no período e o visto de negócios, 2250, que vem em segundo lugar, porém não se pode afirmar que tais vistos tenham sido emitidos para nigerianos, pois não existe o controle da nacionalidade dos requerentes de vistos para o Brasil.

Os censos demográficos do instituto brasileiro de geografia e estatística - IBGE demonstram um pequeno número de nigerianos residentes no Brasil, demonstrando que a maior concentração está no Estado de São Paulo.

Pelos dados apresentados verificamos apenas a existência de imigrantes nigerianos em São Paulo, porém não encontramos dados confiáveis sobre o movimento migratório desse povo.

Demartini (2006) identificou esse problema de falta de informações nas pesquisas sobre imigração de “portugueses” vindos das ex-colônias portuguesas para o Brasil, citando o trabalho de José Ribeiro que trata de migrações Angola-Brasil, outro pesquisador que enfrenta o mesmo problema.

O recurso à história oral e às entrevistas representa então, um recurso metodológico importante na recuperação da experiência imigratória do grupo, como bem ressalta Demartini (2006, p. 188):

O fato de considerarmos neste estudo a imigração vinda da África nos remeteu às questões da própria história africana, e de suas especificidades, que colocam aos pesquisadores novos desafios metodológicos. As observações de especialistas em história africana também estimulam a opção pelas fontes orais; como foi observado por Wesseling ao tratar da escassez das fontes e do desenvolvimento da história africana, novas fontes tiveram de ser descobertas e novas técnicas desenvolvidas para reexaminar as velhas fontes sob uma nova luz. A tradição oral foi um dos recursos mais utilizados pelos historiadores, sendo a mais famosa das técnicas desenvolvidas para promover novas fontes para a história africana.

Dessa forma, em decorrência da experiência profissional do pesquisador que atua como advogado em questões migratórias, especialmente de nigerianos, sabemos que existem muitos deles em São Paulo, representantes de várias das levas mencionadas antes, cuja trajetória pode ser recuperada pela história oral o que nos permitiu identificá-los e colher o máximo possível de informações sobre as suas histórias de vida para traçar um perfil destes imigrantes. Ou seja, das histórias individuais, procurou-se entender a trajetória do grupo, ressaltando-se as diferenças acima apontadas. É preciso, entretanto, esclarecer que trabalhamos com o grupo mais inserido no mercado de trabalho paulistano, objetivando mostrar que não correspondem aos estereótipos mais comumente atribuídos ao grupo, como o de traficantes.

### CAPITULO 3 – OS NIGERIANOS EM SÃO PAULO

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória qualitativa, baseada em fontes bibliográficas e documentais, utilizando primordialmente entrevistas com os próprios imigrantes, sempre focando os aspectos da sua trajetória em São Paulo.

Para a fase qualitativa da pesquisa, utilizamos o método de história de vida resumida, na concepção de Demartini (1999), que permitiu pela utilização de roteiro semiestruturado de entrevistas com imigrantes nigerianos residentes na cidade de São Paulo chegados desde a década de 1980, uma visualização do processo de adaptação em São Paulo.

Assim, dado que de fato, parte do grupo pesquisado está envolvido com o tráfico de drogas, segundo matérias jornalísticas, optamos, em nossa amostra, trabalhar com imigrantes com outro perfil, que nunca foram processados no Brasil, de forma a ressaltar o grupo de imigrantes que vieram em busca de uma nova vida trabalhando dentro da legalidade.

Para tanto, entendeu-se que a história oral

[...] é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou lhe testemunharam [...] (ALBERTI, 2005, p. 18).

Assim, os sujeitos selecionados para a pesquisa são imigrantes nigerianos residentes na cidade de São Paulo, homens e mulheres, chegados ao Brasil desde 1980, além de imigrantes de diferentes condições sociais nos países de origem, como escolaridade (curso superior completo, incompleto, segundo grau), origem (local de naturalidade).

A seleção dos entrevistados se deu pela necessidade de tentar atingir um grupo representativo de imigrantes a fim de ampliar, o máximo possível devido ao tipo de pesquisa, o entendimento sobre o grupo, as razões e condições de migração para a cidade de São Paulo.

Seguindo os pressupostos colocados (Fernandes *apud* Demartini, 2005, p.134), “a realidade é inexaurível, cabendo a nós tentar apreender e entender algumas de suas dimensões e alguns processos em curso.”, assim o *corpus* para a análise da pesquisa é apenas parte da comunidade nigeriana residente em São Paulo.

Sendo desconhecido o grupo pesquisado no meio acadêmico, não encontramos estudos ou publicações que pudessem nos dar indicações sobre o que iríamos encontrar no trabalho de campo. Assim o método proposto nos deixou com a liberdade de rever e alterar a linha da entrevista, de acordo com as informações prestadas pelo entrevistado.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado (ver Apêndice) cujo objetivo foi coletar informações sobre os motivos para emigrar, a escolha do Brasil, cidade de chegada e experiências de acolhimento, por parte da sociedade receptora.

Thompson (1992) acredita que a entrevista é um recurso importante para fazer aparecer uma história oral e esclarece que os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar.

Segundo o autor, o registro das entrevistas é a primeira etapa do processo de coleta de documentação oral e deve ser um registro fidedigno e exato. A segunda etapa do processo é a transcrição, que é a “mudança do estágio da gravação oral para o escrito” (THOMPSON, 1992, p.57) e deve ser realizada com cautela. Após a transcrição, o historiador deverá fazer a textualização do material e finalmente, interpretar os relatos orais. Nesse sentido, a interpretação deve ser condizente com o contexto no qual foi coletado, afinal “trata-se de um material que não apenas se descobriu, mas que em certo sentido, ajudou-se a criar” (THOMPSON, 1992, p.305).

Sendo o método baseado em memórias individuais de todo o processo de imigração, desde o motivo de emigrar, a decisão pelo Brasil, em especial para São Paulo, até a sua chegada, recebimento e acolhida na cidade, tomamos um cuidado especial com a fidelidade dos depoimentos, uma vez que os depoimentos são individuais.

Pollack (1992) indica os cuidados necessários identificando a memória individual, dos fatos vividos pelo entrevistado e a memória coletiva, no caso em questão construída a partir da vivência do entrevistado nos dois mundos da sua cultura de origem e da sociedade receptora. O autor adverte para as diferenças que existem no discurso do entrevistado, conforme o seu grau de escolaridade:

Encontramos três tipos de estilo: estilo cronológico, estilo temático, e o que chamamos de estilo factual. Todo relato mistura esses três estilos. Mas descobrimos que o predomínio do estilo cronológico estava correlacionado com a característica de um grau mínimo de escolarização... Percebemos também que o relato que seguia uma cronologia era fortemente correlacionado com a presença de uma socialização política. O segundo estilo, o temático é quando alguém se liga pouco na cronologia, diz, por exemplo, que a infância não teve importância, mas depois fala no tempo de escola, não em termos de uma sequência escolar, mas para lembrar que o importante era a matemática. O estilo

factual, por fim, correspondia a um grau educacional baixíssimo, a pouca experiência, tanto profissional como política (POLLACK, 1992, p. 14-15).

Dessa forma, verificamos que os entrevistados mesclam memórias individuais e coletivas, narrando fatos de suas vidas fazendo a correlação com eventos da sociedade em que viviam como forma de contextualizar os eventos narrados, todos na forma cronológica, característica que corrobora com o postulado de Pollack (1992), pois todos os entrevistados possuem no mínimo escolaridade média e metade deles o curso superior.

### **3.1 – O difícil trabalho de campo**

A definição do corpus definiu-se problemática dadas algumas dificuldades não esperadas já que muitos nigerianos, anteriormente concordes com a entrevista, não a quiseram concretizar com medo que o registro das informações pudesse lhes trazer algum tipo de perseguição no futuro.

Um dos nigerianos, que “a priori” havia concordado em ser entrevistado, se negou a dar a entrevista alegando que em conversa com outro amigo nigeriano soube que no passado, alguns nigerianos que responderam algumas perguntas feitas por um jornalista sobre a condição dos nigerianos no centro de São Paulo, foram perseguidos pela Polícia porque falaram que eram tratados com discriminação pela Polícia Federal.

De fato, verificamos na grande mídia uma série de reportagens e matérias jornalísticas de cunho depreciativo em relação à nacionalidade Nigeriana, o que faz com que se crie uma barreira a este grupo.

Todos os entrevistados optaram por participar da pesquisa ocultando os seus nomes e dados pessoais, desta maneira, não insistimos na identificação, pois acreditamos que isso poderia inibir os participantes na completude das informações sobre a sua trajetória e acolhimento na cidade de São Paulo que não iria acontecer caso tivessem as suas identidades reveladas.

Apenas três entrevistados permitiram que as entrevistas fossem gravadas em vídeo e áudio, sendo que os demais solicitaram que as informações fossem anotadas pelo pesquisador e não permitiram sequer a gravação do áudio da entrevista.

Diante desta dificuldade e para padronizar os dados coletados optamos por transcrever a síntese das entrevistas ao invés de transcrição literal dos seus conteúdos, reagrupando as informações nas categorias pré estabelecidas no roteiro semi estruturado, respeitando

estritamente a fidelidade e completude das informações fornecidas, no sentido indicado por Thompson (1992) e Queiroz (1992, *apud* Demartini, 2005, p.97) para quem a

“[...] análise dos relatos orais é este processo de decomposição das informações coletadas para reagrupá-las segundo as categorias que se pretende analisar, o que nos permite chegar a uma compreensão mais profunda de seu sentido [...]”.

Sendo uma pesquisa exploratória encontramos novas categorias de informações durante as entrevistas, que foram incorporadas nesta análise. Histórias, fatos e acontecimentos que reputamos importantes para o objetivo desta pesquisa.

Tendo em vista que não encontramos documentos oficiais sobre a imigração nigeriana não foi possível a confrontação dos dados fornecidos pelos entrevistados com outras fontes de pesquisa, com as datas de chegada, os deslocamentos internos etc. Como foi dito, procuramos a Polícia Federal e a Embaixada da Nigéria para a coleta de outras fontes e realizar este confronto, porém, como os dados são sigilosos não foi possível o acesso a eles.

Alguns entrevistados, quando solicitados, apresentaram passaportes e outros documentos que comprovavam a veracidade das informações prestadas, inclusive datas de chegada, viagens efetuadas para a terra natal, porém nenhum deles permitiu que tirássemos cópias para apresentar neste trabalho.

Para este trabalho indicaremos os entrevistados pela ordem com que foram entrevistados, nos referindo a eles pela letra E maiúscula, seguida do número que designa a ordem de entrevistas realizadas, E1, E2 e assim por diante.

Após procurar por diversos grupos de nigerianos residentes em São Paulo, obtivemos um total de oito entrevistas com nigerianos residentes na cidade de São Paulo, sendo que o *corpus* tem o seguinte perfil:

Entrevistado	Sexo	Ano de Nascimento	Data de chegada	Profissão
E1	M	1971	1997	Comerciante
E2	M	1970	1997	Comerciante
E3	M	1965	1970	Comerciante
E4	M	1963	1986	Industrial
E5	M	1960	1982	Industrial
E6	M	1968	1993	Professor
E7	F	1972	2002	Missionária
E8	F	1972	1999	Estudante

Tabela 2 - Perfil dos entrevistados

Fonte: organização própria (2011)

Do *corpus* contemplamos as diferentes levas tratadas por Kaly (2007). O estudo evidencia a motivação da emigração para fins de estudo e a busca por melhores condições de vida; os entrevistados E4 e E5 emigraram para o Brasil em decorrência do acordo cultural bilateral Brasil-Nigéria, o que os proporcionava a oportunidade de estudos gratuitos em universidades brasileiras e os entrevistados E1, E2, E3 e E6 emigraram pela procura de melhores condições de vida e melhores perspectivas de futuro, já que aqui esperavam encontrar melhores condições de desenvolvimento profissional e ascensão financeira.

Além das categorias propostas por Kaly (2007) identificamos mais duas entrevistadas que emigraram por motivos diferentes, a E7 emigrou por motivos de missão religiosa, sendo designada para vir ao Brasil pela igreja a que pertence e a E8 emigrou para acompanhar o seu marido, também nigeriano que estava morando no Brasil.

Os entrevistados são oriundos de regiões diferentes da Nigéria, porém todos têm em comum o fato de terem passado por Lagos, a capital do país na época da emigração.

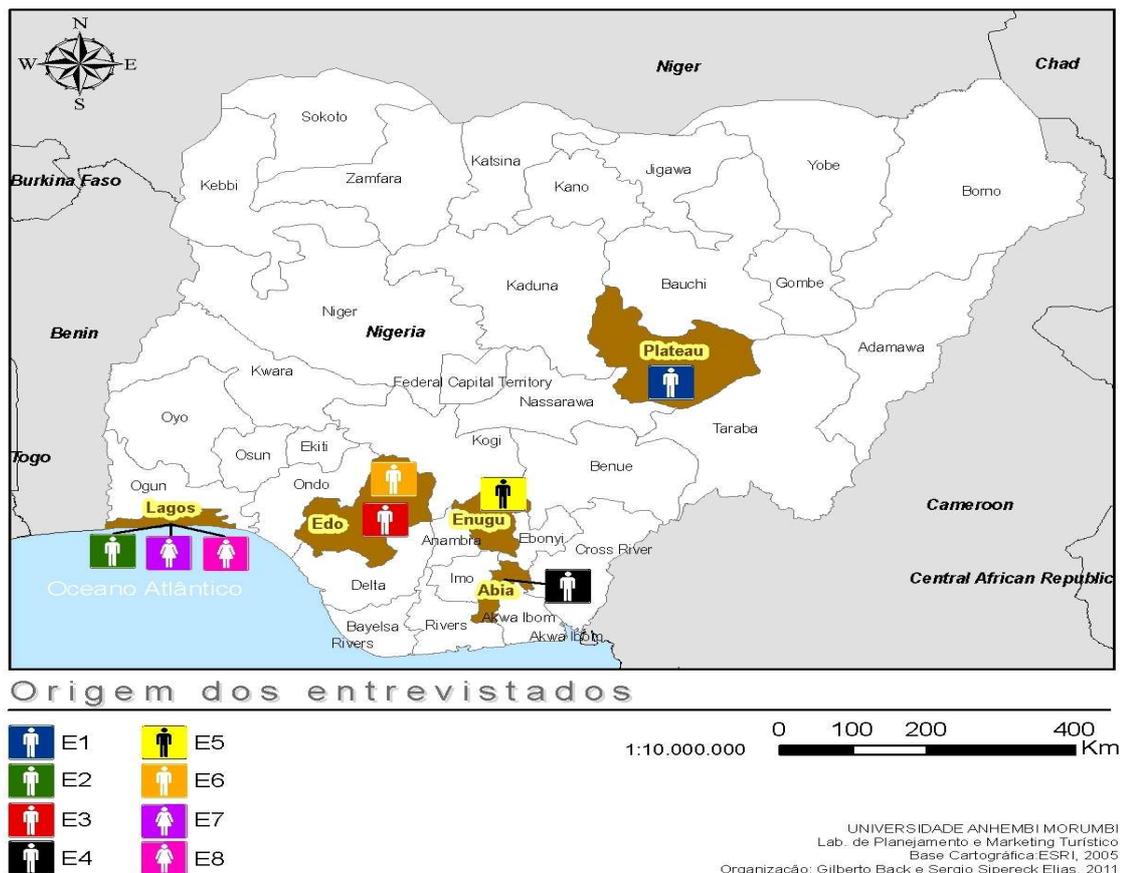


Figura 8 – Origem dos entrevistados

A Análise dos resultados da pesquisa será feita na mesma ordem que organizamos a síntese das entrevistas, começando pela Trajetória anterior – perfil e status familiar; Motivo

da emigração; motivo da escolha do Brasil; trajetória no Brasil; como foi acolhido/recebido na cidade e por fim ser imigrante.

### **3.2 OS entrevistados e suas trajetórias**

#### **3.2.1 Perfil, status familiar e os motivos para migrar**

O conhecimento sobre as condições do entrevistado antes da imigração é fundamental para compreender o que lhe motivou a deixar sua terra natal, nos termos propostos por Sayad (1998).

A trajetória familiar dos entrevistados demonstra que existe uma clara diferença conforme o ano e a cidade de nascimento dos entrevistados, pois durante os anos de 1967 e 1970 a Nigéria sofreu uma guerra civil onde o governo federal lutava contra os Igbo, esta guerra afetou diretamente os entrevistados que já eram nascidos nesta época e viveram em situação mais precária do que os seus pais, mas que traziam consigo valores anteriores à guerra, como a valorização da formação intelectual formal, que era uma marca da cultura nigeriana, segundo os entrevistados.

O entrevistado E5, nascido bem no centro do território Igbo, que se declarou o Estado de Biafra, foi o único a estudar em escola particular, pois em decorrência da guerra não funcionavam as escolas públicas, mas os outros três entrevistados nascidos na década de 1960, mesmo durante a guerra, estudaram em escolas públicas, por estarem em territórios onde a guerra civil foi menos intensa.

Os entrevistados nascidos na década de 1970 já estavam diante de uma situação melhor em termos de educação, pois todos eles estudaram em escolas públicas de primeiro e segundo grau, e pelos relatos, a educação era de boa qualidade.

Dois deles cursaram a Universidade, o entrevistado E1 cursou o primeiro ano da faculdade de economia, porém não teve condições de concluir o curso por questões financeiras e o entrevistado E6 se graduou em economia na Universidade de Benin.

Dos oito entrevistados apenas a entrevistada E7 vem de família de classe alta<sup>6</sup>, sendo o seu pai, proprietário de imóveis para aluguel em Lagos, o restante vem de família de classe média, classe média baixa, o que demonstra que a diferença de classe não influía no acesso à educação pública de primeiro e segundo grau.

---

<sup>6</sup> A definição de Classe Alta ou média foi feita baseando-se apenas na classificação que os próprios entrevistados indicavam.

Todos os entrevistados do sexo masculino demonstraram que a sociedade nigeriana exige deles a saída da casa de seus pais após a conclusão do segundo grau, ou seja, é socialmente imposto a eles que o trabalho dos pais, como dever de sustento e fornecimento de moradia, cessa ao término dos estudos secundários.

A alternativa a todos eles era se dirigir às cidades que ofereciam mais ofertas de emprego, como Lagos, que era a capital do país até 1991, como já dito, todos eles viveram pelo menos um tempo em Lagos, era uma questão de necessidade profissional e de construção da sua perspectiva de futuro.

A cidade de Lagos como importante centro comercial, não só da Nigéria como um dos mais importantes do continente africano, era um lugar onde existiam as oportunidades de trabalho, principalmente pelo porto que ali está instalado o que faz da cidade um tanto cosmopolita, o que demonstra que o processo que chamamos de globalização influenciou na decisão de emigrar, o grande tráfego de pessoas de outros países, o caráter de internacionalidade dos negócios na cidade de Lagos fez com que os entrevistados tivessem contato com outras culturas e novas possibilidades fertilizando o sentimento da “terra prometida” na concepção de Kaly (2007) e Sayad (1998).

Todos os entrevistados tinham na terra natal uma habilidade especial para o comércio, seja por aptidão natural ou por necessidade de sobrevivência. Segundo E1 tudo na Nigéria era importado, pois a independência recente e as posteriores guerras civis não permitiram que o país tivesse indústrias suficientes para abastecer o mercado interno, assim o comércio era onde estavam as maiores oportunidades de trabalho.

Esta realidade da terra natal se transportou no momento da emigração, verificamos que dos oito entrevistados cinco, todos do sexo masculino (E1, E2, E3, E4 e E5) estão em áreas profissionais ligadas ao comércio.

A Nigéria, como o resto do mundo ocidental, também foi impregnada pela sociedade de consumo na concepção de Bauman (1999), assim as pessoas necessitavam de bens de consumo que suprissem os seus anseios e como não haviam indústrias para saciar esta vontade a importação de bens era a solução no momento.

Ao sair de casa o jovem nigeriano tinha que obter sucesso profissional e ganhar dinheiro, retornar à casa dos pais sem ter “vencido” é algo inadmissível para o grupo, isto demonstra que a sociedade nigeriana era rígida em relação a estes costumes, pois todos eles tiveram uma trajetória parecida, a saída da casa dos pais e a busca por um trabalho que lhes rendesse dinheiro para se sustentar e demonstrar aos pais que eram vencedores.

A necessidade de vencer interferiu na vida dos emigrantes, no ato de emigrar, a vontade de buscar outros lugares para estudar, ganhar dinheiro, enfim “vencer” na vida, os entrevistados demonstram na forma de falar e de contar a suas histórias de vida, que esta cultura embutida na personalidade do nigeriano se apresenta quando chega ao Brasil, todos eles referem que o seu maior desejo é ter oportunidade para trabalhar e vencer, não querem depender do governo ou de qualquer órgão estatal ou de ajuda humanitária, demonstrando a mesma necessidade social de vencer na vida quando saem da casa dos pais.

Pelo conjunto das entrevistas enxergamos que o grupo entrevistado teve uma educação formal de boa qualidade, o que lhes deu ferramentas para perceber a falta de perspectiva profissional no seu país e tomasse a decisão de emigrar como forma de aumentar as suas chances de sucesso profissional e de ganhos financeiros, este aspecto está de acordo com as proposições de Sayad (2002), para quem as condições do país de origem são determinantes para a decisão de emigrar.

Pelas entrevistas realizadas podemos afirmar que na Nigéria o papel da mulher na vida profissional é secundário, as duas entrevistadas E7 e E8, não relatam trabalho, como forma de sustento, no país de origem e os seus motivos de emigrar também são diferentes, aquela por motivos religiosos e esta para acompanhar o marido.

Ainda o E4 relata que voltou à Nigéria para casar após estudar no Brasil, e que decidiu voltar a viver no Brasil, e que a sua esposa não concordou muito com isto, porém, ela não tinha escolha, já que ele estava estabelecido aqui.

Com dito acima, os emigrantes Nigerianos possuíam na sua trajetória interna no país de origem algum contato com o mundo estrangeiro o que de certa forma influenciou, mais ou menos a decisão de emigrar.

Porém vemos que este cenário influenciou de forma diversa o grupo na decisão de emigrar; E4 e E5 enxergaram que a educação era a melhor forma de inserção no mundo, portanto, o contato com estrangeiros na Nigéria os motivaram a procurar oportunidade para este estudo em outros países.

Já E2, E3, E6 e E8 perceberam a oportunidade de emigrar para trabalhar e ganhar dinheiro, tanto que todos esses saem do seu país de origem para o trabalho, isto em decorrência da sua experiência profissional na Nigéria.

De uma forma ou de outra esses entrevistados tiveram como motivo para emigrar o sentimento de melhoria nas suas perspectivas de vida, vemos então o que foi proposto por Bauman (1999) e Sayad (1998), no tocante a reorganização dos Estados pós globalização. O Estado nigeriano não tinha forças para se sobrepôr à lógica mercantilista e consumista

imposta pela globalização, levando seus nacionais a procurarem outras formas de satisfação, ou de minimizar a insatisfação gerada por esta forma de organização social, em outras terras.

O entrevistado E1 tem uma situação particular, pois o seu desejo não era emigrar. Ele veio ao Brasil a convite de uma empresa que ele fez contato para que ele fosse parceiro comercial desta empresa na Nigéria e até chegar ao Brasil não tinha a idéia de emigrar, buscava apenas uma oportunidade de parceria comercial para comercializar produtos na Nigéria, porém chegando aqui ficou fascinado com o que encontrou e não quis mais voltar à sua terra natal, ele se intitula como um imigrante de ocasião, ou seja, teve uma oportunidade de conhecer outra cultura o que lhe fez nascer um sentimento de comparação com a sua terra natal, enxergando no Brasil melhores oportunidades e mesmo sendo esta análise superficial, pois pouco conhecia do Brasil, decidiu arriscar tudo e se fixar nesta nova terra descoberta.

Neste caso enxergamos a teoria da dádiva operando. Quando chega ao Brasil o entrevistado é recebido e acolhido pelo jogo de interesses próprio do mercado, porém quando decide romper o contrato profissional para se fixar no Brasil conta com uma relação de troca tipicamente baseada na dádiva.

O encontro com um compatriota demonstra que a relação é baseada numa troca constante e baseada na dívida eterna, nos termos indicados por Godbut (1992).

As lições de Rafestin (1997) são encontradas neste entrevistado, vê-se que o espaço de comunicação foi importante para a fixação do estrangeiro no território nacional, no trecho da entrevista de E1

*“Como decidiu ficar no Brasil, o entrevistado começou a procurar trabalho e conhecia um Nigeriano que estava em Franca que o chamou para trabalhar com ele [...] A língua, muito peculiar da sua tribo foi o elemento que o identificou com este nigeriano. (língua de Kalaba, perto de Cross River, aldeia do seu pai)”*

Com o encontro de um amigo que falava a mesma língua e que já estava ambientado no Brasil a transposição da fronteira imaterial, chamada de semiosfera por Rafestin (1997) foi facilitada.

O mesmo entrevistado, E1, discorre sobre as dificuldades encontradas na sua terra Natal quanto à rivalidade tribal, que segundo ele é muito pior que o preconceito racial encontrado no Brasil. Percebemos nas entrevistas que a origem tribal é um componente cultural importante para os Nigerianos, pois estas diferenças trazem uma carga histórica forte, como indica E5 ao comentar sobre a história da traição do povo Yoruba ao povo Igbo o que gerou a guerra civil nigeriana. A história deste entrevistado foi fortemente marcada por este acontecimento, pois estudou em uma escola que ele refere como “escola de vencer a guerra”.

Esta “rixa” entre as tribos, nas palavras de E1, reforça a posição de Sayad (1998) sobre a necessidade de conhecer a origem do imigrante, no sentido de que todo imigrante é antes um emigrante e este elemento é fundamental na sua trajetória migratória, verificamos que todos os entrevistados, tem a sua história marcada pela instabilidade criada a partir da rixa entre as tribos na Nigéria.

E3 corrobora esta idéia, pois as informações dentro da tribo é que lhe motivam a vir ao Brasil, vê-se que o elemento cultural tribal é muito forte.

Analisaremos mais a frente que esta rixa é relativizada quando deixam a Nigéria, pois a condição de migrante se sobrepõe a estas diferenças.

O futebol é um ponto de identificação do entrevistado com a população brasileira, já que o esporte é mundialmente conhecido. Isto nos remete à idéia de Sayad (1998) e Kaly (2007), já que o futebol vende uma imagem que é reconhecida pelo entrevistado como a “terra prometida”, ou seja, o futebol é um importante elo imaginário. Durante a entrevista, E1, indica que esta era a principal fonte de informações que tinha sobre o Brasil.

A entrevistada E7 teve motivações diversa dos demais entrevistados para emigrar. A E7 demonstrou na entrevista que o sua opção por emigrar foi um chamado de Deus, a sua religiosidade foi fator determinante para a decisão de emigrar.

### **3.2.2 A escolha do Brasil**

Pudemos identificar que o Brasil é escolhido por três motivos fundamentais, sendo eu dois deles tem uma relação de interdependência.

O primeiro grupo vem ao Brasil como estudante e o Brasil é o que oferece as melhores condições de estudo a partir de um acordo bilateral que oferece a estudantes nigerianos bolsas de estudo no Brasil., são os casos de E4, E5 que vieram diretamente através do convênio.

O segundo grupo veio a trabalho, porém, contando com uma rede que possa receber o emigrante no país de destino, com foram os casos de E6, E7 e E8, todos eles tinham um suporte, uma segurança no Brasil que lhes receberia e lhes garantiria um mínimo de inserção, ou seja, não vieram sem ter ninguém ou aqui procurar ajuda sem saber se iriam encontrar ou não.

O terceiro grupo não escolhe o Brasil. A intenção primeira é a imigração para os Estados Unidos, utilizando o Brasil apenas como rota de imigração ilegal é o caso de E2 e E3, estes entrevistados viriam ao Brasil apenas como forma de chegar ao México e fazer a transposição da fronteira com os Estados Unidos por terra.

Ao chegarem ao Brasil se impressionaram com a pujança econômica e decidiram aqui ficar.

Existir uma rede que os receba, nos parece ser uma condição importante para o grupo pesquisado, já que a decisão de emigrar de quase a totalidade do corpus era ter melhores perspectivas de futuro, e se lançar numa aventura como é a imigração sem ter ao menos o mínimo suporte influencia de maneira importante o quanto de risco se pretende assumir, quanto maior as informações sobre o que lhe espera se já existe alguém que tenha passado pela mesma experiência e possa lhe ajudar a superar os primeiros momentos minimiza os riscos da empreitada, mesmo que a rede seja oficial, como no caso dos estudantes que foram recebidos por uma rede de estudantes, passando a residir em repúblicas estudantis.

Lembrando que no grupo pesquisado não temos a presença de pessoas que emigraram por situações de risco, todas elas foram voluntárias, e imigração voluntária aqui estamos considerando aquelas que não decorrem de risco iminente de vida.

E1, como já dissemos, não escolheu o Brasil, segundo suas palavras, foi o Brasil que o escolheu. A sua situação em relação ao grupo pesquisado é peculiar, pois veio ao Brasil apenas com a intenção de fazer negócios e decidiu não ir mais embora, esta decisão, segundo ele foi tomada depois da chegada ao Brasil, quando conheceu o país e as pessoas daqui, portanto, não podemos medir o motivo da escolha pelo Brasil, apenas podemos analisar os motivos de não querer mais ir embora.

Segundo E1, a forma como foi recebido, as informações que obteve sobre o comércio no Brasil e, aqui sim, da mesma forma que o grupo analisado anteriormente, a existência de uma rede que pudesse o acolher foram motivos que influenciaram na sua decisão de tornar a viagem de negócios em viagem de emigração.

E2 e E3 não escolheram o Brasil como destino para emigrar, mas vieram ao Brasil apenas como passagem para atingir outro destino, neste caso os Estados Unidos. A história de ambos é semelhante, tinham vontade de emigrar para os Estados Unidos pelas oportunidades de trabalho, porém havia muita dificuldade de conseguir visto para entrar no destino desejado, então decidiram fazer uma rota alternativa para chegar ao seu destino, vieram ao Brasil para daqui ir para o México e atravessar a fronteira com os Estados Unidos de forma clandestina.

Indagados do porque não foram da Nigéria diretamente para o México, a resposta foi idêntica, não havia vôo para o México e o lugar mais fácil para chegar a América era o Brasil, pois a empresa aérea Varig operava uma rota Lagos São Paulo e Rio de Janeiro, a rota pela Europa era muito mais cara e difícil, pois os controles de fronteira na Europa eram muito mais

difíceis de vencer que no Brasil, segundo constataram com amigos que haviam viajado para estes lugares.

E4 e E5 sim escolheram o Brasil de forma clara, ambos vieram ao Brasil para estudar, e o discurso de ambos é idêntico, o motivo de emigrar para o Brasil era a possibilidade de estudar de graça no Brasil.

Esse fator econômico foi decisivo na vinda de ambos, isto fica claro quando eles demonstram que efetuaram pesquisas das possibilidades que haviam para a emigração de estudo e decidiram pelo Brasil.

### **3.2.3 Trajetórias no Brasil**

O primeiro ponto destacado se refere à obtenção de visto de entrada no Brasil, ainda no país de origem, todos os entrevistados afirmaram que não tiveram problemas para obter o visto de entrada no Brasil, o visto mais utilizado pelo grupo foi o de turista, sendo que cinco dos oito entrevistados o utilizaram. E1 veio ao Brasil com visto de negócios, que era o seu propósito inicial, E4 e E5 vieram com visto de estudante em decorrência de se utilizarem do acordo bilateral Brasil-Nigéria.

Todos os entrevistados indicaram que a facilidade para obtenção de visto ao Brasil hoje é muito diferente do que acontecia anteriormente, isto pelo fato das notícias sobre uma rede internacional de tráfico de droga ser associada a nigerianos, as autoridades consulares brasileiras tornaram a emissão de visto para nigerianos mais criteriosos.

As informações prestadas pelo consulado brasileiro na Nigéria, no entanto, dão conta de que ao número de vistos expedidos cresce a cada ano, sendo assim, ficamos com duas hipóteses, ou trata-se apenas de uma percepção dos entrevistados sobre a dificuldade para a obtenção do visto; ou o número de pedidos tem aumentado de forma considerável os critérios mais rigorosos para emissão do visto, de fato, ocorrem, porém mantém um grande número de vistos emitidos. Estas hipóteses não foram investigadas, pois não obtivemos elementos para efetuar esta análise. Mesmo efetuando diversos pedidos de informações sobre o número de pedidos de visto e o número de emissões o Ministério das Relações Exteriores do Brasil não forneceu os dados.

E4 indica que o passaporte nigeriano é muito valorizado no continente africano, pois é visto com bons olhos pela comunidade internacional, ocorre que as guerras civis provocaram deslocamentos forçados por toda a região, portanto, é comum que os nigerianos, dentre outros, tenham duas até três nacionalidades. Isto aliado ao fato de as guerras civis terem

desestruturado as instituições governamentais, fez com que até a década de 2000 o controle para a emissão de passaportes não fosse rígido, portanto, muitas pessoas viajavam com passaporte nigeriano sem ter a nacionalidade.

A fronteira material tratada por Rafestin (1997), no caso dos entrevistados teve de ser transpostas duas vezes, uma no momento da chegada do estrangeiro no Brasil, e outra para poder permanecer de forma legalizada no país.

A legislação brasileira, na Lei 6.815/80 e seus decretos regulamentadores prevê quatro possibilidade de permanência definitiva no Brasil, 1) casamento com brasileiro; 2) filho brasileiro; 3) investimento; 4) trabalho. Assim o estrangeiro que vem ao Brasil e aqui pretende permanecer deve se enquadrar em alguma das hipóteses acima.

De forma extraordinária o Brasil concede de tempos em tempos uma anistia aos estrangeiros que aqui estão indocumentados e foras das quatro hipóteses acima indicadas.

Este processo de legalização é muito demorado e complicado, segundo os entrevistados, a Polícia Federal<sup>7</sup>, responsável pelo recebimento e encaminhamento dos documentos necessários para esta finalidade é muito confusa e dispensa um tratamento ruim aos estrangeiros.

Assim os entrevistados socorreram-se de maneiras diferentes para receber o status de permanente definitivo no Brasil, alguns deles se casaram com brasileiros ou brasileiras, é o caso de E1, e E5, outros tiveram filhos brasileiros, E2, E4 e E8, os demais regularizaram a sua situação através do processo extraordinário de anistia.

O casamento com brasileiro ou brasileira, para alguns entrevistados é difícil pela diferença cultural.

E4 retornou à Nigéria para casar, E7 casou com um brasileiro, porém não se sentia valorizada e acabou se separando:

“Foi casada no Brasil durante dois anos, mas os brasileiros não valorizam a mulher e isto fez com que ela se separasse. O casamento lhe proporcionou a permanência no Brasil, sendo que continuou com este status até a anistia concedida pelo governo brasileiro em 2009”.

As trajetórias que estes imigrantes tiveram no Brasil são muito diferentes em alguns aspectos e muito coincidentes em outros, o que demonstra que existe uma individualidade na

---

<sup>7</sup> A concessão do estado de permanente definitivo ao estrangeiro é dada pelo Ministro da Justiça, servindo a Polícia Federal de órgão descentralizado para efetuar os procedimentos administrativos necessários.

experiência imigratória, mas também um traço que pode ser indicado como comum ao grupo estudado.

Nenhum dos entrevistados veio fugindo de uma situação periclitante de vida, e isto implica dizer que tiveram escolha imediata, todos eles puderam de uma forma ou outra planejar a viagem.

Veja a experiência de E4, que como estudante recebia diversos nigerianos no Brasil para fazer compras.

Além da emigração voluntária, todos os entrevistados, sem exceção, foram recebidos na sua chegada por alguém, ou que tinham um lugar certo e determinado para onde ir.

Os nigerianos imigrantes no Brasil utilizam-se da sua própria rede social para ser recebido e instalado no Brasil, à exceção de E4 e E5 não se utilizaram da sua rede social para ser recebido, mas foram recebidos pela Universidade de São Paulo, instituição governamental que possibilitou a imigração.

Mas mesmo no caso destes dois entrevistados, ao chegarem ao Brasil foram colocados em contato com a rede social de imigrantes nigerianos que aqui existia, no caso de E5, logo no primeiro dia de estada, quando chegou à sede da Universidade foi apresentado a um grupo de nigerianos que já eram estudantes na mesma instituição e ficou hospedado na casa de um deles até que se arranjasse um local onde ficaria permanentemente.

Existe, portanto, uma rede de nigerianos que esta sempre pronta a receber e tentar inserir os seus conterrâneos na sociedade paulistana. E4 reclama que esta rede é desorganizada e desunida, pois a Associação de nigerianos<sup>8</sup> que existe em São Paulo é fraca e não tem uma adesão significativa junto à comunidade de nigerianos em São Paulo e isto se deve à soberba do nigeriano que é um povo orgulhoso e acredita que não precisa da ajuda de ninguém.

Chamou-nos atenção este ponto da entrevista de E4, que revela um dos motivos, pelo menos o que nos foi possível perceber porque os imigrantes nigerianos preferem utilizar a rede existente no Brasil ao invés das instituições aqui presentes, interpretamos este dado como um traço cultural, pois da mesma forma que devem deixar a casa dos pais quando completam o segundo grau e vão viver a sua própria vida, tendo que vencer com seus próprios esforços a partir daí podendo contar apenas com os iguais, ou seja, os jovens na mesma situação, quando decidem emigrar devem, por analogia, vencer por seus próprios esforços, ou no máximo contar com ajuda dos seus iguais, mantendo, num primeiro momento uma desconfiança das

---

<sup>8</sup> Refere-se a Associação da Comunidade Nigeriana no Brasil, com sede em São Paulo.

outras pessoas, sejam os nigerianos mais velhos aqui presentes, sejam os brasileiros de qualquer idade, demonstrando que a teoria da dívida não está presente, no momento da chegada do migrante.

E5 ressalta que esta necessidade de auto-afirmação do povo nigeriano é um defeito, relata que:

“Quando chegou ao Brasil teve que morar fora da USP, porque a arrogância dos Nigerianos que não negociou este ponto com o governo brasileiro, como fez os angolanos que vêm ao Brasil para estudar e tinham moradia e ajuda de custo”.

Durante a negociação dos acordos bilaterais para a implementação do PEC-G<sup>9</sup>, alguns países em desenvolvimento, Angola, por exemplo, negociaram com o Brasil não só a bolsa de estudos, como moradia e auxílio alimentação, o que facilitou a vidas destes outros estudantes do continente africano.

Outro aspecto acompanha os nigerianos desde a sua origem é a vocação ou facilidade para o comércio, todos os entrevistados, exceto E6, trabalham com o comércio. Como anteriormente indicado, na Nigéria à época em que os entrevistados lá residiam, não existiam indústrias que pudessem suprir as necessidades da população, portanto, quase que a totalidade dos bens de consumo daquela comunidade era importado, sendo a cidade de Lagos um importante ponto de comércio internacional nigeriano, como já dissemos.

Tendo todos os entrevistados alguma ligação com a cidade de Lagos, o comércio era parte vital da sua sobrevivência, e aqui no Brasil não é diferente. O comércio sempre foi para os nigerianos a forma mais fácil e rápida de garantir a sobrevivência, mesmo no momento que E4 e E5 estavam no Brasil para estudos, eles ajudavam comerciantes nigerianos que vinham ao Brasil para fazer compras e com isso ganhavam dinheiro para sobreviver.

A trajetória do grupo é marcada por momentos de situação de indocumentados o que lhes gerou a necessidade de trabalharem no mercado informal como forma de sobrevivência, porém, no momento da realização da entrevista, apenas E1 continua com a sua situação pendente, aguardando o Ministério da Justiça se pronunciar sobre a sua permanência.

Exceto E1, E2 e E3, os outros entrevistados tem trabalho formal, com empresas registradas. O caso de E1 não tem a empresa registrada em seu nome, esta no nome da sua

---

<sup>9</sup> Refere-se ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), firmado pelo Brasil em 1998, oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. O programa já foi estendido para cursos de mestrado e Doutorado.

esposa, pois seus documentos ainda não estão regularizados no Brasil. E2 e E3 trabalham no mercado informal por opção, entendem que no Brasil a carga tributária é muito alta.

E5 chama a atenção de como a hospitalidade se fez presente no seu dia com os brasileiros, ele comenta que era comum fazer almoços com comida típica da Nigéria e oferecer aos brasileiros com quem fazia negócios.

Isto nos chama a atenção, pois, num primeiro momento nos pareceu uma atitude utilitarista, interessada puramente na necessidade de fazer negócios, porém, fazer a comida típica envolve mais do que a conquista para os negócios, demonstra uma entrega, uma abertura para que a dádiva opere nesta relação pessoal.

Tendo elegido o Brasil como local de sua instalação profissional, E5 se tornou empresário no ramo de cosméticos, importando tecnologia dos Estados Unidos para fabricar produtos voltados para a comunidade negra. Isto demonstra que a identificação cultural é forte, pois sendo negro direciona o seu negócio aos seus iguais. Na linha de raciocínio de Godbut (1992), vemos aqui que não se trata apenas de uma venda de cosméticos, mas algo mais, além da pura lógica de mercado, trata-se de oferecer um produto diferenciado para as pessoas que tem um traço comum, ser negra, e receber o intangível na compra de um produto tangível.

### **3.2.4 O acolhimento em São Paulo**

Existem dois momentos bem distintos sobre o acolhimento dos Nigerianos em São Paulo, até o início dos anos 2000 e após mais ou menos 2005.

No primeiro momento, a chegada ao Brasil, todos os entrevistados foram recebidos muito bem, teceram elogios ao povo brasileiro, e mesmo a barreira da língua não foi um grande problema, pois todos os brasileiros sempre tiveram muito boa vontade em tentar entendê-los e se interessavam pelo seu país, mesmo quando em alguns momentos os brasileiros sequer sabiam onde ficava a Nigéria.

Os paulistanos valorizavam os nigerianos, pois eram grandes compradores de produtos na região do centro da cidade e 25 de março, em todos os lugares que iam eram bem recebidos, portanto o comércio era um ponto importante de contato dos nigerianos com a população local.

Os empresários brasileiros, quando sabiam que era um nigeriano que queria lhes falar já aparentavam felicidade e boa recepção, recebendo-os até primeiro que outras pessoas demonstrando um tratamento especial.

Esta situação modificou um pouco com a diminuição do comércio com a Nigéria pela interrupção da rota aeronáutica operada pela empresa Varig entre São Paulo/Rio de Janeiro e Lagos no início dos anos 1990, porém este período os nigerianos que viviam em São Paulo continuaram a mandar bens para a Nigéria, porém não havia mais aquele furor comercial que existia antes.

A mudança ocorreu mais ou menos em 2005, momento em que a mídia começa a relacionar o tráfico internacional de drogas aos nigerianos residentes em São Paulo, a chamada “máfia nigeriana”.

A partir deste momento os entrevistados relatam que houve uma mudança de tratamento muito grande, passando de pessoas valorizadas a pessoas más vistas pela sociedade paulistana, mesmo alguns empresários que antes negociavam com os nigerianos passaram a evitá-los e até a cancelar negócios.

Os entrevistados se sentem injustiçados, pois a mídia sequer se preocupa em diferenciar os africanos que são presos com drogas, qualquer um é nigeriano, a imprensa trata qualquer africano que tenha problemas com a polícia como nigeriano.

De fato os entrevistados sabem que existem nigerianos que se dedicam ao tráfico de drogas, porém também existem italianos, alemães, norte americanos, chilenos e brasileiros que são traficantes, porém, não existem generalizações em relação a este grupo só em relação aos nigerianos.

Os nigerianos passaram a ter muita dificuldade de conseguir emprego e trabalho, pois nenhum empresário quer ter seu nome ou sua marca associada a nigerianos, a expressão “nigeriano” passou a ter uma conotação negativa, de pessoas que são ruins, porém os entrevistados afirmam categoricamente que a maioria dos nigerianos em São Paulo são pessoas comuns e trabalhadoras, existem médicos, arquitetos e advogado nigerianos, pessoas que com qualquer outra trabalha e ganha a sua vida honestamente.

Os depoimentos neste ponto são carregados de emoção e revolta, principalmente dos imigrantes que estão a mais tempo no Brasil, estes, nos parece sentiram mais a mudança de tratamento.

Os entrevistados relativizam estes problemas quando afirmam que as pessoas de seus ciclos próximos não se afetam com estas notícias e continuam tratando muito bem os nigerianos, eles preferem atribuir esta generalização à falta de informação da população em geral.

Nestas falas identificamos a presença da teoria da dádiva. Os entrevistados relatam que as pessoas de seu relacionamento próximo mantém com eles um contato amistoso e de

cumplicidade, efetuando as trocas simbólicas de forma contumaz, mantendo a dívida como um suporte da relação, contrariando a relação utilitarista dos comerciantes com o grupo, já que não querem a sua imagem ligada a um nigeriano.

A falta de informação dos paulistanos sobre a África é responsável por outra generalização que incomoda os nigerianos, o fato de serem tratados simplesmente como africanos.

Ser africano não é algo que incomode nenhum deles, todos demonstraram ter orgulho de ser africano, porém antes de serem africanos são nigerianos e isto é negligenciado pelas pessoas, não há no Brasil informações sobre o continente africano, portanto, as pessoas não conhecem a África, a única informação que os brasileiros têm é que de lá vieram os escravos.

Porém, mesmo diante deste quadro os entrevistados continuam afirmando que se sentem bem no Brasil, que adoram esta terra e mesmo com um problema ou outro eles conseguem demonstrar nas relações pessoais que são boas pessoas, após vencer esta primeira barreira do preconceito de que nigeriano é tudo traficante, são muito bem recebidos pelos brasileiros em qualquer lugar.

Este aspecto da recepção dos estrangeiros fez com que eles criassem um sentimento de obrigação em relação ao Brasil, todos eles se sentem devedores do Brasil, pois foram bem recebidos.

Embora este discurso fosse uníssono nas entrevistadas, dois deles chamaram atenção para este sentimento de gratidão e obrigação que mantém com o Brasil.

E1 chama a atenção disto dizendo que muito deve ao Brasil, o povo brasileiro sempre lhe deu trabalho apoio e ele sente a necessidade de retribuir isto, afirmando que este sentimento de retribuição ele aprendeu aqui no Brasil, pois na Nigéria as pessoas que ganham dinheiro preferem investir em seu próprio conforto e não em ajudar outras pessoas, diferente do povo brasileiro.

E5 vai mais a fundo na manifestação desta gratidão dizendo que não fala mal do Brasil, não pode dizer mal da terra que o recebeu e lhe deu todas as oportunidades de vida, tem muita gratidão por esta terra e tudo fará para que possa retribuir o que recebeu deste país.

Portanto podemos afirmar que encontramos nesta relação aspectos de hospitalidade como colocado no nosso referencial teórico, ou seja, existe uma relação

Em relação à discriminação racial os entrevistados afirmam que nunca sofreram com isto de forma direta, porém, dizem que sentem que esta discriminação existe e são afetados de forma indireta.

Este tipo de preconceito não existe na Nigéria, todos lá são negros e por isto o que importa é a pessoa e não a cor da pele são raros os brancos na Nigéria, e impossível de dizer que um branco é genuinamente nigeriano. Na Nigéria existem outros tipos de preconceitos e forma de diferenciação social, como a religião e a tribo de origem.

Aqui no Brasil o único entrevistado que indica que sofreu preconceito foi E3 dizendo que quando trabalhou em um restaurante não podia sair da cozinha enquanto houvesse clientes no salão.

Sobre ser negro e estrangeiro os depoimentos demonstram que existem situações em que este binômio é favorável e em outros desfavorável.

Somente E5 relata que o binômio é totalmente desfavorável, relatando que o fato de ser estrangeiro é uma diferença negativa na hora de competir com um brasileiro, afirmando que caso um nigeriano esteja concorrendo em uma vaga de emprego com um brasileiro, o nigeriano perderá a vaga, mesmo que seja mais bem preparado que o brasileiro, porém diz que isto é natural, os iguais se protegem.

Na entrevista realizada com E5, sua esposa, negra e brasileira estava presente e neste momento fez uma intervenção dizendo que o negro brasileiro sofre muito mais preconceito que o estrangeiro, pois aqui todos os negros são vistos como inferiores, burros, favelados e ignorantes e os negros estrangeiros não, pois pelo menos sabem uma língua diferente o que a maioria dos brasileiros não sabe no caso dos nigerianos a grande vantagem que eles tem em relação aos negros brasileiros é o fato de falar inglês e falar inglês é muito valorizado no Brasil.

Os demais entrevistados dizem que o fato de ser estrangeiro e ainda do continente africano cria um curiosidade nas pessoas e isto ajuda a eles poderem se mostrar, portanto acham que ser estrangeiro e negro é uma vantagem em relação a negro e nacional.

E3 que foi o único a relatar preconceito direto fala que o fato de falar inglês fez com que o preconceito inicial, o de não poder sair da cozinha enquanto havia clientes no salão de um restaurante, como já dissemos, foi vencido pelo fato de falar inglês e isto fez com que o dono do restaurante o colocasse para trabalhar no salão do restaurante para servir os clientes estrangeiros.

De modo geral os entrevistados demonstraram que o preconceito racial é pouco importante na vida deles, sofrem alguns dissabores na relação com as pessoas pelo fato de serem negros, mas atribuem isto a fato corriqueiro, ou pequenos dissabores naturais da convivência humana e não preconceito propriamente dito. Concluímos pela postura nas entrevistas, que os nigerianos, na linha do que E5 fala sobre o “jeito de ser” de seu povo,

arrogante, que podemos traduzir esta “arrogância” como uma segurança muito grande dos nigerianos em relação ao que e quem é aliado a habilidade com o comércio lhes traz uma facilidade na inserção social na comunidade paulistana.

### 3.2.5 Ser imigrante

Quando perguntados sobre o sentimento de ser imigrante as respostas foram bem de acordo com as proposições de Raffestin (1997) em relação às fronteiras materiais e imateriais.

Todos os entrevistados falam que não se sentem imigrantes, que amam o Brasil e sentem muito bem aqui, que tem família brasileira e isto cria um vínculo grande com o Brasil, portanto não se sentem imigrantes, porém esta fala se contradiz quando nos aprofundamos na questão e somente E4 admite de forma clara que deixou de se sentir imigrante com a sua naturalização, ou seja, no momento em que passou a ser formalmente brasileiro.

E5 também indica isto, após mesma pergunta (se sente imigrante) fica um tempo pensativo e diz que é complicada esta resposta, se sente bem no Brasil, sua família é brasileira, mas esta aguardando o deferimento da sua naturalização e que acredita que quando for naturalizado este sentimento dúbio, ser ou não ser, imigrante vai desaparecer.

E8 demonstra uma situação que Kaly (2007) indica como o sonho do retorno. Embora em seu discurso se considere brasileira, pois aqui estão seus filhos e sua vida, ele fala abertamente que pretende voltar à Nigéria na sua velhice.

Esse sonho, que pode durar anos, pela análise de Kaly (2007) é uma forma de suportar a dor da separação que o emigrante tem em relação à sua terra natal.

A mesma entrevistada indica que a saída de nigerianos é uma fato social importante na Nigéria, pois muitos deles enviam recursos para a Nigéria, ajudando as suas famílias a ter uma condição melhor de vida.

Segundo o Banco Mundial, mais de US\$ 3 bilhões foram transferidos para o país apenas em 2007. A Nigéria representa, sozinha, 30% das remessas via agências Western Union implantadas na África subsaariana. (Banco Mundial - National Planning commission of nigéria, in <<http://www.npc.gov.ng/home/doc.aspx?mCatID=68250>>)

Isto nos remonta a duas questões, primeiro a importância que as remessas que imigrantes fazem a seus parentes é uma importante fonte de renda para a população nigeriana, fazendo com que os ganhos do exterior sejam aplicados no seu próprio país.

Outra questão é o retorno do imigrante. Como coloca Kaly (2007) Sayad (1998) o retorno é algo presente em todos os grupos de migrantes.

Todos os entrevistados mantêm uma referência no seu país de origem, seja família, sejam amigos, enfim, todos mantêm laços afetivos com a pátria mãe.

E4, por exemplo, mesmo após morar no Brasil e ter o sentimento de que aqui é o seu lugar, foi à Nigéria para casar. E3 demonstra o seu sentimento de necessidade de demonstrar que “venceu na vida” quando vai à Nigéria, pois apenas conta coisas maravilhosas sobre o Brasil. E8 mantém uma remessa constante de recursos para a Nigéria para ajudar a família.

Portanto, ser imigrante é uma experiência positiva, mas não sem dores e dificuldades, todos relatam que a experiência é válida, que tem vontade de permanecer no Brasil, esta permanência se mostra mais definitiva quanto mais laços afetivos o entrevistado tem no Brasil, por exemplo, E1 que se vê como brasileiro,

Já se sente brasileiro, pois viveu mais tempo da sua vida no Brasil. Quando vai à Nigéria se sente um estrangeiro, não se imagina vivendo em outro lugar.

Este sentimento de pertencimento fica maior no momento em que o entrevistado sente uma reciprocidade do Estado brasileiro, como no caso de E4 que já é naturalizado brasileiro e afirma:

Não se sente mais imigrante, e esta sensação de não ser mais imigrante veio com o fato da naturalização. A partir do momento que recebeu a naturalização se sentiu fazendo parte do grupo em que já vivia muito tempo.

Embora os vínculos com o Brasil vão se fortalecendo pouco a pouco no sentimento do imigrante, existe uma preocupação em manter a cultura e os laços com a terra natal, e assim fazem com que seus filhos conheçam e vivam na Nigéria para apreender a cultura original, como fez E4, que tem seus filhos estudando na Nigéria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visa contribuir para o entendimento das migrações contemporâneas que ocorrem na cidade de São Paulo, e pretende apenas iniciar uma discussão sobre a imigração nigeriana na cidade.

Sendo o pesquisador advogado na área de imigração trabalhando com muitos nigerianos verificamos que a imigração nigeriana recente para o Brasil é pouco estudada pela comunidade acadêmica, faltando subsídios para compreender este movimento migratório.

As migrações internacionais são uma realidade contemporânea entendemos que a pesquisa sobre um grupo de migrantes que se dirigem a uma cidade é relevante para o entendimento da dinâmica social da própria cidade e do próprio grupo estudado.

Em relação ao motivo de saída da Nigéria, o trabalho demonstrou que existem dois tipos de imigrantes nigerianos em São Paulo; O primeiro que vem para estudar e o segundo que busca melhor oportunidade de vida, ou seja, para trabalho.

O primeiro grupo foi atraído pela possibilidade de estudar de graça no Brasil e a primeira parada no território nacional é em São Paulo para estudar língua portuguesa na Universidade de São Paulo, local onde se concentra esta primeira etapa do estudante nigeriano, do corpus temos E4 e E5 que vieram nesta situação.

O segundo grupo, representado por E1, E2, E3, E6, E7 e E8, saíram da Nigéria na expectativa de novos desafios profissionais, buscavam por condições de desenvolvimento profissional melhor do que tinham na Nigéria.

A escolha pelo Brasil tem uma influência direta no motivo que demonstraram para emigrar, os estudantes escolheram o Brasil pelo atrativo econômico de aqui estudar de graça, sem ter que pagar pelos estudos, e isto foi possível graças à estrutura do programa PEC-G do Governo Federal que possibilitou a realização de convênios com países em desenvolvimento para estudos de graduação e pós graduação em Universidade brasileiras sem qualquer custo aos interessados.

O segundo grupo esta subdividido em três, sendo que ambos têm em comum o fato de conhecer algum nigeriano que vivia no Brasil e lhes oferecer uma recepção, ou seja, o conhecimento de uma rede de nigeriana já instalada no Brasil. O primeiro subgrupo escolheu o Brasil pelas notícias de uma economia crescente e com oportunidades, como no caso de E1, E6e E8. Os entrevistados E2 e E3 não escolheram o Brasil, a idéia era vir ao Brasil como rota para chegar aos Estados Unidos via México, entrando de forma ilegal naquele país pela fronteira terrestre.

O terceiro subgrupo é representado apenas por E7 que vem ao Brasil como missionária religiosa, interessante que esta entrevistada num primeiro momento alega que a escolha pelo Brasil se deu de forma espiritual, que sonhou com o Brasil diversas vezes, que era um chamado de Deus, porém, ao longo da entrevista verificamos que haviam outros fatores que influenciaram a sua decisão, como a existência de familiares já instalados no Brasil.

Quanto ao acolhimento em São Paulo, ambos se utilizam de uma estrutura já existente no Brasil, os estudantes a própria rede de estudantes da USP, primeira parada obrigatória deles, mesmo que fossem cursar a graduação em outros estados, e os do segundo grupo os amigos que aqui já estavam.

As duas formas se complementam, pois foi a vinda de estudantes que possibilitou a criação de uma rede de nigerianos instalada no Brasil, muitos do que vieram para estudar aqui fixaram residência por falta de oportunidades no país de origem e a criação de relacionamentos que lhes propiciava oportunidades profissionais.

Analisamos esse processo migratório sob o enfoque da teoria da hospitalidade, ou seja, como se dá o encontro e a inserção deste grupo no seio da sociedade paulistana.

O encontro do imigrante com a população local se dá em primeiro lugar com a polícia de imigração, é a fronteira material a ser transposta como coloca Rafestin (1997), esta fronteira é transposta com certa facilidade, a emissão de visto prévio é sempre um alento, e aqui verificamos uma diferença de qualidade de relação entre o grupo de estudantes e o grupo de trabalho. O primeiro se apresenta à fronteira do país na condição de convidado pelo Estado para aqui estudar, portanto este contato tende a ser menos tenso e o estrangeiro se apresenta de forma mais confiante e orgulhoso.

O grupo que vem para trabalhar tem uma tensão maior na transposição desta fronteira, pois se apresenta como turista sabendo que não é, ou seja, além de não ser “convidado” a vir ao Brasil, inicia a relação com o Estado com uma mentira, isto causa uma menor confiança e orgulho nesta primeira fronteira.

Ainda na linha de pensamento de Rafestin (1997), existe a fronteira imaterial para ser transposta, como a língua, aqui percebemos outra grande diferença entre o grupo de estudante e os de trabalho.

Enquanto os estudantes podem contar com uma estrutura de aprendizado da língua, os migrantes de trabalho devem aprender a língua por si mesmos, ou no máximo com a ajuda de alguns amigos aqui já instalados, ou seja, não contam com um estrutura formal de apoio para transpor esta barreira.

Partindo do legado de Godbout (1992), temos a hospitalidade como uma forma de analisar as relações sociais além dos pressupostos teóricos do utilitarismo e do holismo, enxergando nas relações sociais uma troca constante e perpétua que ele chama de dádiva, esta dádiva encontra-se presente no discurso dos entrevistados, ou seja, eles demonstram que mantêm com a população que os recebeu um sentimento de gratidão e o dever de retribuição, não apenas àquelas pessoas que diretamente os recebeu, mas com toda a sociedade paulistana.

Verificamos isto de maneira muito presente nas palavras de E1, que agradece ao povo brasileiro pela boa acolhida e pelas oportunidades de trabalho que aqui recebeu.

A dádiva se encontra em seu discurso em diversos momentos, merece destaque quando fala que mesmo indocumentados as pessoas lhe ofereciam trabalho e ele sabia que isto era um risco para os brasileiros, mas ele sentia que existia nesta relação algo mais do que a simples compra da sua força de trabalho, era um gesto de ajuda importante fora da esfera puramente racional, corroborando com o entendimento de Salles; Bueno; Bastos, (2010), para quem a hospitalidade é um caminho fértil para o entendimento da complexidade das relações sociais.

O acolhimento na cidade de São Paulo passa por dois momentos diferentes, sem qualquer distinção entre os grupos de estudantes e de trabalhadores, o primeiro período que compreendeu na nossa pesquisa o início dos anos 1980 até 2005 mais ou menos, os nigerianos eram bem recebidos nos locais que visitava tendo as portas franqueadas a eles pela força econômica comercial que representavam, porém no momento em que alguns nigerianos foram presos por tráfico de drogas e a nacionalidade nigeriana foi vinculada diretamente a esta atividade estes imigrantes passaram a ser excluídos da sociedade e a hospitalidade anterior passou à hostilidade neste momento pela sociedade paulistana, que não difere o nigeriano trabalhador e estudante do traficante.

Em vários momentos da fala dos entrevistados a reclamação da generalização sobre o povo nigeriano é presente, existe um sentimento de injustiça por parte do grupo imigrante nigeriano em São Paulo, que não se sente valorizado; mesmo existindo nigerianos médicos, advogados e arquitetos nesta comunidade, eles não têm visibilidade, sendo os “holofotes” direcionados apenas aos que praticam crimes. Isto gera, segundo os entrevistados, uma falsa percepção da população em geral sobre o caráter do povo nigeriano.

Baptista (2002) chama a atenção sobre o momento e os lugares dos encontros, e a relação entre o nativo e o imigrante é sempre carregada de simbolismos e tensão, na forma de Rafestin (1997) que afirma que a relação com o outro é necessariamente destruturante, pois nos põe frente a frente com o desconhecido. Seguindo ainda Baptista (2002), a hospitalidade

sendo um modo privilegiado de encontro interpessoal que é marcado pela atitude de acolhimento do outro, pode se transformar em hostilidade, diferenciado pela disposição do ser humano em arriscar o encontro com o outro.

A disposição de encontro é facilitada ou dificultada pela imagem criada dos imigrantes, existem migrantes de maior ou de menor valor, verifica-se, então que os nigerianos até 2005 eram vistos como “bons” imigrantes, gente trabalhadora e geradora de negócios, após as notícias de tráfico de drogas, passaram a ser “más” pessoas e, portanto qualquer contato com eles poderia ser mal interpretado pelo restante da sociedade, ou seja, diminui, ou termina a disposição do risco do encontro.

Seguindo o proposto por Godbut (1992) sobre a dádiva, analisamos esta situação pela quebra da equação retributiva da hospitalidade, pois a sociedade paulistana entendeu que os imigrantes nigerianos que foram acolhidos e inseridos no seio da sociedade paulistana deixaram de agir de boa fé quando vem aqui para traficar drogas, portanto não mais tinham interesse em manter qualquer relação social com este grupo, justamente para não ter que retribuir nada a eles.

Estes fatos dificultaram a pesquisa, pois mesmo tendo contato com diversos grupos de nigerianos que nunca praticaram nenhum delito no Brasil, o medo de perseguições posteriores gerou a recusa de muitos nigerianos à sua participação na pesquisa, assim a amostra coletada foi a possível, pois poucos se dispuseram a falar de suas experiências migratórias.

Outra dificuldade encontrada foi a falta de dados sobre este grupo na cidade de São Paulo, não existem registros oficiais confiáveis para determinar, por exemplo, o número de nigerianos que vivem na cidade de São Paulo.

Diante desta realidade a nossa opção metodológica foi a coleta de dados através de entrevistas na forma de histórias de vida resumida, sendo esta a única possibilidade de coletar dados sobre o grupo. Esta opção metodológica se mostrou eficaz para o objetivo do trabalho, que é uma pesquisa exploratória qualitativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJIBEWA, A. e AWOLOWO, O., **Globalization, Migration and the New African Diasporas: Towards a Framework of Understanding**, International Workshop on Migration and Poverty in West Africa, March 13-14, 2003, University of Sussex, disponível em <http://www.geog.sussex.ac.uk/scmr/research/transrede/workshop/IWMP15.pdf>, acessado em 15/12/2010.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALVES, Marco Antônio Sousa. **Habermas e os desafios de uma sociedade multicultural**, revista *Intuitio* ISSN 1983-4012 Porto Alegre V.2 - No. 1 Junho 2009 pp. 124-139

Banco Mundial - National Planning commission of nigéria, in <http://www.npc.gov.ng/home/doc.aspx?mCatID=68250> acessado em 21/10/2011

BAPTISTA, D.M.T., **A territorialidade dos angolanos em São Paulo**, Apresentado no XIV CISO – ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE ENORDESTE, 2008 disponível em <http://www6.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo40.pdf>, acessado em 15/10/2010

BAPTISTA, Isabel. **Lugares de Hospitalidade**, in DIAS, Célia Maria de Moraes. *Hospitalidade Reflexões e Perspectivas*. São Paulo, Manole, 2002.

\_\_\_\_\_, **Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares**. Revista *Hospitalidade*, São Paulo, ano V, n.2, p.13-22, dez. 2008.

BAENINGER, Rosana e DA CUNHA, José Marcos Pinto, **A migração nos estados brasileiros no período recente principais tendências e mudanças, 2000**, disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2EncNacSobreMigracao/Anais2ENSMi-gracaoOuroPreto1999p117a167.pdf>, acessado em 15/12/2010

BAENINGER, Rosana **O Brasil no contexto das migrações internacionais da América Latina**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr09.htm>, 2000. Acessado em 01/011/2010.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo, **Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico**. Campinas, NEPO/UNICAMP, 1995.

BAUMAN, Z. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BITTENCOUT, Marcelo e FERREIRA, Roquinaldo, **A trajetória de um intelectual africano (Toyin Falola)**. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 10, N. 20, p. 177-186, jan. 2006. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/entrevistas/entres20-1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos\\_xls/palavra\\_chave/populacao/estrangeiro.shtm](http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos_xls/palavra_chave/populacao/estrangeiro.shtm)>, Acesso em: jan. 2007.

BRITO, Fausto, **Brasil, final de século: a transição de um novo padrão migratório?**, in Adelita. Cardeal (Organizadora), Transições Migratórias, IPLANCE, 2002.

CAILLÉ, Alain. **Nem holismo nem individualismo metodológicos** Marcel Mauss e o paradigma da dádiva, Rev. bras. Ci. Soc. v. 13 n. 38 São Paulo Out. 1998

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **A pesquisa em Hospitalidade**. Revista Hospitalidade, São Paulo, ano V, n.2, p. 23-56, dez 2008.

\_\_\_\_\_. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350.

CARDOSO, Carlos, **A diáspora Africana no contexto da Globalização entre a integração social e a cidadania política**, Congresso internacional de estudos africanos, Barcelona 12 a 15 de janeiro de 2004, disponível em < <http://www.didinho.org/cardoso.pdf>>, acessado em 01/10/2010.

CARIGNATO, Taeco Toma; ROSA, M. D. ; BERTA, Sandra Letícia . **Imigrantes e refugiados: encontros na radicalidade estrangeira**. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, v.26-27, p. 93-118, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439

COELHO, M. N. **a inserção do negro angolano no Brasil: processo migratório e processo de escolarização**, Dissertação de Mestrado “Educação e Diversidade Étnico-Cultural: a inserção de crianças negras brasileiras e de crianças angolanas no espaço da escola - Hortolândia/SP, defendida em 2005 na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com financiamento da FAPESP

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Relatos orais, documentos escritos e imagens: fontes complementares na pesquisa sobre imigração**. in M.B. Rocha-Trindade e M.C.S.S. Campos. (orgs). História, memória e imagens nas migrações: abordagens metodológicas (pp.99-133). Lisboa, Ed. Oeiras. 2005.

\_\_\_\_\_. **Reconstruindo identidades múltiplas: imigrantes portugueses e luso-africanos em São Paulo**. in Athenea Digital - num. 10: 137-153, 2006

\_\_\_\_\_, (1999) LANG, A. B. S. G.; CAMPOS, M. C. S. S.. **História Oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU**. São Paulo: Humanitas/ CERU, 1999. v. 1. 34 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

\_\_\_\_\_; DA VIÁ, Sara Chucid. **Pesquisa empírica em ciências humanas**. São Paulo: Futura, 2001.

DESIDÉRIO, Edilma de Jesus, **migração internacional com fins de estudo: o caso dos africanos do programa estudante-convênio de graduação em três universidades públicas no rio de janeiro**, Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

Embaixada da Nigéria no Brasil. **História**, disponível em <<http://www.nigerianembassy-brazil.org/portugues/historia/historias.htm>> acessado em 12/02/2010.

FARIA, Jose Eduardo, **Direito e globalização econômica**, São Paulo, Malheiros, 2010.

\_\_\_\_\_, **A globalização econômica e sua arquitetura jurídica**, disponível em <[http://moodle.stoa.usp.br/file.php/491/8.1.Faria\\_A\\_globalizacao\\_economica\\_e\\_sua\\_arquitetura\\_juridica.pdf](http://moodle.stoa.usp.br/file.php/491/8.1.Faria_A_globalizacao_economica_e_sua_arquitetura_juridica.pdf)>, acessado em 10/02/2011

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Fontes históricas para o estudo da imigração**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 9f.

GERALDO, Endrica, **Entre a Raça e a Nação: A família como alvo dos projetos eugenistas e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930**, dissertação de mestrado do departamento de história do instituto de filosofia e ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas defendida em 2001.

\_\_\_\_\_, **“O Perigo Alienígena” Política Imigratória e Racial no governo Vargas (1930 – 1945)** tese de doutorado apresentado departamento de história do instituto de filosofia e ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas defendida em 2007.

GILROY, Paul, SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Rev. Antropol., São Paulo, v. 45, n. 1, 2002 . disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012002000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 05 Mar. 2011.

GODBOUT, J. T., **Introdução à dádiva**, Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13 n. 38 São Paulo Oct. 1998

GOFFMAN, Erving, **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, São Paulo, Tradução: Mathias Lambert, 2001

GOTMAN, Anne. “La question de l’hospitalité aujourd’hui”. Paris: **Revue Communications**, volume 65, no. 65, PP. 5-19, 1997

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados, colóquio saber e poder**. Campinas, Focus/Unicamp, 10/2008

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JAMUR, Marilena, **Hospitalidade, alteridade e exclusão social**, in BUENO, Marielys Siqueira org. Hospitalidade no jogo das relações sociais. São Paulo Ed. Vieira, 2008.

KALY, Alain Pascal, **à Procura de Oportunidades ou Desembarques por engano: As Vagas de africanos para o Brasil**. Campinas Unicamp, 2007

\_\_\_\_\_, **Os Estudantes africanos no Brasil e o Preconceito Racial. Migrações Internacionais**. Contribuições para Políticas, Brasil 2000 /Coordenadora Mary Garcia Castro. Brasília: CNPD, 2001, vol. 5, páginas 4-31

\_\_\_\_\_, **O Ser Preto africano no « paraíso terrestre » brasileiro. Um sociólogo senegalês no Brasil**, Lusotopie, 2001: páginas 105-121.

KALY, Alain Pascal. **Príncipes/princesas, os sobreviventes da fome da África: os estudantes africanos no Brasil**. Campinas, Ed. Unicamp, 2002.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2004.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. 5ª. edição São Paulo: Ática, , 2002

MARINUCCI, Roberto e MILESI, Rosita, **Migrações Internacionais Contemporâneas**, disponível em <[http://www.migrante.org.br/as\\_migracoes\\_internacionais\\_contemporaneas\\_160505b .htm](http://www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm)> acessado em 15/12/2010

MARTINE, George. **Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século**, Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas, 11(1), 1994

MARTINS, Paulo Henrique (org.). **A dádiva entre os modernos**. São Paulo, Ed. Vozes. 2009.

MAUSS, Marcel. “*Ensaio sobre a Dádiva*”. São Paulo: Edições 70, 2009

MATHEUS, Zilda Maria, **A idéia de uma cidade hospitaleira**, in DIAS, Célia Maria de Moraes. **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

MATTAR, C. M. e MIRAIH, M. X., **Globalização, Desfiliação e Mal-estar contemporâneo**, disponível em <[http://www.fundamentalpsychopathology.org/8\\_cong\\_anais/MR\\_364a.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_364a.pdf)> acessado em 25/08/2010

MBERU, Blessing Uchenna, **Nigeria: Multiple Forms of Mobility in Africa's Demographic Giant**, 2010, disponível em <<http://www.migrationinformation.org/Profiles/display.cfm?ID=788>>, acessado em 05/11/2011.

MONTANDON, Alain. **O desafio da hospitalidade**. Texto apresentado pelo Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, no curso de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, 2003

NADALIN, Sergio Odilon, **construindo alteridades: a trajetória de vida de um jovem imigrante no Brasil (Curitiba, segunda metade do século XIX)**, História: Questões & Debates, Curitiba, n. 51, p. 181-208, jul./dez. 2009. Editora UFPR

NAÍM, Moisés. **Ilícito**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Tradução Sérgio Lopes. 2006. Resenha de livro, HYGEIA, Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde - ISSN: 1980-1726 disponível em <[www.hygeia.ig.ufu.br/](http://www.hygeia.ig.ufu.br/)> acessado em 01/07/2010

NEGREIROS, D. F. de N., **Raça e desterritorialização: uma proposta de análise geográfica da diáspora africana**, Revista Brasileira de pesquisadores negros, v. 1, n. 2 – jul.-out. de 2010, p. 67-83., disponível em <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edições/article/viewFile/38/49>> acessado em 01/11/2010

NOLTE, Insa, **Identidade e violência: a política de juventude em Ijebu-Remo, Nigéria**, The Journal of Modern African Studies (2004), 42: 61-89 disponível em <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=209584>>, acessado em 15/12/2010, tradução livre

NWORAH, Uche, **Study on Nigerian Diaspora**, 05/04/2005 disponível em <<http://www.globalpolitician.com/2682-nigeria>>, acessado em 01/11/2009.

Organização das Nações Unidas. **Conferência Internacional sobre População e desenvolvimento**, Cairo, 1994, disponível em <[http://200.130.7.5/spmu/portal\\_pr/eventos\\_internacionais/onu/Relat%C3%B3rio%20Cairo.pdf](http://200.130.7.5/spmu/portal_pr/eventos_internacionais/onu/Relat%C3%B3rio%20Cairo.pdf)>, acessado em 12/10/2010.

\_\_\_\_\_, PNUD, **Relatório populacional**, disponível em <<http://www.undp.org/>>, acessado em 12/11/2010.

OPIPARI, C. **Le Candomblé: Images en Mouvement São Paulo-Brésil**. Paris: l'Harmattan, 2004, p. 14, *apud* CAVAS, Claudio São Thiago e D'ÁVILA Neto, Maria Inácia, **DIÁSPORA NEGRA: DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA NO BRASIL**, São Paulo, 2010

OKOGBULE, Nlerum S., **O acesso à justiça e a proteção aos direitos humanos na Nigéria: problemas e perspectivas**, Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos, 2005, N. 3, Ano 2, páginas 101-121

PATARRA, Neide Lopes, **Migrações Internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas**. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005. Disponível em <[http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v19n03/v19n03\\_02.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v19n03/v19n03_02.pdf)>, Acessado em 10/02/2011.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**, in Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_, **Memória, esquecimento, silêncio**, in Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

Portal São Francisco. **Nigéria**, disponível em <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/nigeria/nigeria.php>> acessado em 01/02/2011

Prefeitura do Município de São Paulo, **A IMIGRAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO** Integração dos Imigrantes na Cidade como forma de combate à pobreza, São Paulo, 2007

RAFFESTIN, Claude. Réinventer l'hospitalité. **Communications**, Paris: Editions du Seuil, n. 65, p. 165-174, 1997. Tradução: Marielys Siqueira Bueno, 2008.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e migrações internacionais**. São Paulo: Aleph, 2003.

SALES, Teresa, **Imigrantes estrangeiros, imigrantes estrangeiros, : Uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa**, VIII encontro de estudos populacionais, Abep, out. 1992, disponível em <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev.inf./vol9\\_n1\\_1992/vol9\\_n1\\_1992\\_4\\_artigo\\_50\\_64.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev.inf./vol9_n1_1992/vol9_n1_1992_4_artigo_50_64.pdf)> acessado em 12/12/2009

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira e BASTOS, Sênia. Desafios da pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VII, n. 1, p. 3-14, jan.-jun. 2010.

\_\_\_\_\_, BASTOS, S., **História urbana e hospitalidade: o Bairro de Santa Ifigênia/São Paulo**, Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

SANTANA, Ursulina Maria Silva. **A festa e o candomblé: o sagrado vai à mesa**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_, **O retorno elemento constitutivo da condição do imigrante**, Revista Travessia, edição especial, – CEM, janeiro/2000

SILVA, Sydnei Antonio, **Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade**, Estudos avançados, vol.20 no.57 São Paulo May/Ago. 2006

TEDESCO, J. C. *Imigração e integração cultural: interfaces*. Brasileiros na região do Vêneto Itália. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul: UPF Editora/Edunisc, 2006, 311 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo; **Diversidade – Territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo**, EDUC 2003

VIDA, Samuel Santana, **Africanos no Brasil: uma ameaça ao paraíso racial**. Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas, Brasil 2000 /Coordenadora Mary Garcia Castro. Brasília: CNPD, 2001, vol. 5, páginas 3-16

VISENTINI, Paulo G. Fagundes E PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **A política africana do governo Lula**, disponível em <<http://www6.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo40.pdf>>, acessado em 01/02/2011.

ZAGO, E. Farid. **A busca pela posse de petróleo e a instabilidade do Delta do Níger**. Boletim Meridiano 47, Brasília, Vol. 9, N. 99 , out. 2010. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/868/534>>. Acesso em: 06 Mar. 2011.

## **APÊNDICE 1- INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Instrumento de pesquisa utilizado para realização das entrevistas. O roteiro abaixo foi elaborado baseado nas categorias discutidas no corpo da dissertação.

1. Identificação do entrevistado:
2. Trajetória anterior– perfil e status familiar
3. Motivo de Emigrar
4. Motivo da escolha do Brasil
4. Trajetória no Brasil:
5. Como foi acolhido/recebido na cidade:
6. Ser imigrante

## APÊNDICE 2- SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

### Síntese da entrevista 1

Identificação do entrevistado: **Charles**

Sexo **Masculino**

Nacionalidade e naturalidade: **Nigeriano, cidade JOS, Centro-Oeste Nigeriano, atual estado de Plateau.**

Nascimento: **1971**

Chegada ao Brasil: **1997**

Profissão: **Comerciante**

Tribo de origem **Igbo**

#### Trajétória anterior – perfil e status familiar

O pai do entrevistado migrou da região leste da Nigéria, em consequência da guerra civil (1966 e 1970), para a região centro - oeste, acredita que o Pai era soldado do exército federalista e foi lutar na região centro - oeste na época da guerra civil onde conheceu a mãe do entrevistado. Após o casamento o pai tinha a atividade de marceneiro/tapeceiro de móveis, com isto mantinha um padrão de classe média com seis filhos e o entrevistado é o terceiro filho, todos estudaram em escola pública, que era de boa qualidade. Quatro irmãos estudaram até o final da Universidade, uma irmã era atriz famosa na Nigéria, fazia novelas e filmes além de comerciais, moravam em um apartamento de três dormitórios.

Os pais se separaram quando o entrevistado era pequeno (não soube precisar o ano), em decorrência da separação dos pais o entrevistado passou a morar com uma tia que era diretora de escola e tinha como ponto de honra o estudo do entrevistado.

A Nigéria na época em que o entrevistado era pequeno era bem melhor que a Nigéria de hoje, que piorou muito devido à corrupção e má administração, o governantes de hoje são ingratos com o país, porque tiveram tudo e acabaram com a estrutura da Nigéria.

Quando era novo, o dinheiro nigeriano era muito valioso, valia mais que o Dólar, viajar para fora do país era muito barato, um dólar valia 0,60 Nairas (moeda nigeriana), hoje um dólar vale 157 Nairas e isto fazia com que os Nigerianos fossem valorizados no comércio internacional.

O entrevistado cursou até o segundo Grau em escola pública, e ingressou na Universidade cursando Economia, quando tinha 18 anos, porém parou de estudar por falta de dinheiro, a Universidade era pública, mas tinha que pagar.

O seu desejo era ser do Exército (sonho da mãe era ter um filho fardado), chegou a prestar vestibular para as forças armadas, mas não passou.

Saiu da faculdade e foi para Lagos e River State para fazer comércio, era um sonho comum dos jovens da época.

Comprava tecido no Sul e vendia no norte, era uma região pobre e atrasada por conta da religião que era muçumana. Segundo o entrevistado, a região norte da Nigéria, onde está a maioria dos Hauçaus, era muito atrasada em relação ao restante do país em termos de ocidentalização, pois seguem a religião muçumana e não aceitam a cultura ocidental, porém precisavam de bens, principalmente tecido.

Comprava sapatos usados da Europa, ia até países vizinhos (Camarões) e fazia contrabando, pois a Nigéria estava fechada para tentar desenvolver a indústria nacional.

### Motivo da emigração

Como na Nigéria (década 1980) tudo era importado, muita gente que tinha contato com estrangeiros, queria sair do país para comprar mercadorias fora e vender na Nigéria.

Os comerciantes da Nigéria mantinham muito contato com empresas exportadoras de outros países, pois tudo na Nigéria era importado, este contato estreito com o exportador estrangeiro possibilitava receber a mercadoria e pagar apenas depois da venda.

Na época mandavam muitas correspondências para empresas em outros países para fazer parcerias comerciais e a primeira resposta positiva que recebeu foi de uma empresa de fertilizantes do Brasil, em São Vicente.

Em 1997, a empresa mandou documentos para a Embaixada para conseguir o visto para o entrevistado vir ao Brasil.

Chegando ao Brasil, não deu certo com a empresa por sua culpa, pois ele gostou muito do país e não quis voltar para a Nigéria, Logo após chegar ao Brasil teve um relacionamento rápido com uma Brasileira e teve uma filha com ela, sendo que esta filha mora com ele até hoje. Após cinco anos no Brasil conheceu a sua atual esposa, que é Brasileira e teve mais dois filhos.

Veio sozinho diretamente para São Paulo, a empresa que manteve contato foi buscá-lo no aeroporto e lhe mostraram a cidade.

Como decidiu ficar no Brasil, o entrevistado começou a procurar trabalho e conhecia um Nigeriano que estava em Franca que o chamou para trabalhar com ele.

Esse nigeriano conhecia outro nigeriano de São Paulo que era nascido na mesma aldeia do entrevistado, o único da sua aldeia que morava no Brasil, que já estava a algum tempo no Brasil, este o adotou como irmão e o ajudou para tudo aqui no Brasil.

A língua, muito peculiar da sua tribo foi o elemento que o identificou com este nigeriano. (língua de Kalaba, perto de Cross River, aldeia do seu pai).

A procura por oportunidades fora da Nigéria se dava entre os jovens de sua época porque as condições sócio econômicas na Nigéria eram desfavoráveis para estes jovens, faltava perspectiva para o futuro.

### Motivo da escolha do Brasil

Durante um ano, quando tinha 20 anos chegou a morar em Camarões, onde tinha primos, porém não deu certo o comércio lá.

Emigrou diretamente para o Brasil, não foi e nem teve intenção de emigrar para outro país, ressalta que não foi ele que escolheu o Brasil, foi o Brasil que lhe escolheu, pois recebeu quando recebeu a proposta de parceria da empresa no Brasil foi Deus que quis que ele viesse ao Brasil por onde se apaixonou.

As únicas informações que tinha do Brasil decorriam da sua paixão pelo futebol brasileiro, nas copas do mundo, e o campeonato brasileiro que acompanhava pela televisão e por isto já tinha algumas informações sobre o Brasil.

### Trajetória no Brasil:

Nunca teve nenhuma ajuda de nenhum órgão do governo ou instituição de apoio a imigrantes no Brasil, apenas amigos, e principalmente o Nigeriano que o adotou como irmão o ajudaram.

Quando veio para o Brasil veio com sua nacionalidade Nigeriana, não utilizou outra nacionalidade para conseguir emigrar.

O brasileiro é muito acolhedor, as pessoas ajudavam com a língua, com a integração com a sociedade, são interessados, a recepção foi muito boa, nunca teve problema de preconceito por ser negro ou ser estrangeiro.

Na Nigéria existe uma discriminação que é muito pior que é a discriminação religiosa (mulçumano x cristãos), lá na Nigéria existe uma rixa entre as tribos e que se reproduz aqui no Brasil, porém de forma menos intensa.

Nunca teve problemas com outras tribos de nigerianos aqui no Brasil. O seu irmão (se referindo ao amigo que o adotou) foi homenageado pelos Yourubas, por ser tão querido.

A sociedade brasileira sempre lhe ajudou, deu emprego, mesmo não tendo visto regular que pudesse trabalhar, sempre sem registro, mas sempre trabalhando, agradece muito a sociedade brasileira que lhe deu oportunidades e acreditou nele.

Começou no Brasil vendendo roupas e outros objetos (não identificou) para Nigerianos que vinham comprar produtos no Brasil, um grande negócio na época era recepcionar Nigerianos no aeroporto e indicar os lugares onde comprar produtos em São Paulo, onde ganhava uma comissão.

Trabalhou em uma lavanderia, depois comprou um Bar, que foi um sucesso por ter um Karaokê, e era um dos poucos pontos de diversão do bairro onde estava (vila rica) e passou o ramo de confecções.

Hoje tem uma empresa de confecções de uniformes e camisa pólo, pensa em investir agora na confecção de calças Jeans.

Já morou em Franca durante alguns meses, posteriormente mudou-se para São Paulo, sempre residindo na Zona Norte e viveu durante um tempo em Mairiporã, hoje se sente vencedor e lutador como qualquer brasileiro para ganhar o dinheiro de cada dia.

### Ser imigrante

Já se sente brasileiro, pois viveu mais tempo da sua vida no Brasil. Quando vai à Nigéria se sente um estrangeiro, não se imagina vivendo em outro lugar.

Aguarda a regularização do seu visto de permanência. Indica que a regularização de documentos para estrangeiros no Brasil é muito difícil e triste, dizendo que não quer recordar porque é muito dolorosa (a fronteira material) é muito difícil de transpor.

Teve uma filha, em 2000, com uma brasileira (relacionamento casual) e a filha mora com ele até hoje, depois se casou, em 2002 com a sua atual esposa e tem mais duas filhas.

Nunca participou de nenhum processo de anistia ou refúgio no Brasil.

Não tem nenhuma intenção de voltar a viver na Nigéria, pois a sua família, esposa e filhas são brasileiras e, o entrevistado, acha que o Brasil é o melhor lugar do mundo para viver, porque aqui o trabalho é farto e as pessoas têm oportunidade.

Sempre se identifica como Nigeriano, nunca como Africano, quando alguém lhe pergunta se é africano ele explica que é nigeriano que a África é um continente.

As pessoas acham que por ser negro, somos africanos e não sabem distinguir as nacionalidades africanas.

O processo imigratório influenciou muito na sua vida pessoal, principalmente a maneira de enxergar as coisas e as pessoas. Hoje tem noção de que é necessário devolver o que se recebe das pessoas, retribuir o que recebe.

Conta uma história para exemplificar o que aprendeu com os brasileiros, ele tinha uma Kombi que quebrou na rua umas cinco horas da manhã e apareceu um mendigo que lhe ajudou a empurrar o carro, isto nunca aconteceria na Nigéria, lá cada pessoa cuida da sua vida e mais nada.

As filhas na escola demonstram que tem orgulho da nacionalidade do Pai, e sempre convidam todos os amigos da escola para ir à Nigéria.

Acha importante contribuir para o trabalho para que sociedade tenha outra visão dos nigerianos, pois têm muitos médicos.

### Síntese da entrevista 2

Identificação do entrevistado: **não quis se identificar, com receio que as informações poderiam lhe trazer problemas de perseguição.**

Nome (fictício): **Jhon**

Sexo **Masculino**

Naturalidade **Nigéria**

Nascimento **1970**, na cidade de **Lagos**

Data da chegada ao Brasil **1997**

Profissão **comerciante**

Etnia **Yorubá**

#### Trajetória anterior da família – perfil e status familiar

Veio de uma família poligâmica, onde o Pai tinha quatro esposas, e um total de 17 filhos. Considera que a família vivia como uma família de classe média no Brasil, O pai era comerciante em Lagos, e tinha uma boa renda, porém em virtude de ter muitos filhos tinham uma vida comum, sem os luxos que pai poderia dar se tivesse menos filhos.

Estudou até o segundo grau completo em escola pública e cursou até o terceiro ano da faculdade de engenharia na Nigéria, em Lagos.

#### Motivo de Emigrar

Decidiu viver fora da Nigéria em razão das conseqüências da guerra civil, que deixou o país sem perspectivas para o futuro. A guerra civil deixou o país muito enfraquecido, e o governo foi se tornando cada dia mais corrupto, o que fez com que a população normal, ou seja, aquela que não tinha nenhum amigo no governo sofresse muito com a falta de dinheiro e esta situação não tinha perspectiva de mudança.

O objetivo do entrevistado era migrar para os Estados Unidos para estudar e trabalhar, porém, como conseguir visto era muito difícil, ficou sabendo através de

amigos que a solução era usar o Brasil e o México como rota para chegar aos Estados Unidos.

O entrevistado veio sozinho, pois sair do seu país para entrar ilegalmente em outro era, para ele, motivo de vergonha, mas ele não enxergava outra saída para conseguir o que queria.

#### Motivo da escolha do Brasil

A intenção primeira era ir para os estados Unidos, utilizando o Brasil apenas como rota para chegar ao México e chegar ilegalmente pela fronteira.

Quando chegou ao Brasil verificou que ir aos Estados Unidos pela forma que pretendia não era fácil, então foi ficando no Brasil e para sobreviver foi fazendo comércio nas ruas do centro da cidade, o que faz até hoje.

Nunca procurou nenhuma associação ou ajuda do governo, pois achava que o fato de estar ilegal não lhe trazia nenhum direito, além do medo de ficar cadastrado em qualquer lugar, o que poderia facilitar a sua localização pela polícia.

Quando saiu da Nigéria não tinha nenhuma informação sobre o Brasil, pois queria apenas passar por aqui, resalta que já havia assistido jogos de futebol do Brasil, mas isso não lhe trazia nenhuma informação sobre o país.

#### Trajetória no Brasil:

O entrevistado veio para o Brasil na condição de turista e ficou durante dois anos como ilegal até ter anistia em 1999, após o filho nascer, em 2002, transformou o visto e passou a ter permanência com base em filho brasileiro.

Durante o tempo que ficou ilegal tinha muita dificuldade de conseguir emprego formal, portanto, fazia comércio informal no centro da cidade de São Paulo, além de ajudar outros nigerianos que aqui chegavam a conseguir documentos e trabalho, e isto lhe gerava uma pequena renda que lhe servia para sustentar a família.

Passou muita dificuldade no Brasil, mas nunca pensou em voltar para a Nigéria porque aqui tinha melhores expectativas.

Depois de um ano no Brasil gostou demais do povo e não mais pensou em ir aos Estados Unidos.

#### Como foi acolhido/recebido na cidade:

Não tinha nenhum conhecido no Brasil e teve ajuda apenas de brasileiros no início, pessoas com quem conversava e lhe ofereciam ajuda, porém eram poucos os que lhe ofereciam um emprego.

Em decorrência desta situação sempre procura ajudar nigerianos que chegam, pois não quer que outros nigerianos passem o que ele passou aqui.

A expectativa era chegar os Estados Unidos e nunca o Brasil foi seu alvo de imigração, porém com a dificuldade de conseguir visto para o México [nesta época, entre 1990 e 2002, o México pedia visto de entrada para muitos países do mundo por pressão dos Estados Unidos em decorrência da imigração ilegal que acontecia nesta fronteira] o entrevistado achou melhor ficar no Brasil, principalmente depois que conheceu o povo brasileiro.

O povo brasileiro é muito gentil e recebe muito bem as pessoas, mesmo quando tinha dificuldade com a língua via que as pessoas tentavam entender que ele falava e isto

sempre o deixou muito feliz e motivado a aprender a língua portuguesa, inclusive para retribuir esta cortesia do povo brasileiro.

Sempre foi muito boa e cordial a convivência com brasileiros e outros grupos estrangeiros que vivem em São Paulo, nunca teve problemas de preconceito no Brasil, ou pelo menos não entende os pequenos dissabores do dia a dia como discriminação, diz que o fato de ser estrangeiro causava muita curiosidade nas pessoas e isto ajudava ele a conhecer novas pessoas.

Pela cor sempre achou que o preconceito que sofria era o mesmo que os brasileiros negros sofriam.

O conceito de preconceito racial só foi entendido pelo entrevistado quando chegou ao Brasil, porque na Nigéria existem diferenças e preconceitos pela tribo ou religião, pois na Nigéria todos são negros e não existe diferença entre as pessoas.

Aqui no Brasil começou a ganhar dinheiro vendendo produtos para nigerianos que vinham aqui comprar mercadorias para vender na Nigéria, sempre residiu na Zona Norte de São Paulo.

#### Ser imigrante

Se sente meio brasileiro e meio nigeriano, meio brasileiro porque é casado com uma brasileira e meio nigeriano porque convive muito com a comunidade nigeriana em São Paulo.

Nunca foi processado ou preso no Brasil, inclusive indagou porque esta pergunta, pois só pelo fato de ser nigeriano tem que ter processo no Brasil? [neste momento o entrevistado demonstrou um pouco de desconforto com a pergunta]

Obteve visto permanente em decorrência da anistia concedida pelo governo brasileiro em 1999 e depois transformou o visto com base em filho brasileiro.

Em todo tempo que esta aqui no Brasil foi apenas uma vez para a Nigéria para conseguir novos clientes para mandar produtos brasileiros para a Nigéria.

Não tem perspectiva de retorno, acha que o Brasil esta melhorando a cada dia, principalmente para fazer negócios e por isso pretende ficar aqui para o resto da vida, além disto, tem mulher e filha brasileira e apenas lamenta não ganhar mais dinheiro no Brasil para poder viajar mais para a Nigéria, porque tem saudade da família.

Acha importante este trabalho para tirar da cabeça das pessoas esta associação que fazem de qualquer negro estrangeiro ser nigeriano, principalmente quando se trata de tráfico de drogas e que várias vezes viu notícias de jornal dizendo que alguma pessoa que foi presa por tráfico de drogas a mídia o tratava como nigeriano, mas na verdade eram pessoas de outras nacionalidades.

### Síntese da entrevista 3

Identificação do entrevistado: **não quis se identificar, com receio que as informações poderiam lhe trazer problemas de perseguição.**

Nome: **Cris**

Sexo **masculino**

Naturalidade **Nigéria**

Nascimento **1965**, estado de **EDO** (estado situado a sudoeste da cidade de Lagos)

Data da chegada ao Brasil **1990**

Profissão **comerciante**

Etnia **EDO** (uma das duzentas e cinquenta etnias fora das etnias de maior predominância na Nigéria: Igbo, Yorubá e Hauçaus)

#### Trajetória anterior da família – perfil e status familiar

**Segundo filho de uma família de sete irmãos, é o segundo mais velho, filho de um pequeno comerciante e a mãe dona de casa, considera a sua família de classe média baixa, em comparação ao Brasil.**

**Estudou em escola Pública até o segundo grau, porém não tinha condições de pagar a faculdade.**

**Aos 17 anos começou a trabalhar no comércio da sua cidade e isto lhe agradava muito, cada vez que conseguia vender algo ficava muito feliz.**

**A família não tinha condições e pagar os seus estudos na universidade, assim teve que começar a trabalhar cedo para ter uma ocupação.**

**Trabalhou em Lagos como ajudante em uma loja de artefatos importados, roupas e outras mercadorias para juntar dinheiro e montar sua própria loja.**

#### Motivo de Emigrar

**Um cliente da loja em que trabalhava, que parecia muito rico, tinha vivido dez anos nos Estados Unidos e isto lhe chamou atenção, então começou a sonhar em morar fora da Nigéria, pois lá sabia que o seu futuro não seria muito diferente do que já vivia, tendo em vista a falta de estrutura do país e a corrupção que era generalizada.**

**Decidido a ir morar e trabalhar nos Estados Unidos tentou por diversas vezes o visto Americano, sempre negado, pois ele não tinha condições de fazer uma viagem turística, conheceu uma pessoa que havia ido aos Estados Unidos via Brasil e México, o que lhe pareceu uma alternativa, pois não conseguia ir direto da Nigéria.**

**As pessoas saem da sua terra natal cheia de idéias e esperanças, mas quando chegam a outros lugares vêem que as coisas são mais complicadas do que pareciam.**

#### Motivo da escolha do Brasil

**A intenção primeira era a imigração passageira, utilizando o Brasil apenas como rota para os Estados Unidos.**

Veio da Nigéria com um amigo da mesma região EDO, porém este amigo ficou apenas três meses no Brasil e tentou ir aos Estados Unidos, pois tinha mais dinheiro que o entrevistado e pode comprar um visto falso para o México.

Soube que este amigo foi preso na fronteira do México com os Estados Unidos e foi deportado para a Nigéria, nunca mais teve notícias deste amigo, que segundo dizem na Nigéria ele esta morando na Europa agora.

Quando soube do ocorrido com o amigo isto lhe causou medo de tentar a viagem e decidiu ficar no Brasil, pois o comércio aqui é muito bom e tem chance de ganhar dinheiro, além disto, já no Brasil se lembrou de uma pessoa na sua tribo que tinha se mudado para o Brasil na década de 1980 e voltava contando histórias maravilhosas sobre o Brasil, e era esta a informação que possuía do Brasil, era uma terra maravilhosa, um povo acolhedor que tem muitos hábitos comuns com os Nigerianos.

### Trajetória no Brasil

O entrevistado veio para o Brasil com visto de turista e ficou durante nove anos como ilegal até ter anistia no Brasil em 1999 e permanece até hoje como permanente baseado na anistia.

Desistindo da viagem para os Estado Unidos, o entrevistado começou a tentar ganhar a vida no Brasil. Quando veio da Nigéria trouxe o nome e endereço de um nigeriano que morava perto da sua casa na Nigéria e tinha imigrado para no Brasil para estudar no convênio do governo, porém não encontrou este nigeriano para pedir ajuda e teve que se virar sozinho, inclusive para conseguir trabalho e local para morar.

Sempre trabalhou no comércio, trabalhando em lojas como empregadas, sendo seu sonho ter o próprio negócio no ramo de venda de brinquedos, que acredita ser muito lucrativo, pois trabalha neste ramo há muito anos.

Depois que conseguiu a permanência pela anistia passou a ter melhores empregos e a sua renda melhorou muito, porém acha que ganha pouco pela tanto que trabalha.

Já trabalhou em Bar, lanchonete e restaurante logo que chegou ao Brasil. O entrevistado afirma que quando trabalhou em um restaurante percebeu o que é discriminação racial, pois ele não poderia sair da cozinha enquanto houvesse clientes no salão, atribui este fato à cor da sua pele, mas isto durou pouco porque o dono precisava de alguém que falasse inglês começou a lhe dar valor, independentemente da sua cor.

### Como foi acolhido/recebido na cidade:

Quando chegou ao Brasil se sentiu muito bem, porque as pessoas o recebiam muito bem, o relacionamento com os brasileiros sempre foi muito bom, todos demonstram interesse em conhecê-lo e lhe ajudam sempre que precisa, porém depois que começaram a sair notícias na televisão e jornal sobre o tráfico de drogas sempre associado a nigerianos, passou a ter problemas para conseguir emprego e sentiu uma forte exclusão e preconceito por parte dos brasileiros, pois hoje todos o olham com desconfiança pelo fato de ser Nigeriano.

O problema de relacionamento que existe no Brasil acontece pelo fato de ser nigeriano, não por ser negro, tão pouco pelo fato de ser estrangeiro.

Assim acredita que o aqui no Brasil as pessoas não sabem separar as pessoas errados das certas e isto generaliza as pessoas de acordo com a atitude de apenas alguns.

Sobre a questão do preconceito o entrevistado diz que na Nigéria não existe preconceito racial, porque são todos negros, assim o que existe é o homem e não o homem negro. O tipo de discriminação que existe na Nigéria é em relação à origem tribal e a religião, pois uns se acham melhores que os outros.

#### Ser imigrante

Não sabe dizer se sente imigrante, pois ama o Brasil, porém a sua condição de anistiado lhe deixa inseguro, entende que a Polícia pode lhe mandar embora a qualquer momento, mas deixa claro que não gostaria nunca de ter de deixar o Brasil, pois aqui se sente muito bem.

Nunca foi processado e demonstra orgulho de nunca ter ido a uma delegacia de polícia.

Já foi à Nigéria algumas vezes e quando lá esta só conta a parte boa do Brasil, não fala nada sobre as dificuldades, quer que as pessoas da Nigéria enxerguem ele como um vencedor e saibam só o lado bom da história dele.

Não tem perspectiva de retorno para a Nigéria, principalmente depois da crise mundial, acha que o Brasil será o país que mais vai crescer e ele não quer perder esta oportunidade.

### Síntese da entrevista 4

Identificação do entrevistado: **Godson**

Sexo **Masculino**

Naturalidade **Nigeriana**, cidade **ABA**, estado de **ABIA**

Nascimento **1963**

Chegada ao Brasil **17-02-1986**

Profissão: **Comerciante; industrial**

Etnia **Igbo**

#### Trajatória anterior da família – perfil e status familiar

O entrevistado vem de uma família de nove filhos, sendo o filho homem mais velho de um comerciante que possuía um mercado em sociedade com alguns irmãos e uma pequena empresa de construção civil, considera a sua família de classe média baixa.

Por ser o filho homem mais velho é o responsável pela continuidade dos negócios da família.

Estudou até o segundo grau em escola pública, quando terminou a escola foi trabalhar com o Pai e fez um curso de três meses em uma faculdade adventista que era uma filial de uma universidade dos Estados Unidos, a idéia era terminar este curso e ir estudar nos Estados Unidos, a graduação completa em administração de empresas, sempre quis estudar fora da Nigéria e por isso já foi fazer o curso rápido de administração na Universidade adventista, cuja mãe era desta religião.

Como o custo para estudar nos Estados Unidos era muito alto, para o seu padrão de vida, ele começou a procurar outros lugares para ir estudar, apareceram oportunidades de intercâmbio com a França, Rússia, Espanha e Bulgária.

Enquanto estava procurando outros lugares, conheceu alguns amigos que lhe falaram sobre o Brasil.

Na Nigéria as dificuldades de comunicação eram bastante grandes: para poder ligar para fora, para as universidades de outros países, era preciso se deslocar até a cidade de Lagos, mais ou menos 8 horas de viagem.

Em Lagos, em uma das empresas de telecomunicações que freqüentava para fazer as referidas ligações telefônicas conheceu uma pessoa que prestava serviços para várias embaixadas.

#### Motivo para Emigrar

A idéia era terminar o curso de três meses na Universidade adventista e ir estudar nos Estados Unidos, a graduação completa em administração de empresas, pois sempre quis estudar fora da Nigéria, como o custo para estudar nos Estados Unidos era muito alto, para o seu padrão de vida, ele começou a procurar outros lugares para ir estudar, apareceram oportunidades de intercâmbio com a França, Rússia, Espanha e Bulgária, porém todas as alternativas eram muito caras.

#### Motivo da escolha do Brasil

Enquanto estava procurando outros lugares, conheceu uma pessoa que lhe falou sobre o Brasil, esta pessoa conseguiu marcar uma entrevista com Edna, funcionária da embaixada do Brasil em Lagos.

Esta funcionária lhes deu as informações sobre o intercâmbio e o que mais chamou atenção foi o fato de poder estudar de graça no Brasil, porém a manutenção seria por conta dos estudantes, perguntou à funcionária da embaixada do Brasil como seria a questão do trabalho, e ela informou que o trabalho no Brasil não pagava muito e que não teria como se sustentar com este trabalho.

Decidiu, com mais dois amigos virem ao Brasil, fizeram toda a documentação necessária e vieram.

A idéia era vir ao Brasil estudar e voltar À Nigéria, pois era o que determinava o acordo bilateral, teria que voltar para prestar serviços ao seu País.

#### Trajetória no Brasil:

Na época que chegou ao Brasil e era estudante, para poder ganhar algum dinheiro, ia ao aeroporto internacional e encontrava pequenos empresários Nigerianos que vinham ao Brasil para fazer compras.

Os empresários gostavam, pois eles poderiam traduzir para o português e poder ter uma ligação uma pessoa no Brasil, que pudessem confiar para acompanhar o embarque, por este trabalho ganhava entre 5 e 10% dos valores das vendas, o que era muito bom, o entrevistado vivia sozinho em um bom apartamento mobiliado e tinha carro, em decorrência deste tipo de trabalho que exercia.

Quando terminou a faculdade, começou a fazer pós graduação na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), porém não concluiu porque ficou muito caro, mas isto lhe garantia o visto de estudante.

Em 1994 voltou para a Nigéria e casou, era uma namorada que tinha há muito tempo e decidiu casar, nesta época, que passou na Nigéria para o seu casamento confirmou a sua idéia que não tinha possibilidade de viver na Nigéria, porque a situação era ruim, não tinha emprego, as coisas estavam muito ruins, como graduado ele receberia no máximo cem dólares como salário.

Logo após o casamento ele voltou para o Brasil, ainda com visto de estudante e sua esposa como turista, sendo que não teve problema para conseguir o visto de turista da esposa, pois já havia todo seu histórico na embaixada e a mesma Cônsul, Edna, ainda trabalhava lá e ficou muito feliz e vê-lo.

Quando retornou ao Brasil já casado começou a trabalhar com alguns amigos da faculdade que haviam montado uma produtora de vídeos, principalmente institucionais.

Como já tinha contato com empresários brasileiros, pois ele levava nigerianos para comprar produtos, ele conseguiu uma proposta de um brasileiro que era dono do Shopping na cidade de Santos para fazer um programa patrocinado, o que fizeram por um ano e meio.

Em 2004 mudou para Londres para estudar e viver lá, e ficou por três anos, depois foi para Nigéria, e ficou por lá mais um ano, porém, acha que o Brasil é o melhor lugar para viver e progredir.

Hoje é sócio de uma confecção na região norte de São Paulo.

Como foi acolhido/recebido na cidade:

Quando veio ao Brasil, ele comprou uma passagem com uma conexão no Rio de Janeiro, de Lagos até o RIO veio com os amigos, e lá teve que mudar de avião e os amigos ficaram no mesmo vôo.

Como ele chegou muito mais tarde em São Paulo, os amigos já haviam ido embora.

Quando chegou a São Paulo já era tarde e ele teve uma recepção extraordinária, pois o pessoal da Varig não deixaram ele sair do Aeroporto, porque seria perigoso, o pessoal da Varig ficou com ele e no dia seguinte pela manhã o levaram para a USP diretamente no departamento de estrangeiros.

Ele se sentiu muito honrado e ficou muito feliz com a recepção que teve no aeroporto.

No dia seguinte, já na USP, no departamento de estudantes estrangeiros, encontrou mais dois Nigerianos que já haviam estudado na USP (Universidade de São Paulo), que foram chamados para recepcionar o entrevistado e seus amigos.

Ele foi morar com um destes estudantes nigerianos veteranos, pois este morava em uma casa grande e lá encontrou seus dois amigos que vieram junto com ele da Nigéria, que já sabiam do seu atraso e que o entrevistado tinha ficado com o pessoal da companhia aérea.

Ficou na casa deste nigeriano por quatro dias e depois ele e os dois amigos foram colocados em uma república para estudantes estrangeiros.

Nesta republica havia pessoas de outras nacionalidades, coreanos, chilenos.

O relacionamento com estes outros estudantes de outras nacionalidades era muito bom, sendo que apenas alguns falavam inglês, mas todos se esforçavam para entender e se comunicar, ainda mais porque todos estudavam português para estrangeiros na Universidade.

O visto de estudante tinha que ser renovado todos os anos, o que entrevistado se lembra é que era uma fase que gostaria de esquecer, porque era muito trabalhoso, não tinha problema para renovar o visto, porém a burocracia era muito grande.

O entrevistado não sabia o que era preconceito racial, porque na Nigéria são todos Negros e não sabem o que é preconceito racial, conhecendo esta realidade aqui no Brasil.

Estudou na ECA (escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo) e era o único negro na sala de aula.

Havia uma pessoa que fazia sempre muitos comentários e piadas sobre negros, o entrevistado mantinha um relacionamento bom com esta pessoa e levava as suas brincadeiras e piadas numa boa.

Porém, em uma ocasião em que faziam um trabalho prático, de televisão, o entrevistado estava trabalhando como câmera e ouvia pela rádio as piadas deste amigo.

Quando ficou nervoso, largou tudo e começaram a brigar, inclusive quebrando alguns equipamentos.

Após este episódio, a faculdade de propôs a ajudá-lo, entende que recebeu bom apoio da instituição, que lhe ofereceu várias formas de registrar as suas queixas.

Passou a conviver de forma diferente com este amigo, porém amistosamente para que não houvesse mais problemas.

O restante da turma reagiu bem quanto a esta briga e não sofreu represálias.

Fora este incidente nunca mais teve problemas com qualquer brasileiro ou pessoa de outra nacionalidade.

Acredita que o preconceito era menor com ele, pois era negro, mais estrangeiro e isto fazia muita diferença.

Todos em São Paulo acham que todos os Africanos são Nigerianos e fazem uma relação destas pessoas com o tráfico, mesmo que não sejam nigerianos, todos são confundidos com nigerianos, e generalizada esta visão.

Muitos nacionais de outros países tiram passaporte nigeriano para poder viajar, pois era um passaporte valorizado e aliado ao fato de conseguir passaporte muito fácil na Nigéria, pois não existe documento de identidade oficial, apenas a certidão de nascimento, para conseguir um passaporte era só pedir e nem precisava ser pessoalmente.

Desde que estas notícias passaram a ser veiculadas o preconceito com Nigeriano aumentou muito, principalmente de órgão governamentais, como a Polícia, Prefeitura, etc.

#### Ser imigrante

Não se sente mais imigrante, e esta sensação de não ser mais imigrante veio com o fato da naturalização. A partir do momento que recebeu a naturalização se sentiu fazendo parte do grupo em que já vivia muito tempo.

Tem dois filhos que vivem atualmente na Nigéria com a Mãe para que possam incorporar a cultura Nigeriana, e isto é uma exigência da esposa, embora ele ache que lá como não existe violência é melhor para criar os filhos.

Hoje o entrevistado é naturalizado brasileiro e não tem a mínima intenção de voltar a viver na Nigéria.

### Síntese da entrevista 5

Identificação do entrevistado: **Chibuzor**  
Sexo **Masculino**  
Naturalidade, cidade **MBEKE** estado de **NBALO**  
Nascimento: **1960**  
Chegada ao Brasil: **27/07/1982**  
Profissão: **Industrial**  
Etnia **Igbo**

#### Trajetória anterior da família – perfil e status familiar

**Filho mais novo de uma família de cinco irmãos e lembra-se dos seus irmãos já moravam fora de casa, por isto foi o filho que ficou mais com o pai e a mãe.**

**Freqüentou escola particular durante a guerra, chamada Win the War schooll, [escola de vencer a guerra] durante o primário, que era umas das poucas escolas que funcionaram durante a guerra civil (1971) era uma escola particular de regime de internato, a sua família tinha uma boa situação financeira, por isso podia freqüentar a escola durante a guerra civil, pois a maioria não tinha acesso a escolas particulares.**

**Com dezoito anos deixou a casa dos pais como era a tradição dos jovens da época. Em 1979 mudou-se para Lagos onde tinha parentes, para trabalhar como comerciante e muito decidido a vencer, pois seria uma grande vergonha voltar para a casa dos pais antes de vencer.**

#### Motivo para Emigrar

**Em Lagos, 1980, arrumou emprego em uma empresa parecida com a ABAV (associação Brasileira de Agências de Viagem) aqui no Brasil, onde eles coordenavam agências de viagens e companhias aéreas na Nigéria.**

**Após mais ou menos um ano em Lagos arrumou um emprego no Congresso Nigeriano na área de contabilidade final, semelhante ao tribunal de contas aqui no Brasil e isto lhe gerou uma “abertura de cabeça”, pois convivia com senadores, deputados.**

**Trabalhando no congresso passou a ter acesso a todas as embaixadas e telefone a vontade.**

**Já que não tinha dinheiro e sua família não tinha dinheiro para que ele fosse estudar fora da Nigéria, começou a pesquisar lugares para sair da Nigéria para estudar, com foco inicial nos Estados Unidos.**

**Tendo acesso a todos os acordos bilaterais que a Nigéria tinha com outros países encontrou o acordo com o Brasil, ligou para a embaixada e foi lá verificar que escolas poderiam ser cursadas no Brasil.**

**Nesta reunião na Embaixada do Brasil foi com um amigo que não queria vir ao Brasil, apenas para os Estados Unidos, mas o entrevistado se convenceu que deveria vir ao Brasil, pois aqui se poderia estudar de graça, porém, precisava de dinheiro para o seu sustento aqui no Brasil e o que ele ganhava no Ministério não dava.**

**Ai ele conseguiu um emprego em uma companhia marítima à noite, trabalhando em dois lugares, no ministério durante o dia e na companhia marítima à noite, durante**

mais ou menos seis meses ou um ano, não se lembra, conseguiu juntar o dinheiro para pagar a passagem aérea.

Não sobrou nada de dinheiro para vir, chegou ao Brasil com US\$ 27,00.

### Motivo da escolha do Brasil

O fato de poder estudar de graça no Brasil foi decisivo para a sua decisão de vir ao Brasil.

Antes de emigrar não tinha muitas informações sobre o Brasil apenas as informações fornecidas pela Embaixada do Brasil em Lagos sobre as possibilidades de estudo aqui no Brasil.

### Trajetória no Brasil:

O acordo cultural previa que o estrangeiro poderia vir ao Brasil e tinha que cursar um ano de português na USP, e depois poderia ser mandado para qualquer universidade federal.

Quando chegou ao Brasil teve que morar fora da USP, porque a arrogância dos Nigerianos que não negociou este ponto com o governo brasileiro, como fez os angolanos que vêm ao Brasil para estudar e tinham moradia e ajuda de custo.

Chegou ao Brasil com visto de estudante sem qualquer problema e aqui no Brasil teve filho no Brasil o que lhe garantiu a sua permanência.

Ele, após o curso de português foi mandado para Juiz de Fora para estudar Comunicação, a idéia do MEC era mandar sempre em dupla para outras universidades.

Após um ano e meio de estudos em Juiz de Fora voltou para São Paulo, pois era aqui que as coisas aconteciam, tentou transferência para cursar Direito na Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco, porém teve muitas dificuldades burocráticas, pois teria que começar o curso do primeiro ano novamente, o que o motivou a deixar de cursar Direito na USP.

Tinha um amigo que estudava em Mogi da Cruzes e decidiu ir para Mogi para estudar Direito, passou no vestibular do Mackenzie e Mogi.

A diretoria da Universidade de Mogi lhe deu bolsa integral, porque ele fazia parte do acordo bilateral com a Nigéria.

Quando terminou a faculdade de Mogi, entrou para o ramo de autopeças, procurarem mercadoria no Brasil e mandar para a Nigéria.

O amigo que morava em Mogi lhe deu a dica de acompanhar comerciantes nigerianos que chegavam ao aeroporto de São Paulo.

Era comum comerciantes da Nigéria virem ao Brasil para fazer compras aqui no Brasil e estes estudantes acompanhavam estes comerciantes e ganhavam comissão para isto, pois estes comerciantes precisavam de ajuda.

Nesta época, década de 1980, eram muitos os nigerianos que vinham comprar coisas, principalmente sapatos de Franca, roupas do Brás, pequenos comerciantes com vinte, trinta mil dólares para procurar coisas para comprar em São Paulo.

Ganhou muito dinheiro vendendo remédio para Nigerianos que vinham aqui comprar, este comércio deixou de ser intenso com o fim dos vôos da Varig para a Nigéria.

Ele se dava muito bem com os comerciantes Nigerianos e Brasileiros, os tratava muito bem, chegava a fazer comida Nigeriana e levava ao Hotel onde estavam os

Nigerianos para ganhar a confiança deles, assim todos queriam comprar com ele as mercadorias.

Pelo fato de ter berço, ser bem criado é uma pessoa que entende o valor do trabalho e que tem que trabalhar muito para conseguir vencer.

Hoje é empresário no ramo de cosméticos para negros, fabricando os produtos aqui no Brasil, através de uma tecnologia que comprou de uma empresa americana por 50 mil dólares.

Como foi acolhido/recebido na cidade:

Nunca teve problemas com os brasileiros e com outros grupos. A dificuldade que tem é com conterrâneos que chegam aqui no Brasil e não querem se qualificar.

A sua recepção foi muito boa, muito calorosa, sempre lhe trataram muito bem, todos os alunos brasileiros da faculdade sempre lhe trataram muito bem, sempre tinha ajuda, os tempos eram outros, os estudantes brasileiros ajudavam, dividiam a comida que tinham, por exemplo.

Ele sabia que para os Brasileiros que ele contava as suas dificuldades poderiam lhe ajudar, não poderia pedir ajuda a quem estava na mesma situação que ele, se referindo aos outros nigerianos.

Enquanto era estudante fazia assessoria para Nigerianos que vinham comprar coisas no Brasil, principalmente remédios, uma vez quando um dono de uma farmácia que disse que não tinha o remédio que procuravam e lhe disse que somente o distribuidor poderia ter, ele teve a idéia de ir direito a este distribuidor e eliminar o intermediário para poder vender mais e com preços melhores, além de aumentar os seus lucros, isto demonstra a boa vontade do brasileiro.

O entrevistado ressalta a importância de estudar, porque ele conseguiu a informação do distribuidor e sabia o que fazer com ela, por isso foi direito a este distribuidor para comprar remédios, com este negócio vendeu 4000 tubos de “Canestem” e com isso o seu lucro foi de mil tubos, e mandou estes mil primeiro para vender, já que na Nigéria estava em falta, Graças a este negócio ganhou dinheiro suficiente para comprar uma passagem para a Nigéria para visitar os Pais depois de três anos aqui sem vê-los.

O único problema que teve foi à dificuldade para a transferência de Juiz de Fora para o São Francisco em São Paulo onde teve muita dificuldade na secretaria, acredita, inclusive, que a secretária da USP não foi com a cara dele e não facilitou nada e que isto aconteceu porque tiveram dois ou três nigerianos que deram muito problema na USP.

O Brasil e a Nigéria não se dão bem no nível governamental, o serviço diplomático brasileiro não consegue negociar bem com a Nigéria, o governo brasileiro não soube aproveitar os estudantes Nigerianos que aqui estavam para facilitar as negociações comerciais, como os Nigerianos são desconfiados de tudo e de todos, um técnico brasileiro que vai à Nigéria negociar não consegue nada.

O governo brasileiro esqueceu todo o valor que os Nigerianos já tiveram aqui no Brasil trazendo muito dinheiro e depois que diminuiu deixaram os Nigerianos de lado.

Têm muito Nigerianos muito bons e muito qualificados aqui, médicos, engenheiros, porém não aparecem, ficam escondidos e não se mostraram, não solicitaram a sua importância.

Os Nigerianos são difíceis para lidar, porque são arrogantes, desconfiados e muitos não querem aprender a língua.

Nunca sofreu racismo direto, frontal, ele diz que o racismo no Brasil é psicológico, se alguém vê um negro na Rua atravessa para o outro lado.

[Interferência da esposa do entrevistado, também negra].

**O negro brasileiro sofre mais preconceito, pois o estrangeiro tem a aura do diferente o que gera muita curiosidade nas pessoas, assim o negro estrangeiro é mais bem tratado no Brasil do que o negro brasileiro.**

**Ressalta ainda que as pessoas acham que os africanos que estão no Brasil são todos Reis no seu país porque a idéia do Brasileiro é que as pessoas normais na África são miseráveis e não tem cultura e dinheiro para viajar para fora.**

[O entrevistado concorda com a esposa e volta a falar.]

**Na época que chegou ao Brasil havia muito respeito ao estrangeiro, mesmo sendo negro, e que isto acabou, em relação aos Nigerianos pelas notícias de jornal, atrelando o Nigeriano ao tráfico de Drogas de forma generalizada.**

**O Brasil da tudo para quem aqui esta. O Brasileiro se protege, mesmo ele (o entrevistado) estando no Brasil há muito tempo sente que se estiver numa competição de trabalho entre ele e um brasileiro sempre vão preferir o Brasileiro.**

**Se a sociedade brasileira não é justa com os brasileiros imagina com um estrangeiro, ela é mais ainda, acha que a sociedade brasileira é muito injusta com os negros, deu exemplo do Celso Pitta, que acha que foi atacado até a morte pelo fato de ser negro, ainda o Joaquim Barbosa é atacado no STF [supremo tribunal federal] e isto lhe deixa muito triste.**

**Se o governo chamar os negros para participar da sociedade de verdade o PIB (produto interno bruto) brasileiro subiria muito, o país inteiro ganharia muito.**

**Os Nigerianos também têm culpa nesta discriminação, porque eles não se mostram, não se dão valor.**

#### Ser imigrante

**Ser imigrante é uma situação complicada, porque ainda é nigeriano, embora tenha pedido a sua naturalização, e isto não só pelo fato de estar aqui, mas pelo fato de amar o Brasil e ter orgulho do Brasil.**

**Ele nunca fala mal do Brasil, porque foi este chão que o recebeu e ele tem muita gratidão, ele sempre reza pela família dele e pelo Brasil.**

[o entrevistado após ficar um pouco pensativo] diz **que considera Brasileiro, os filhos dele são brasileiros, os filhos dele tem espaço no Brasil e não na Nigéria. Tem permanência definitiva com base em filho Brasileiro, aguardando a conclusão do seu processo de naturalização**

**Ia com freqüência à Nigéria, porém, depois que a sua mãe faleceu, em 2002, foi ao funeral dela e não teve mais coragem de ir à Nigéria, mas no ano de 2011 pretende ir lá para ver um irmão que esta doente.**

**Não pretende retornar para a Nigéria, pois aqui se sente em casa mais que na Nigéria.**

**Sempre se identifica como Nigeriano nunca como Africano, quando alguém lhe pergunta se é africano ele explica que é nigeriano, que a África é um continente, as pessoas acham que por ser negro, somos africanos e não sabem distinguir as nacionalidades africanas.**

### Síntese da entrevista 6

Identificação do entrevistado: **não quis se identificar, com receio que as informações poderiam lhe trazer problemas de perseguição.**

Nome: **Mbabe**

Sexo **masculino**

Naturalidade **Nigéria**

Nascimento **1968**, na cidade de **Benin**, capital do estado de **EDO** (estado situado a sudoeste da cidade de Lagos)

Data da chegada ao Brasil **1993**

Profissão **Professor**

Etnia **EDO** (uma das duzentas e cinquenta etnias fora das etnias de maior predominância na Nigéria: Igbo, Yorubá e Hauçaus)

#### Trajatória anterior da família – perfil e status familiar

**Filho mais nove de uma família de classe média, segundo o padrão brasileiro, tinha mais oito irmãos, o pai era funcionário público na sede da administração municipal da cidade.**

**Estudou em escola pública até o segundo grau e cursou Economia na Universidade Benin, embora o custo da universidade fosse muito alto, o fato de seu pai trabalhar no governo lhe proporcionou uma bolsa parcial.**

#### Motivo de Emigrar

**Em 1990 quando se formou trabalhava em um banco local, porém não se sentia feliz com o salário que girava em torno de 250 dólares por mês, embora fosse um bom salário comparado com a média de salários na Nigéria, não havia grandes perspectivas de ascensão na carreira e no salário.**

**Em 1992 um amigo se candidatou para uma vaga no convênio que o governo nigeriano mantém com a USP e isso o incentivou a procurar outro lugar para viver, começando a sua procura por um emprego nos Estados Unidos.**

**Embora fosse formado o mercado nos Estados Unidos é muito fechado para os Nigerianos, eles não contratam, via de regra, Nigerianos para bons cargos, apenas para trabalhos secundários, o que o desmotivou, pois pretendia continuar na carreira de economista.**

**Com a situação ficando cada vez pior devido à corrupção no governo e falta de gestão pública eficiente o povo nigeriano passou a viver em condições cada vez mais precárias, foi quando em maio de 1992 perdeu o emprego devido à crise financeira.**

**Sem emprego e sem perspectivas decidiu tentar a vida em outro lugar e como tinha o amigo morando no Brasil, que lhe falava muito bem do país decidiu vir conhecer o Brasil, como turista.**

### Motivo da escolha do Brasil

Embora tivesse muita vontade de trabalhar fora da Nigéria se sentia inseguro de ir para algum lugar onde não tivesse nenhum conhecido, então o Brasil se tornou uma opção factível, pois tinha o amigo estudando na USP.

Antes de vir ao Brasil procurou informações sobre cursos de pós graduação e oportunidades de trabalho.

Os cursos de pós graduação do convênio Brasil-Nigéria estavam sem vagas, porém gostou das informações sobre o comércio no Brasil e achou que isto seria uma grande oportunidade para ele, pois três de seus irmãos eram comerciantes e compravam produtos de vários lugares do mundo inclusive do Brasil, embora nenhum deles tivesse vindo ao Brasil.

### Trajetória no Brasil

Chegou ao Brasil em julho de 2002, desembarcando em São Paulo com visto de turista, num dia muito frio e chuvoso, isto o assustou já que não gosta do frio achou, num primeiro momento, que este era o clima da cidade e se desanimou de morar aqui.

O seu amigo foi buscá-lo no aeroporto e foram para a casa deste amigo onde morou por seis meses.

Após algumas semanas no Brasil verificou que não era tão fácil conseguir emprego, principalmente na sua área de formações, o mercado era muito fechado para os Africanos em geral.

Por questão de sobrevivência passou a trabalhar no comércio na região central de São Paulo, sempre procurando emprego como economista.

Devido a mandar currículos e manter contato com diversas empresas na cidade de São Paulo encontrou como alternativa ministrar aulas de inglês nas empresas, esta atividade lhe surpreendeu positivamente, pois gostou tanto da experiência que exerce esta atividade até o momento da entrevista.

Hoje tem cinco empresas fixas onde ministra aulas de inglês para os funcionários.

Até 1999 ficou no Brasil como ilegal, tendo se regularizado na anistia que o governo brasileiro concedeu em 1999, mantendo a sua permanência no Brasil com base na anistia.

Tem um relacionamento estável com uma brasileira há três anos e os dois pretendem casar até o final de 2012.

### Como foi acolhido/recebido na cidade:

Logo que chegou ao Brasil achou estranho o fato de não haver muitos negros, acreditava que aqui encontraria mais negros por ser o segundo país do mundo com a maior concentração de negros no mundo perdendo só para a Nigéria.

Mais estranheza ainda quando percebeu que os negros no Brasil não eram valorizados, sendo sempre desprezados pela sociedade.

O entrevistado diz que na Nigéria o preconceito racial não existe, pois todos são negros, existem sim preconceitos por questões religiosas e tribais, mas isto não chega a atingir diretamente o dia a dia das pessoas, isto é uma briga mais no nível

governamental, pela briga do poder do país. Os mais tradicionalistas ainda lembravam muito, na época que era pequeno, da suposta traição que os Yourubas fizeram em relação ao chefe Igbo na declaração da independência e criação do Estado de Biafra.

Aqui no Brasil o entrevistado pessoalmente nunca sofreu atitudes diretas e pessoais de racismo ou preconceito, porém entende que existe este preconceito, pois aos negros é muito difícil arrumar bons empregos, mesmo quando se tem qualificação intelectual igual ou até superior a de um branco.

Acredita que pelo fato de ser estrangeiro este racismo é menor, o entrevistado indica que as pessoas têm muita curiosidade de saber como é seu país, mesmo que muitos sequer têm idéia de onde fica o país no mapa.

Por ser uma pessoa comunicativa, faz questão de esclarecer que os negros estrangeiros que estão no Brasil não são todos nigerianos como acredita boa parte da população e da imprensa. Esta associação é feita principalmente quando a notícia é negativa [embora perguntado diretamente sobre o tráfico de drogas o entrevistado em nenhum momento utilizou esta expressão], assim aproveita qualquer oportunidade que tem para falar que é nigeriano e não africano para que o brasileiro entenda que a África é um continente e não um país.

#### Ser imigrante

Enquanto estava na faculdade nunca pensou em ser imigrante, pois achava que ele tinha que lutar para melhorar o seu país, porém a realidade do mercado de trabalho o fez pensar diferente.

Ser imigrante foi um grande conflito na sua cabeça, pois tinha medo de deixar um lugar que conhecia e tinha amigos e ir para outro totalmente diferente.

Ainda se sente imigrante no Brasil, pois acha que o seu sotaque faz que com as pessoas sempre o lembre que ele não é brasileiro, mas isto não é importante para ele, porque se sente bem no Brasil ama este país e não quer ir embora daqui.

Imigrar foi uma mudança radical na sua vida, tanto a quebra do medo, quanto o aprendizado que a imigração traz comparações com a sua cultura de origem, novas formas de relacionamentos humanos, enfim, abre todo um mundo de possibilidades para a vida. Isto é fascinante e amedrontador, pois, vê-se o quanto as pessoas que não tem a coragem ou oportunidade de sair de seus lugares são manipuladas pelos governantes de seus países, pois lhes falta perspectiva para enfrentar o que lhes é dado.

### Síntese da entrevista 7

Identificação do entrevistado: **não quis se identificar, com receio que as informações poderiam lhe trazer problemas de perseguição.**

Nome: **Vera**

Sexo **feminino**

Naturalidade **Nigéria**

Nascimento **1972**, na cidade de **Achina**, estado de **LAGOS**

Data da chegada ao Brasil **28/05/2002**

Profissão **Missionária religiosa**

Etnia **Igbo**

#### Trajectoria anterior da família – perfil e status familiar

**É a segunda filha mais velha de uma família de cinco irmãos, sendo o pai empresário, dono de lojas de comércio e proprietário de imóveis para locação, considera a sua família de classe alta.**

**Estudou o primeiro e segundo grau em escola pública, não quis fazer faculdade, tinha preguiça de estudar.**

**Toda a família é protestante e muito ligada à igreja, seu pai deixou os negócios para os seus irmãos e foi se dedicar integralmente à igreja.**

#### Motivo de Emigrar

**Desde muito tempo, mais ou menos 1995 sentia no seu coração que deveria pregar a palavra do senhor fora da Nigéria, desde então se preparava para o momento em que Deus determinasse o lugar para onde ela deveria vir.**

**Esta vontade se funda na crença de que existiam pessoas fora da Nigéria que não tinham a palavra de Deus, portanto, era sua missão levar a palavra a estas pessoas.**

**Já que era solteira, não pretendia casar, não precisava trabalhar para ganhar o seu sustento, pois era de família rica, poderia se dedicar a ser missionária em outros lugares além da Nigéria.**

#### Motivo da escolha do Brasil

**Alguns meses antes de vir ao Brasil sonhou vários e vários dias com o Brasil, mas não falou para ninguém.**

O seu Pastor estava viajando durante o tempo que teve estes sonhos e quando voltou mandou chamá-la e lhe disse que Deus havia dito a ele que ela deveria ir para o Brasil para evangelizar.

Ela ficou muito impressionada com isto e confirmou a sua crença que era o chamado de Deus que estava acontecendo, assim não pensou duas vezes, arrumou suas coisas e veio ao Brasil.

[Após contar esta história, durante o depoimento, viu-se que existiam mais fatores sobre a decisão de vir para o Brasil.]

A entrevistada já tinha três primos e um irmão que moravam no Brasil, todos eles, os primos e o irmão vieram para o Brasil para estudar, pelo acordo bilateral Brasil-Nigéria, o primeiro primo veio em 1979 para estudar administração de empresas; o segundo era enfermeiro e farmacêutico, ficou trabalhando no Brasil após se formar; o terceiro se formou em arquitetura, mas voltou pra a Nigéria após a conclusão do curso.

Seu irmão mais velho cursou medicina no Brasil e viveu durante muitos anos aqui no Brasil, teve uma bela carreira este irmão faleceu em novembro de 2010 na Nigéria, a entrevistada convive muito com a cunhada, esposa deste irmão falecido, que é brasileira e tem uma loja de produtos para negros na Galeria do Rock, no centro da cidade de São Paulo.

#### Trajatória no Brasil

Chegou ao Brasil e foi recebida pelo seu primo que era farmacêutico. Morou com ele e sua tia que era pastora de uma igreja aqui no Brasil, no bairro de pinheiros, a mesma da congregação da entrevistada.

[Embora a entrevistada tenha alegado que veio em missão religiosa, ela obteve visto de turista para vir ao Brasil.]

Foi casada no Brasil durante dois anos, mas os brasileiros não valorizam a mulher e isto fez com que ela se separasse. O casamento lhe proporcionou a permanência no Brasil, sendo que continuou com este status até a anistia concedida pelo governo brasileiro em 2009.

Antes de vir ao Brasil tinha muitas informações, pois os primos e o irmão residiam aqui, assim a sua ligação com o Brasil era grande.

#### Como foi acolhido/recebido na cidade:

Quando veio ao Brasil foi muito bem recebida, os seus parentes já tinham amigos por aqui que a acolheram muito bem.

Já sabia que sofreria preconceito racial, embora nunca tivesse saído da Nigéria, até então, os primos e irmão relatavam o preconceito racial que existia no Brasil.

Quando chegou se sentiu muito protegida pelo grupo que conhecia e isto lhe deu forças para sair e se relacionar com os Brasileiros, afirma que não tem medo de nada, a não ser de Deus.

A entrevistada diz que sofre preconceito, atribui isso a três fatores, 1- ser negro, 2- ser estrangeiro, 3- ser mulher.

Estes fatores são muito negativos no Brasil, você não consegue acesso a bons empregos, não tem força política para nada, ou seja, as pessoas não escutam o que estas pessoas têm a dizer.

Em razão de seu trabalho como missionária que o negro sofre muito preconceito, não consegue emprego, e quando consegue é apenas com pequenos salários e sem grande importância.

Indica que o empresário que tem mais preconceito é aquele que nunca viaja, pois os empresários que viajam mais conhecem outras realidades e tem menos preconceito para contratar negros.

Sobre o preconceito com Nigerianos, a entrevistada acha que é muito pior, porque não existe a possibilidade de se mostrar, de provar para as pessoas que você é bom profissional, que é honesto e trabalhador, porque com as notícias de jornal que todo traficante africano é nigeriano as pessoas passam a ter medo dos nigerianos, não distinguindo quem são só traficantes e os trabalhadores.

#### Ser imigrante

Não se sente imigrante, sente que é parte do Brasil, não sente vontade sequer de ir à Nigéria, a única vez que foi à terra natal desde que chegou ao Brasil foi em novembro de 2010 para o funeral do irmão.

[Aqui nos parece que a entrevistada muda completamente o seu discurso, sem perceber, como se as informações fossem coerentes. Quando perguntada sobre o retorno a entrevistada responde que] **não sabe o dia de amanhã, não sabe onde ficará se no Brasil, na Nigéria, nos Estados Unidos ou na Inglaterra, por exemplo, quem manda é Deus, sou apenas um instrumento para que ele possa agir.**

Faz questão de se apresentar como nigeriana e nunca como Africana, acha que os Brasileiros devem saber mais sobre a África, principalmente porque a história do Brasil com a África é muito importante.

### Síntese da entrevista 8

Identificação do entrevistado: **não quis se identificar, com receio que as informações poderiam lhe trazer problemas de perseguição.**

Nome: **Ogeche**

Sexo **feminino**

Naturalidade **Nigéria**

Nascimento **1972**, na cidade de **Lagos**, estado de **LAGOS**

Data da chegada ao Brasil **30/08/1999**

Profissão **professora**

Etnia **Yorubá**

#### Trajetória anterior da família – perfil e status familiar

**É a filha mais velha de uma família de seis irmãos, sendo o pai professor.**

**Estudou o primeiro e segundo grau em escola pública, e cursou línguas estrangeiras na universidade de Lagos**

**A mulher tinha que estudar antes de casar.**

**A família tinha uma boa estabilidade financeira, não eram ricos, mas não passavam necessidades, eram de classe média, como se diz no Brasil.**

### Motivo de Emigrar

Por ter estudado línguas estrangeiras na Universidade de Lagos, queria lecionar inglês fora do país.

Não chegou a procurar outros lugares para emigrar, devido à oportunidade que teve com o seu tio que já morava no Brasil.

Na Nigéria toda família tem um pessoa que mora fora do país para melhorar as condições das pessoas que ficam na Nigéria.

Na sua família tinha o seu tio que morava no Brasil, que convidou o seu pai para vir ao Brasil, porém seu pai não tinha vontade de emigrar, e como ela tinha todas as condições para vir ao Brasil ela veio no lugar do pai para ajudar a família.

### Motivo da escolha do Brasil

Tinha um tio que tinha estudado no Brasil e montou aqui uma escola de inglês e queria professores nativos, assim este tio chamou o pai da entrevistada para vir ao Brasil e pediu autorização para que a entrevistada também viesse ministrar aulas.

O seu tio falava muito bem do Brasil e demonstrava que ganhava dinheiro, isto ela escutou durante uma boa parte da sua vida já que seu tio ia a cada dois anos para a Nigéria convivia muito com a entrevistada.

Todas as histórias do tio fascinavam a entrevistada, assim quando apareceu à oportunidade de vir das aulas de inglês, não teve dúvidas em vir.

### Trajetória no Brasil

Não tive nenhum apoio internacional para vir ao Brasil, nem de qualquer outra entidade de ajuda a imigrantes quando cheguei, meus pais pagaram todas as despesas de voo e a taxa para obtenção de visto.

As únicas informações que eu sabia sobre Brasil era de que se falava português, e era um país com belas mulheres e se dançava samba.

Quando eu desci do aeroporto sem saber qualquer palavra em português, foi difícil. Eu tomei um táxi para a casa dos meus tios, que moravam em um apartamento em Perdizes, infelizmente, ele tinha ido trabalhar. Não pude me comunicar com o porteiro do condomínio.

Depois de tanta linguagem de sinais, ele me ofereceu um banco na recepção para aguardar meu tio.

Minha expectativa quando eu vim para o Brasil era aprender o idioma, samba e o alimento.

Quando eu vim para o Brasil, eu vivi com o meu tio durante um ano, pois tinha que criar estabilidade econômica para poder alugar meu próprio apartamento, meu primeiro emprego no Brasil foi que como professora de inglês

Aqui no Brasil casou com um nigeriano e tiveram três filhos, dois nasceram no Brasil e um nasceu nos Estados Unidos, onde também tem um tio residente.

O seu marido deixou a casa em 2008, a entrevistada não quis deixar o Brasil e não acompanhou o marido que mora na Europa, e desde então trabalha como gerente administrativa de uma empresa de contabilidade.

Atualmente esta cursando administração de empresas no Brasil.

### Como foi acolhido/recebido na cidade:

Minha relação com o Brasileiros e outras pessoas que encontro no Brasil sempre foi cordial, às vezes, por ser um negra, sofreu algumas atitudes de preconceito, por exemplo, lembro-me no elevador do meu condomínio, quando ao encontrar uma mulher ela me pediu para trabalhar como empregada doméstica na casa dela. Eu fiquei muito irritada e respondi que eu moro no mesmo condomínio, da mesma forma que ela.

Fora este episódio não qualquer outro problema no Brasil, sente que as pessoas têm boa vontade de entendê-la, em relação à língua e mostram curiosidade sobre a sua origem.

Em geral, eu acho que Brasileiros são pessoas muito generosas e hospitaleiras, porque eles têm sangue quente que passam em suas veias, ou seja, não são como os europeu que não ligam para as pessoas e que parecem muito frios, no Brasil a gente sente que a pessoas gostas das pessoas.

#### Ser imigrante

Tenho vivido aqui por muito tempo, sendo assim eu me considero como uma brasileira, meus filhos nasceram no Brasil e amam este país.

Mesmo me sentindo brasileira, eu acho que com todo estrangeiro eu vou ter vontade de voltar ao meu país, este é um sentimento para quando eu ficar velha, quando não tiver mais que trabalhar e meus filhos tiverem a vida deles, sem depender mais de mim, aí que vou querer ficar com as pessoas da Nigéria, do meu povo.